



3 1761 07045849 2



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

AS DUAS
FLORES DE SANGUE

ROMANCE HISTORICO

POR

M. PINHEIRO CHAGAS



LISBOA

EMPRESA EDITORA, CARVALHO & C.^a

RUA LARGA DE S. ROQUE, 100



10
7261
P5228

CAPITULO I

O jantar de despedida

Ha na historia do nosso paiz uma particularidade, que dá logo na vista a quem segue com olhar attento as differentes phases da nossa existencia politica. É a perfeita indifferença com que sempre olhámos para os grandes acontecimentos da Europa, o cuidado com que desviámos constantemente os olhos d'esse grande foco do movimento humanitario, e a surpresa que tambem sempre nos accommetteu quando sentimos o effeito terrivel das tempestades de que nos não soubemos resguardar.

Temos protestado tacitamente contra o acaso geographico que nos fez povo da Europa, sem nós termos por fim de contas tendencias europeas.

Senão veja-se.

Nos tempos da nossa grandeza, quando o leão do occidente, estendendo as garras por cima do Atlantico, segurava n'uma d'ellas, fremente e subjugado, o opulento Indostão, e com a outra domava as con-

vulsões desesperadas da hyena marroquina, tínhamos por acaso na Europa a influencia que nos deviam dar os immensos recursos que as nossas conquistas nos subministravam? O ouro da Africa e da Asia prestou a D. Manuel os serviços que o ouro americano prestou a Carlos V? O immenso commercio das Indias deu-nos por acaso na Europa a influencia maritima, que tinha dado outr'ora á república veneziana?

Não, a opulencia portugueza só se revelou por essa inutil fanfarronada da embaixada de Tristão da Cunha!

Enquanto nós olhávamos distrahidos para Goa e para Ormuz, Carlos V e Filippe II. mais europeus, consideravam como meio o que para nós era fim, e aproveitavam os feitos de armas de Cortez e de Pizarro para estenderem a sua influencia e o seu poderio.

E ficámos espantados quando esse colosso, que tínhamos deixado pacientemente crescer ao nosso lado, nos absorven de um trago!

Quando em 1789 o vulcão revolucionario abalou o solo da França e devorou de repente todo o regimen feudal, a Europa monarchica agitou-se e viu com terror as lavaredas incipientes que illuminavam o povo devorando o throno, enquanto não devoravam milhares e milhares de victimas innocentes.

Em Portugal, enquanto Luiz XVI e Maria An-

tonieta eram presos em Varennes, e voltavam á capital escoltados pelos gritos de morte dos seus vasallos rebeldes, a senhora D. Maria I confessava-se e communhava, ia dar a sua volta ás Caldas da Rainha, e o principe seu filho aprendia cantochão com os devotos frades do real convento de Mafra!

É verdade que os seus fieis subditos professavam tambem a mesma estoica indifferença!

Em París o marquez de Lafayette sacrificava á idéa liberal da monarchia representativa o seu nome e o seu valimento de cortezão, o conde de Mirabeau, gigante da tribuna, fazia baquear o throno ao som da sua voz, como outr'ora as muralhas de Jerichó baquearam ao som das trombetas sagradas, o marquez de Favras abria na forcea a immensa lista que se devia continuar na guilhotina, o marquez de Bouillé tentava, com uma audacia e dedicação cavalheirescas, salvar o neto de Luiz XV e a filha de Maria Thereza; todos enfim sacrificavam, uns a sua posição á idéa santa da liberdade que alvo-recêra, outros a sua vida á idéa veneranda da realza que se sumia no occaso.

E em Portugal?

Em Portugal o conde de Villa Nova acompanhava o Santissimo, tocando a campainha; o marquez de Marialva passava tres horas á espera de sua magestade; o duque de Cadaval dansava com as costureiras francezas; o conde de Villa Verde, rodeado

de padres, contemplava da janella as procissões; e os outros figuravam na procissão de *Corpus Christi*. Ouviam, no locutorio do convento das Salesias, as hypocritas parlendas do douto padre Theodoro de Almeida, e iam á rua dos Condes admirar as visagens descompostas das pastoras masculinas que figuravam no tablado do theatro nacional.

D. Jayme de Noronha, conde de Espozende, não participava da indifferença, que os fidalgos portuguezes de então professavam pelas idéas liberaes que despertavam em França. Alguns volumes truncados de Rousseau, atravessando subrepticamente as fronteiras, tinham ido parar ás mãos do moço fidalgo; e, lidos ás escondidas do seu aio e confessor, haviam exaltado a imaginação de D. Jayme, fazendo com que elle acariciasse, a occultas de todos, esplendidos sonhos de regeneração social. Ninguém suspeitava as leituras furtivas do herdeiro da casa de Espozende, e o velho marquez, seu pae, homem rigido e inflexivel, não imaginava que a educação esmerada, que mandára dar a seu filho, tivesse, como tinha, um complemento demócratico.

Não porque o marquez de Espozende passasse tambem a sua vida em beaterios e genuflexões de cortezão. Espirito elevado e intelligencia cultivada, contemplava com tristeza a torrente da philosophia, a qual, inundando e vivificando as classes populares, hervas mesquinhas que até ahi tinham vegetado

miseravelmente á sombra dos robles feudaes, arrancava ao mesmo tempo os troncos caducos da realza e da aristocracia. Percebendo perfeitamente que não havia resistir-lhe, o velho marquez lembrava-se com amargura do tempo em que a espada de um rico-homem era dique sufficiente para as ondas da plebe, revoltas pelo vento de miseros motins.

A reunião dos estados geraes francezes, a actividade do terceiro estado, a adhesão de uma grande parte da nobreza e do clero aos principios democraticos proclamados pelo pamphleto de Sieyès, o juramento do Jogo da Pella, a tomada da Bastilha, o regresso triumphal de Necker, a sessão nocturna de 4 de agosto, a ida de Luiz XVI para París, produziram um effeito completamente differente no velho marquez e no moço conde.

Aquelle espantava-se da cegueira dos monarchas europeus, que não esmagavam logo no principio a hydra nascente das revoluções; este regosijava-se com a victoria dos principios philosophicos, e lastimava não pertencer á nobreza de França para poder, como M. de Montmorency, fazer alegremente ás idéas revolucionarias o sacrificio da sua riqueza e da sua jerarchia.

Percebendo que, por mais obstinadamente que Portugal se conservasse desviado do centro do progresso, haviam de chegar tambem cá raios fulgurantes do sol da liberdade, o marquez de Espozende

tinha querido que seu filho juntasse aos privilégios do nascimento as prerogativas da instrução. Por isso nenhum fidalgo da côrte portugueza podia rivalisar n'este ultimo ponto com D. Jayme de Noronha, cuja educação ia ser completada, no momento em que principiâmos esta historia, com uma viagem pela Europa.

Para sollemnisar a despedida do herdeiro da casa, tinha o marquez de Espozende reunido, no seu palacio de S. José de Ribamar, os parentes e amigos da sua nobre familia. Nada se tinha poupado para dar honra á hospitalidade da casa dos Noronhas. Musicos da capella real, attrahidos pelo oiro do marquez, faziam ouvir suaves concertos, enquanto os nobres senhores da côrte de D. Maria I se entregavam ás delicias da gastronomia. O serviço da mesa era feito com o mais esplendido luxo e com o mais apurado bom gosto.

No momento em que entrâmos sem ser convidados, cousa que nos não é prohibida pelo rifão popular, porque o banquete não era nem de boda nem de baptisado, no momento em que entrâmos chegava o festim á scena final.

Sobre as toalhas de finissimo linho, entre os guardanapos ricamente bordados com brazões e flores, ostentavam-se salvas de prata de relevo admiravel, carregadas de pratos de fructas, que espalhavam no ambiente da sala uma suave fragrancia. As cor-

belhas de morangos gelados campeavam ao lado dos cestinhos de doces mettidos em papel recortado, presente da abbadessa da Esperança, proxima parenta da casa de Espozende. As finas compotas, resultado da industria dos copeiros do marquez, misturavam-se com a marmellada feita pelas brancas mãos das freiras de Odivellas, d'esse convento de galanteadora memoria.

O jantar, começado ás quatro horas da tarde, tinha-se prolongado, e, apesar de se estar em junho de 1791, as sombras do crepusculo tinham surpreendido os convivas, e tinham obrigado a accender as innumeras vélas de cera que serviam para a illuminação da sala. As luzes, scintillando nos crystaes, fazendo brilhar em topasios e rubis liquidos os vinhos da Madeira e do Porto, illuminando com reflexos phantasticos os bordados caprichosos das casacas de seda dos cortezãos, davam á sala um aspecto maravilhoso.

No rosto dos convivas brilhava a animação resultante das frequentes libações. O bispo do Algarve, que honrara a mesa com a sua seraphica presença, tinha as bochechas nédias e morenas, revestidas, senão do verniz de santidade, pelo menos do verniz da divindade... bacclica. O olhar humedecido brilhava resguardado das vistas dos profanos pelos verdes oculos sacerdotaes. O conde de Pombeiro, sentado junto do moço bispo, fallava

pelos cotovellos, e tomava um ar de Mecenás olhando para o brasileiro Caldas, Virgílio mulato do illustre conde, que, sentado humildemente na extremidade da mesa, procurava no fundo dos copos do generoso Madeira um epigramma que o vingasse das satyras do impio Manuel Maria, como elle chamava ao harmonioso Bocage.

No meio da alegria geral os rostos do marquez e do conde de Espozende mostravam uma certa tristeza natural n'esse momento, mas que espantaria todos os que conhecessem o caracter energico do marquez, e o ardente desejo de viajar que o moço D. Jayme alimentava.

No rosto do marquez revelava-se a tristeza sombria e oppressora, que um vago presentimento ás vezes nos desperta. O rosto de D. Jayme mostrava uma inquietação febril e a tristeza impaciente de um coração cheio de mocidade, que não póde ou não sabe ainda supportar a minima desgraça.

As janellas da casa de jantar deitavam para o rio. Ou fosse o desejo de se saborear com a vista do formoso Tejo, vista de que, durante muito tempo, ia ser privado, ou fosse outro motivo qualquer, D. Jayme de Noronha não despregava os olhos das aguas do patrio rio, onde se balouçavam indolentemente e de longe a longe alguns barcos.

Felizmente fez-se sentir quasi debaixo da janella uma bulha de remos, e logo uma viva alegria illu-

minou o rosto de D. Jayme, pouco antes tão tristemente inquieto. O marquez olhou para elle, sorriu-se, e depois, levantando-se, deu signal de finalizar o banquete.

— Se lhes apraz, meus senhores, disse dirigindo-se aos seus convivas, vamos até ás varandas ver o desembarque de meu irmão, que, se me não engano, acaba de chegar.

Todos accederam ao convite, e, precedidos pelo dono da casa, foram encostar-se aos parapeitos para presenciar o desembarque do irmão do marquez de Espozende.

Quando chegaram, estavam saltando em terra dois frades robustos, cujos habitos contrastavam com os rostos asselvajados dos venerandos monges. Atraz d'elles desembarcou um figurão alto e gordo, córado, de voz possante, conservando com todo o rigor o trajar do tempo de D. José, e dando o braço a uma formosa menina, a qual, permittam-me a comparação, parecia uma pomba esvoaçando familiarmente ao lado de um javali.

— Boas tardes, mano marquez, bradou o robusto fidalgo, assim que viu apparecer na janella os convidados, venho a arrebentar com fome. Passo por baixo da mesa, hein? Não pude resistir á tentação de assistir a uma touradasita, que os meus campinos do Ribatejo me quizeram apresentar, e não me lembrou a festa cá de casa. Adeus, Jayme, adeus meu

rapazola, então vae-se girar lá por essas terras! Vaes ver esses hereges malditos, que nem sequer sabem apanhar um boi á unha! Sempre queria que estivesses hoje na tourada! Aquillo é que eram bois claros, de fogo na venta! Davam tão boas sortes, que teu tio não pôde resistir á tentação de saltar para cima de um cavallo e de ir picar um touro. Senhor bispo do Algarve, beijo os pés de vossa excellencia, e peço-lhe a sua sagrada benção, continuou o palrador curvando-se respeitosamente. Seja louvado e adorado o Santissimo Sacramento. Amen.

Persignou-se devotamente, e depois continuou:

— Oh! conde do Pombeiro, por cá! Trazes comigo o homem das modinhas, o Caldas da viola? Ah! lá o vejo! lá o vejo! bons dias, meu amigo, aqui lhe trago um confrade.

E depois, voltando-se para um homunculo roliço, vestido de setim preto, que saíra do bote com um rolo de papeis debaixo do braço:

— Olá! salta um chorrilho de sonetos, e é dar honra á casa de D. Thomás de Noronha, senão mandando-o a você e mais a musa com um pontapé travar conversa com as nymphas do Tejo, como vocês dizem, sôs orates.

Não havia que replicar a tão peremptoria intimação, e Deus sabe o que teriam que aturar os pobres ouvidos dos convidados do marquez, se este não bradasse:

para aqui, homem, senta-te ao pé de mim... foi tou-rada boa devéras! Que pena tenho de ti, meu so-brinho, acrescentou D. Thomás melancolicamente; ires tu por essas terras fóra, sem poderes pregar uma farpa n'um boi, sem ao menos veres uma tou-rada! Pobre rapaz!

— E tem razão, meu tio, hei de sentir vivas saudades da minha patria. As novidades que encontrar em terras estrangeiras, não me hão de fazer esquecer o que me vejo obrigado a deixar.

E levantou os olhos para o sitio onde conversára com sua prima, porém, com grande espanto seu, não divisou junto da janella o perfil gracioso da encantadora Ignez. Desde então foram perdidas para elle as palavras sentenciosas do tio D. Thomás; só vagamente percebeu que o bom do fidalgo chegára, por uma transição um tanto escabrosa, a dar-lhe optimos conselhos sobre picaria. Felizmente o pae de Ignez lembrou-se de impugnar o methodo do Marquez de Marialva; a este desacato de equitação pul-laram indignados o conde do Pombeiro e um velho fidalgo primo dos Espozendes. A discussão correu tempestuosa, mas summamente instructiva, e confesso que não percebo como D. Jayme, em vez de escutar e de admirar os mestres, se aproveitou da occasião para fugir da sala, e ir, guiado por esse instincto dos namorados que nunca os engana, parar ao jardim do palacio.

A lua illuminava com os seus pallidos raios as estatuas pagãs, os tanques de marmore e as ruas de buxo do vasto jardim. Ao longe no Tejo a casta Diana parecia ter sacudido o seu manto sobre as aguas, deixando cair milhões de perolas, que brincavam á superficie. Não corria uma aragem, e o silencio do jardim, a serenidade d'essa noite luminosa, contrastavam de um modo notavel com o ruido da sala do banquete.

O conde D. Jayme cedeu involuntariamente ao doce encanto da tranquillidade. Era esse o porto d'onde ia sair pela primeira vez, para seguir viagem no proceloso mar da existencia. Esse anjo de azas brancas, anjo impalpavel que se chama felicidade, não ficaria ali escondido por traz d'essas estatuas socegadas, enquanto elle ia procural-a no turbilhão do mundo?

Pensando assim, o moço conde tinha affrouxado o passo; encostou-se a uma estatua de Venus, e ficou-se a mirar silencioso a sombra que o luar projectava no chão da rua. Lembrou-se da scena instantanea que se tinha passado junto da janella do salão, e suspirou.

Respondeu-lhe um outro suspiro, suspiro tão ligeiro que se diria ter sido soltado pelos labios de marmore da estatua pagã.

Mas ao mesmo tempo uma outra sombra cruzou-se entre as da estatua e de D. Jayme, e um vestido branco roçou ao de leve pelo corpo do mancebo.

— Ignez! murmurou elle.

— Primo!

— Foi Venus que desceu do pedestal? perguntou o conde sorrindo.

— Galanteios, primo?

— Verdades, formosa Ignez!

— Aqui está por que as damas não acreditam nos homens. Julgam-se obrigados a dizer madrigaes d'estes a todas as senhoras, de maneira que nós nem podemos distinguir o amor verdadeiro do comprimento banal. Ora diga-me, continuou ella um pouco enfadada, porque foi agora incommodar Venus? Quando o encontrei estava meditando ácerca da mythologia?

— Diz bem, prima; foi o espirito que atraícoou o coração. Esta linguagem insípida dos poetas contemporaneos não serve para exprimir os verdadeiros affectos da alma. Não foi n'esse estylo que Saint-Preux escreveu a Julia as suas cartas immortaes.

— Ai primo! tornou Ignez melancolicamente, quem se poderá fiar nos seus juramentos, se a luz do amor que brilha nos seus olhos é bem tenue ao pé das labaredas da sua imaginação, labaredas que alimenta constantemente com essas perigosas leituras? Diga-me: para que lê o primo essas obras estrangeiras, que põem em perigo a sua alma e perturbam o seu repouso?

— Engana-se, prima, tornou Jayme com um li-

geiro movimento de impaciencia, os livros de Rousseau, do eremita de Ermenonville, são as mais sublimes manifestações da idéa de Deus. A sua leitura deleita a alma e tranquillisa o espirito.

— Que heresia! O primo nem receia a Santa Inquisição, nem teme lançar a sua alma no fogo do inferno, lendo os livros d'esses amaldiçoados que insultam o seu rei e offendem o seu Deus?

— Não sei realmente, respondeu Jayme com um tom um pouco desabrido, por causa d'essas pieguiças devotas, que offendiam as suas idéas philosophicas, não sei realmente como a prima falla em cousas que não entende.

— Tem razão, tornou Ignez offendida, sou uma pobre rapariga que não sabe senão o que sua mãe lhe ensinou: ser boa, amoravel, temente a Deus, e respeitadora das santas crenças de seus paes. É pouco, não é verdade? A quem lê esses livros, onde as heroínas fallam a elevada linguagem das paixões romanescas, deve parecer bem semsabor uma donzella, que só sabe dizer o que o seu coração lhe dicta, e amar devéras, oh! bem devéras! um ingrato que lh'o não merece. Tambem que me importa, continuou a pobre menina sem poder conter as lagrimas e desatando a chorar perdidamente, vá viajar, esqueça-se de mim, apaixone-se por algumas d'essas estrangeiras que lêem essas cartas de Julia, enquanto eu só leio as minhas orações, e, depois de

ter gasto o seu coração e a sua mocidade n'esses amores fictícios, volte a Portugal, e procure a sua prima, que a ha de encontrar ou na lousa de um tumulo ou nas grades de um convento.

— Oh! perdoa-me Ignez, balbuciou Jayme caíndo-lhe aos pés, e procurando desviar-lhe as mãos dos olhos chorosos, fui um louco, um infame, mas não chores. Pede-t'ó quem tanto te ama.

— Deixe-me, o senhor é um... mau; já lhe não dou um presente que lhe queria dar.

— Louquinha! Promettendo eu arrepender-me sinceramente, e não tornar mais a dizer cousas que te offendam!...

— Promette? acudiu Ignez, desviando as mãos dos olhos e mostrando o seu rosto infantil inundado de lagrimas, onde principiava a despontar um sorriso, meigo iris do amor depois d'essas tempestades deliciosas.

— Juro-o.

— Veja lá!

— Pelos teus olhos!

— Mau, tambem não sabe senão dizer finezas. Olha, Jayme, continuou ella tirando do peito uma cruz de oiro esmaltada e lançando-lh'a ao pescoço, esta cruz foi herança de minha mãe; guarda-a por amor de mim...

— Nem um instante me hei de separar d'ella.

— E faz bem! herege como é, se não fosse esta

cruz, como havia de resistir ás tentações do demónio?

— Bastava-me para isso a recordação de um anjo.

— Aqui está a sua capa, senhor conde, bradou uma voz grossa a pouca distancia, pôde-lhe fazer mal o sereno.

Ignéz soltou um grito, e fugiu espavorida. D. Jayme, furioso, deu um pulo, e, ao levantar-se, viu diante de si com a cara mais ingenua d'este mundo, e estendendo-lhe a capa com um sorriso obsequioso, o seu desastrado interruptor.

Era um creado alto e magro, trajando a libré da casa de Espozende, de cara encovada e nariz comprido, e sorriso ingenuo aos cantos da bôca. Se Lavater lhe observasse a physionomia, conheceria logo o creado teimosamente servigal.

— Quem te mandou cá vir, Vasco Antonio? bradou D. Jayme enfurecido; pediu-te alguém alguma cousa?

— Vossa excellencia bem sabe que o dever de um creado é prevenir e adivinhar as ordens que ha de receber. Se o senhor conde fizesse essa observação a um creado novo, mas a mim, que sirvo a casa de Espozende desde que vossa excellencia nasceu!

— Mas quem diabo te inspirou essa maldita idéa de vires ter commigo?

— Quando eu vi passar vossa excellencia, for-

mei logo tenção de lhe vir trazer a capa. Vossa excellencia podia constipar-se, e não ha doença tão perigosa como uma constipação. O senhor conde é moço, não se importa com essas cousas, mas a mim, que tenho experiencia, cumpre-me velar pela saude de meus amos. Ponha vossa excellencia a capa.

Conversando e discutindo, tinham-se posto ambos a caminho para o palacio; D. Jayme andando rapidamente para se ver livre das importunações de Vasco; este dando largas passadas sem alterar a gravidade do seu andar, o que lhe era permittido pelo comprimento das suas pernas, e estendendo a capa, a fim de aproveitar a occasião propicia de a pôr nos hombros de seu amo. D. Thomás, se os visse, imaginaria que o bom do Vasco, possuido de subito enthusiasmo pela tauromachia, queria passar á capa o conde de Espozende, que se esquivava ao divertimento.

— Mas quem te pede conselhos, com mil demonios? continuava o conde.

— Ponha vossa excellencia a capa, olhe que não se ha de arrepender. É Vasco Antonio quem lh'o assevera.

— Vae-te com os diabos! bradou o conde exasperado.

— Jayme, disse uma voz sonora e firme ao lado d'elles.

O conde e o escudeiro seguiam um longo parrei-

ral, que do jardim ia ter ao palacio. Detraz de um dos pilares, que sustentavam a latada, saiu um vulto, e a figura bem conhecida do marquez appareceu de repente ao pé dos dois discutidores.

— Jayme, tenho que fallar contigo.

O conde inclinou-se e parou. Vasco, obedecendo a um gesto do marquez, continuou o seu caminho para o palacio, mas, ao passar por ao pé de D. Jayme, aproveitou a occasião, lançou-lhe rapidamente a capa aos hombros, e, alargando as pernas, poz-se a distancia o mais depressa possivel, não sem resmungar por entre os dentes :

— Cabeças levianas! cabeças levianas! Se não fossemos nós, os creados velhos, não sei que seria feito d'estes fidalgos!

O marquez, com uma das mãos mettida nas algibeiras do colete, e com a outra apoiada na bengala, esperou que Vasco Antonio desapparecesse, e, depois, dirigindo-se a Jayme :

— Ouvi a sua conversação com sua prima, senhor conde!

— Meu pae! balbuciou Jayme estupefacto.

— E d'ella concluí, além de muita pieguice, que o herdeiro da minha casa se tem deixado seduzir pelas idéas fataes do seculo em que vivemos.

— Eu, senhor marquez!

— Não o negue! bem sabe que o seu mestre Rousseau detesta principalmente a mentira.

— Não o negarei de certo, tornou D. Jayme, erguendo altivamente a cabeça, os apóstolos das grandes verdades não temem apregoal-as á face do mundo inteiro.

— E é um filho da casa de Espozende quem assim se exprime! disse o marquez amargamente; bem culpados fomos para que o Senhor nos fulminasse com os raios da sua colera, permittindo que os legionarios da legião aristocratica proclamem como virtude a deserção das fileiras sagradas! Onde estão as tradições cavalheirescas da nossa raça? Onde o espirito que nos animava, e que nos fazia formar em valorosa phalange para rodear o solio dos nossos reis? Dispersados pelo egoismo os tripulantes da alterosa nau da monarchia, despedaçados os mastros pelo sôpro do tufão da morté, que sobre nós arrojou o marquez de Pombal, esse baixel gigante, que desprendia as brancas vélas, illumina-das esplendidamente pelo fulgurante sol da gloria nacional, vae prestes a sossobrar nas ondas populares.

— Mas... balbuciou Jayme, attonito da extraordinaria vehemencia de linguagem do marquez.

— Tu vaes viajar, meu filho, continuou o marquez adoçando um pouco a voz, e vaes ver na França o fructo das utopias que proclamas. Fidalgo e christão, verás o diadema de S. Luiz pisado aos pés da plebe desprezivel! Cavalheiro e portuguez, pre-

sencearás os infortúnios de uma rainha, da filha dos Cesares, da bella e virtuosa Maria Antonieta. Vendo as tuas doutrinas proclamadas por esses tigres, has de envergonhar-te d'ellas. E, se não tens pejo de ser collega de um marquez de Lafayette e de um duque de Lauzun, has de córar de ser collega de Bailly e de Barnave, esses rebeldes plebeus.

Jayme calou-se. Aproveitando-se do seu silencio, e fingindo tomal-o como adhesão ás suas doutrinas, o marquez beijou-o, e, dando-lhe o braço, dirigiu-se para casa.

Quando ali chegou, apertou-lhe a mão e disse-lhe :

— Vae-te despedir dos nossos convidados, e vae-te deitar, que tens amanhã que te levantar cedo. Adeus ! Lembra-te sempre de que és fidalgo, e lembra-te de que és christão.

Jayme ficou silencioso. Quando o marquez se retirou, dirigiu-se para a sala, murmurando :

— Que estranho presentimento me invade ! Parece-me que se apaga de todo a lembrança do meu viver anterior, e um novo mundo de idéas me entra na imaginação. Será o que Deus quizer.

E entrou na sala do banquete.

No dia seguinte partiu D. Jayme de Noronha com o seu aio para Italia, paiz por onde devia começar a sua peregrinação.

CAPITULO II

O fidalgo da assembléa

Se o leitor permite, passemos em claro a viagem de D. Jayme, e, mencionando de relance a morte do aio do conde, que falleceu em Marselha, entremos com o nosso heroe na capital do mundo civilisado, para onde elle se dirigiu, sem esperar que seu pae respondesse á carta em que lhe noticiava o fallecimento do bom padre Ignacio, seu aio e confessor.

Nos principios de junho de 1792 apresentava Paris um aspecto maravilhoso. A deusa da liberdade, com a candida tunica, ainda não manchada pelo sangue do Terror, sôlta á brisa do futuro, apparecia aos olhos do mundo, bella e radiante, erguida nos braços de vinte e cinco milhões de entusiastas. Na assembléa legislativa, successora da constituinte, não resoava a tremenda voz de Mirabeau, mas escutava-se em compensação a voz sonora e limpida de Vergniaud, o Girondino. Em torno d'este vulto sympathico agrupavam-se os homens do seu parti-

do, moços, entusiastas, adorando a liberdade, com a mesma paixão com que estremeceriam uma amante, e presentindo que haviam de lhe sacrificar a vida para a não verem, ebria de sangue, passar dos braços de Danton, o leão feroz de setembro, para os braços de Robespierre, a hyena de 1793. Nas salas da assembléa, onde resplendia então a pura e serena luz da democracia, eram poucos os demagogos. A voz hypocrita do deputado de Arras não se fazia ouvir no recinto da camara legislativa, e só, de vez em quando, se escutavam os rugidos de Danton, como um sinistro presagio dos dias sanguinolentos.

Foi n'esta occasião que D. Jayme entrou em París, acompanhado unicamente por Vasco Antonio, seu fiel e serviçal creado.

O espectaculo de um povo inteiro que se erguia, sacudindo com phrenesi e despedaçando os grilhões que ha tantos seculos o atormentavam, mostrando ao infeliz representante dos seus oppressores os pulsos roxeados pelas algemas da monarchia, era para deslumbrar o nosso fidalgo philosopho portuguez. As ondas d'esse mar immenso que se chama París, e que até ahi se tinham ido quebrar respeitosa e no rochedo imponente das Tuilherias, começavam a salpicar as escadas, preparando-se para no dia do vendaval inundarem os salões.

O borborinho da cidade maravilhava D. Jayme.

Em cada praça havia um grupo, cada marco era uma tribuna, onde um Camillo Desmoulins improvisado prégava ao povo as theorias da liberdade, e o odio aos habitantes do palacio real. Nas salas dos clubs, sempre atulhadas de ouvintes, os membros da assembléa legislativa íam conquistar a popularidade que lhes devia dar a corôa dominadora, com que cingissem a fronte quando subissem á tribuna da representação nacional. E as palavras ardentes d'esses oradores da liberdade, caíndo no espirito dos ouvintes, transmittidas por estes aos que não tinham podido escutar, íam excitando toda a massa do povo de París, até chegarem aos arrabaldes mais desviados, como uma pedra, que, caíndo na superficie lisa das aguas de um tanque, vae n'ellas descrevendo circulos concentricos, até enrugar e pôr em movimento a massa inteira do liquido crystal.

Um dos mais fervorosos ouvintes d'esses tribunos populares, um dos mais assiduos frequentadores das galerias da assembléa era o conde de Espozende. Vasco Antonio acompanhava-o, não percebendo a mania de seu amo, que tinha a pachorra de ir ver a gesticulação furiosa d'esses francezes, que, segundo a opinião do homrado escudeiro, se fosse em Lisboa, estariam havia muito tempo na casa de doudos do real hospital de S. José.

Com effeito, o nosso Vasco Antonio não cessava de se espantar, e andava sempre de bôca aberta

pelas ruas de Paris. A singeleza dos fatos que n'essa epocha se principiavam a adoptar, o trajar severo d'aquelles palradores da assembléa, a demolição da Bastilha, e a mania de vender pedras que tinha o actual chefe dos demolidores, o senhor Bailly, davam-lhe que seismar.

Uma vez D. Jayme passou e comprou tambem uma pedrinha, que metten na algibeira com muito cuidado.

— Vossa excellencia permite-me que lhe faça uma observação? disse o escudeiro respeitosaente.

— Faze, sim, meu bom Vasco, respondeu o conde.

— Nós em Portugal temos pedras muito melhores, e aqui em França tambem se encontram a cada canto, sem ser necessario compral-as.

— Esta, tornou D. Jayme sentenciosamente, vale muito; é uma pagina solta de um livro immenso de pedra, onde estavam escriptas com as lagrimas das victimas os crimes da tyrannia.

Por mais teimoso e palrador que o escudeiro fosse, uma resposta tão complicada atarantou o completamente. Metten a viola no sacco e foi resmungando por entre os dentes:

— Bem diz o dictado: Aprender até morrer. Ora como eu havia de saber que se faziam em França livros de pedra! E o meu amigo Simão Thadeu Ferreira, que está todo ancho com a sua officina, como ha de ficar de beigo caído, em eu lhe dando esta novidade, quando voltar para Lisboa.

A casa, onde morava D. Jayme, estava situada na rua dos Jeûneurs; a poucos passos de distancia morava com tres dos seus amigos Vergniaud, o grande orador. Todos os dias pela manhã, D. Jayme, encostado ao parapeito da janella, via passar o vulto melancolico do girondino, que se dirigia á assembléa.

Um dia Vasco Antonio, atraz do conde, entretinha-se em polir muito bem polido o espadim de seu amo, mirando-o de vez em quando com a gravidade propria de tão importante occupação. D. Jayme chamou-o :

— Vasco Antonio!

— Senhor meu amo!

— Vês aquelle sujeito que vae ali pelo meio da rua?

— Sim, senhor; que fraca figura! Parece-se com o irmão porteiro do convento de S. José de Ribamar.

— É um grande homem.

— Lá muito grande não é elle; é muito mais baixo do que eu.

— É o maior orador do mundo.

— Amh! amh! se isso de orador vem a ser uma cousa a modo de prégador, não é elle capaz de chegar aos calcanhares de frei João Jacinto.

E, depois de ter emittido a sua opinião ácerca do chefe dos girondinos, voltou a limpar o espadim com a modestia propria dos grandes criticos.

Na manhã do dia 10 de agosto sentiu D. Jayme pela rua movimento desusado; homens armados extravagantemente corriam na direcção do palacio real, e o sino de rebate fazia ecoar pela cidade as suas sinistras vibrações. D. Jayme desceu precipitadamente a escada, e encontrou Vasco Antonio procurando fazer-se entender da filha do dono da hospedaria, que se ria ás gargalhadas dos tregeitos e das caretas do fiel servidor do conde.

— Que bulha é esta? perguntou o conde dirigindo-se em francez á rapariguinha, que lhe fazia um grande comprimento; o que quer dizer este toque de rebate?

— Ah! senhor, respondeu a rapariga, são os marselezes que se dirigem ás Tuilherias para tomar o palacio á força. Diz meu pae que hoje ha de haver muito sangue derramado por essas ruas.

— Vamos a ver isso. Vem commigo, Vasco Antonio.

— E aonde vae vossa excellencia? perguntou gravemente o escudeiro.

— Que te importa? Segue-me.

— Mas vossa excellencia bem sabe que o senhor marquez não ha de gostar...

— Vem commigo, homem. Agora, se tens medo, vae para o diabo!

— Senhor conde, tome os conselhos de quem tem experiencia; não se vá metter n'essas dansas.

D. Jayme não respondeu. Conhecia o genio teimoso de Vasco, e sabia que discutir com elle era tempo perdido. Por conseguinte desviou-o brusca-mente, abriu a porta e saiu.

Era um facto consummado, e já não havia oppor-se-lhe. Vasco Antonio pegou no chapéu e saiu atraz de seu amo.

Mas a ladainha continuou.

— Porque, se o senhor marquez soubesse, porque isto é uma imprudencia, porque vossa excellencia veja o que faz, tome os conselhos de um creado velho.

D. Jayme não respondia e ia andando. Vasco Antonio calou-se finalmente cansado de monologar.

Começavam-se a ouvir tiros na direcção das Tuilherias. Principiava o combate.

D. Jayme apressou o passo. Os grupos que tinha encontrado no caminho iam-se tornando cada vez mais numerosos. Finalmente achou-se no meio da multidão.

Eram perto de dez horas. O conde tinha chegado ao Carroussel, e, pondo-se nos bicos dos pés, procurava, por cima d'essas cabeças furiosas e ondulantes que o rodeavam, ver o que se passava ao pé das Tuilherias. O sol de agosto illuminava com os seus raios ardentes a massa enorme do paço real. Em torno do palacio agitavam-se confusamente as columnas populares. Começava a luta com os suís-

sos, e os gritos de morte, as ameaças, as vociferações dos assaltantes, a que respondiam os tiros regulares da tropa, denunciavam a vehemencia do combate.

Dois sentimentos lutavam no coração de D. Jayme. Um d'elles, que tinha a sua origem no entusiasmo do pensador e no character ardente do mancebo, impellia-o a caminhar com o povo e a concorrer tambem para a demolição do velho edificio da realza. O outro, alimentado pelas idéas que seu pae procurára incutir-lhe, e pelo espirito aristocratico de que se não podia eximir, impellia-o a abrir caminho pelo meio do povo e a ir pôr aos pés do descendente de S. Luiz o seu valor de portuguez e a sua espada de fidalgo.

Assim hesitando, e absorvido nos seus pensamentos, esqueceu por um instante o que o rodeava. Um movimento da multidão acordou-o d'esse lethargo.

Era um movimento retrogrado. As descargas dos suissos redobravam de intensidade, e a vanguarda dos assaltantes recuando em desordem, comprimia as camadas do povo que lhe ficavam atraz, as quaes, atropellando-se uma ás outras, imprimiam ao todo essa oscillação violenta que tinha despertado D. Jayme.

—Fujam! fujam! Ah! vem os suissos! os assassinos do povo! Vamos á assembléa. Vamos dar cabo do *Veto*, do *Cápeto*, do marido dá austriaca.

E atropellavam-se, esmurravam-se, fugindo de um punhado de suíços, que, commandados por MM. de Salis e Durler, tinham saído das Tuilherias e varriam n'um abrir e fechar de olhos os arredores do palacio.

Levados no turbilhão, esmagados, conservando-se em pé a poder de soccos que distribuiam pelos que lhes ficavam proximos, foram D. Jayme e Vasco arrastados pelos fugitivos até á porta da assembléa.

— Raios os partam! bradou o escudeiro, empurrando um homemzinho que berrava com quanta força tinha: «Morrão os suíços, os assassinos do povo», e que fugia com mais ligeireza ainda do que gritava com força. Raios os partam! Pois vocês fogem d'esta maneira, e eu é que pago as favas! Diabos os levem! Mariolas, tratantes!

Ora, como isto era dito em bom portuguez, os vizinhos de Vasco Antonio não percebiam as palavras, mas entendiam perfeitamente a fidelissima traducção em murros, com que o benevolo escudeiro acompanhava o texto; por isso afastavam-se d'elle o mais possivel, julgando alguns até, attendendo á estranheza da linguagem, que seria suíço da vanguarda atraz do qual viessem as duas intrepidas columnas.

Como disse, tinham chegado ás portas da assembléa. D. Jayme sabia, pelos gritos dos fugitivos, que estava ali o rei. Entrou e dirigiu-se para as gale-

rias. Acompanhava-o Vasco Antonio, limpando o suor e resmungando:

— Tudo isto por causa do senhor conde não ter querido seguir os meus conselhos! Não me querem acreditar!

A sala apresentava uma perspectiva magestosa. Os deputados que, havia pouco, se tinham levantado á voz de Vergniaud para pronunciar o juramento de morrer pela liberdade, estavam dispersos pelos bancos da sala, immoveis e silenciosos, mas fulgurando-lhes ainda no olhar o fogo do patriotismo. Sentado na cadeira da presidencia, Vergniaud contemplava com tristeza a tranquillidade e o aspecto da sala, o aspecto das galerias e o da tribuna onde estava collocada a familia real. O que divisaria o grande orador, contemplando com o olhar do genio o horisonte politico da França? Quando os seus correligionarios saudavam com alegria o sol da republica, que despontava no horisonte, porque estaria sombria a frente do republicano?

Talvez que se desenrolasse a seus olhos, por uma illuminação prophetica, o quadro sinistro do futuro, e no horisonte, que para os outros se avermelharia com a reverberação dos raios do astro liberal, e para elle, com o sinistro reflexo do sangue derramado, entreviesse finalmente a sombria visão de um cadafalso.

D. Jayme contemplou avidamente o panorama da

sala, admirou a firmeza magestosa dos deputados, fitou respeitosa-mente os olhos no rosto solemne de Vergniaud, e finalmente dirigiu-os curiosamente para a tribuna onde estava collocado o rei.

Apesar das suas idéas philosophicas e dos seus principios revolucionarios, D. Jayme era gentil-homem e conservava no fundo do coração os prejuizos e as sympathias das raças aristocraticas. O seu espirito-borboleta era attrahido por todos os esplendores, quer estes dimanassem do foco de luz que reside nas grandes intelligencias, quer fizessem parte da aureola de que as tradições rodeiam as fronte collocadas nas eminencias sociaes. Fascinava-o a belleza da linguagem, a sublimidade das idéas do *Contrato social*; deslumbrava-o a magestade da côrte de Versailles. Enquanto tinha ouvido os esplendidos discursos de Vergniaud, as vehementes improvisações de Isnard e as expansões entusiasmicas de Camillo Desmoulins, julgava-se o primeiro dos republicanos; agora que via Luiz XVI e Maria Antonieta, tendo nas augustas fronte mais do que o diadema dos reis, porque tinham já um reflexo da aureola dos martyres, sentia vacillar as suas opiniões liberaes, e sentia-se levado por um irresistivel attractivo á respeitosa contemplação d'essa familia infeliz.

O rosto sereno e bondoso de Luiz XVI enterneceu-o, deslumbraram-n'o a belleza magestosa e a al-

tivez verdadeiramente regia de Maria Antonieta, infundiu-lhe respeito a angelica tranquillidade da princeza Izabel. N'essa grande catastrophe da realleza todos tres conservaram a dignidade que era propria do seu caracter: Luiz XVI a dignidade de martyr, Maria Antonieta a dignidade de rainha, a princeza Izabel a dignidade de santa. Sentindo as taboas do throno cederem a pouco e pouco aos esforços reunidos dos seus adversarios, Luiz descia os degraus, serenamente, sem lutar, e antes poupando trabalho aos inimigos da monarchia; a filha dos Cesares fazia das ruinas do throno pedestal ao seu orgulho, e apparecia aos olhos da França como a estatua sublime da realleza; Izabel abria as azas candidas, e preparava-se com alegria a desferir o vôo para as regiões celestiaes, quando tivesse cumprido na terra a sua missão de archanjo guardador.

Por isso D. Jayme contemplava com enternecimento os membros d'essa familia, que seu pae lhe ensinára a chamar sagrada, e a que o infortunio dava todo o prestigio, que lhe tinham tirado, no espirito do conde, as verrugas dos oradores dos clubs.

Não seguiremos com o nosso heroe todas as peripeccias d'esse dia memoravel. Essas horas angustiosas para a familia real, horas doiradas para os entusiastas da republica, fel-as comtudo longas para todos a incerteza do exito do combate. Mas as noticias atropellavam-se, e todas eram cada vez mais

favoráveis á causa popular. O nosso heroe seguia com uma attenção febril as discussões da assembléa. A noticia da victoria do povo, as imprecações dos combatentes, que vinham trazel-a e que ameaçavam com o punho fechado a tribuna real, a entrada dos despojos do palacio, o decreto de suspensão de realleza, lido por Vergniaud com voz triste e solemne, a nomeação dos ministros, tudo ouviu e presenciou, sem querer de modo algum ceder ás observações de Vasco Antonio, que instava com elle para irem pelo menos jantar.

Tanto teimou o escudeiro, que finalmente conseguiu ser destacado para ir buscar provisões. Foi e voltou d'ahi a pouco, trazendo pão e fructa, e debaixo do braço a capa do conde, porque, como já sabemos, o fiel escudeiro receiava muito o sereno, e era inimigo figadal de defluxos.

Anoitecêra. Cansados por uma longa sessão, com o espirito fatigado pelas agitações do dia, os membros da assembléa recostavam-se em silencio nos bancos, ou conversavam em voz baixa nos grupos isolados. Ao enthusiasmo succedêra a reflexão, e, acalmada a excitação patriotica, os representantes da França contemplavam com asombro o immenso abysmo que a destruição do throno ia cavar nas instituições, abysmo que lhes competia a elles encher, levantando immediatamente o magestoso edificio da republica.

N'esse momento os mais intrepidlos revolucionarios se arreceiavam do futuro, e, contemplando o aspecto sinistro da sala, não se podiam esquivar ao supersticioso pensamento de verem na mesa da presidencia, tão rodeada de trevas, um triste berço para a nascente instituição. Ao longe os moveis do palacio e os cadaveres queimados defronte das Tuilleries, illuminavam com lugubres reflexos avermelhados as janellas da assembléa.

Se era esse o alvorecer do novo astro politico, tinha bem lividos clarões! Se era essa a aurora da republica, era uma aurora sanguinolenta.

Na tribuna da familia real fitavam-se bastantes olhos com commiseração, bastantes tambem com raiva. Os homens pensadores, aquelles que tinham trabalhado na grande obra da reforma social com a firme convicção de que trabalhavam no melhoramento da humanidade, contemplavam com tristeza essa familia que se tinham visto obrigados a desviar do caminho do progresso. Os outros, os tigres, os habitantes das sombras, os moradores dos attos, que tinham saído á luz do dia por causa do desmoronamento dos andares superiores da sociedade, esses ollhavam para ella com o mesmo odio com que ollhavam para todos os que viviam á luz do sol em quanto elles se rojavam na lama e na sombra.

Luiz XVI mirava tudo com uma inalteravel serenidade, Maria Antonieta oppunha á lagrimas do

desespero, que lhe acudiam aos olhos, o dique do seu orgulho. O delphim dormia.

Ó innocencia!

Nenhum dos movimentos dos personagens da tribuna escapava aos olhos avidos de D. Jayme. Contemplava elle com enternecimento o rosto gentil do principe adormecido, quando viu abrir-se a porta da tribuna, e apparecer ao lado do rosto altivo da rainha o rosto suavemente formoso de uma senhora.

Era a princeza de Lamballe.

D. Jayme não a conhecia, mas um seu vizinho, ardente revolucionario, encarregou-se de o informar, resmungando por entre dentes:

— Ahi vem a favorita. Só faltava esta. Fizeram-n'a boa os que foram ao palacio! Deixaram escapar o demonio da Lamballe!

O vendaval da revolução tinha abatido esse lirio formoso, que tão suave perfume rescendêra outr'ora nos jardins de Trianon! Sem ter a altivez da rainha, a pobre princeza sentíra com mais vehemencia todos os terrores, todas as desventuras d'esse dia fatal! Os seus lindos cabellos desempoados recebiam doirados reflexos da luz das vélas, e formavam em torno do seu rostinho gentil uma adoravel moldura! Apagára-se nos labios o sorriso constante dos seus dias alegres, e as lagrimas caiam, como perolas, dos seus olhos languidos e voluptuosos.

Havia um não sei que de infantil na physionomia da princeza, que dava um indizível encanto ás suas lagrimas. Completamente alheia á politica, não vendo na rainha senão a mulher a quem consagrára a mais ardente amisade, a cunhada do duque de Orleans não tentava disfarçar sequer o seu ardente desgosto. Os seus lindos olhos supplicantes percorreram a assembléa, e, desviando-se com tédio dos rostos ferozes das tribunas, fitaram-se por instante no rosto pallido e nos olhos negros de D. Jayme, cuja physionomia distincta contrastava de um modo notavel com os rostos vulgares d'aquelles que o cercavam.

D. Jayme contemplava-a meigamente, e com uma tal expressão de respeitosa tristeza, que a saboyana, dizendo algumas palavras á rainha, fez-a olhar para o lado do conde de Espozende.

Maria Antonieta mirou-o alguns instantes, e fez depois um gesto negativo, provavelmente para dizer á princeza que o não conhecia.

Não foi necessario mais para excitar a inflammavel imaginação de D. Jayme.

— Não me conheceu no tempo da prosperidade, murmurou elle, conhecer-me-ha no infortunio.

Era uma hora da manhã quando o presidente da assembléa levantou a sessão. Depois de quatorze horas de martyrio, foi enfim permittido á familia real dirigir-se para o misero alojamento que lhe ti-

nham preparado. Alguns commissarios nomeados pela presidencia e uma força da guarda nacional serviam-lhe de escolta.

Os espectadores das tribunas foram accumular-se nos corredores sombrios para verem passar os seus amos de outr'ora, que se tinham transformado em seus escravos. D. Jayme foi entre elles.

Os archotes da escolta illuminavam com vacillantes clarões a turba dos espectadores. D. Jayme, collocado n'um recanto proximo de uma escada, estava completamente na sombra.

Com o rosto acceso em indignação ouviu os commentarios ferozes dos homens do povo sobre a sorte que esperava a familia desthronisada; teve estremecimentos de colera ao ver o modo insolente de alguns dos commissarios; mas, quando viu passar a rainha encostada á princeza de Lamballe, quando contemplou as lagrimas que inundavam o rosto gentil da favorita, tirou dos hombros com um movimento impetuoso a capa que lhe tinha trazido o seu escudeiro, e, lançando-a aos pés da pobre princeza e da rainha infeliz, como Raleigh fizera outr'ora á poderosa rainha de Inglaterra, bradou com voz comovida:

— Logar á realeza! Honra ao martyrio!

CAPITULO III

A princeza de Lamballe

Um grito de espanto saiu de todas as bôcas. Era de uma audacia tão douda a acção do conde de Espozende, que os guardas nacionaes e os homens do povo nem se lembraram de despedaçar immediatamente o temerario fidalgo.

O rei parou, e olhou, com espanto cheio de commoção, para esse desconhecido, que assim arriscava a sua vida para lhe dar uma prova da mais cavalleiresca dedicação. A rainha estremeceu pensando que ia ver derramado a seus olhos o sangue de mais um servidor fiel. A princeza de Lamballe ergueu os seus lindos olhos para D. Jayme, e leu no olhar do mancebo, que se fitava n'ella de preferencia, uma expressão tão ardente, que um vago raio de esperanza illuminou o seu pobre coração.

Isto passou-se n'um segundo. Vasco Antonio, que estava por traz do conde, e que, não percebendo as palavras proferidas por este, comprehendêra perfei-

tamente o perigo da acção, puxára por seu amo, e arrastára-o pela escada abaixo antes que os guardas nacionaes saíssem do torpor em que tinham ficado.

N'um pulo se acharam na rua, e, protegidos pela escuridão, estavam já muito longe da assembléa, quando a escolta do rei se lembrou de correr atraz d'elles. Não encontrando o perpetrador d'esse crime heroico, vingaram-se na capa, e rasgaram-n'a em mil pedaços, como faria um tigre que visse escapar-lhe a preza, deixando-lhe nas garras uma porção do seu vestuario.

Entretanto os dois portuguezes caminhavam a passos largos pelas ruas de París: D. Jayme, seismando n'essa gentil creatura que se chamava a princeza de Lamballe, e que tão estranha impressão produzira no seu animo.

Vasco Antonio resmungava:

— Lá ficou a capa nas mãos d'aquelles malditos, uma capa tão boa que o senhor conde comprára aqui em París, ha quinze dias quando muito.

— É aquella a princeza de Lamballe, pensava D. Jayme, a gentil princezasinha com o seu collo de cysne, com os seus lindos olhos, com o seu eterno sorriso e com o seu corpo encantador. Que impressão produziria sobre ella a acção que pratiquei?

— Ha de ir aos ares o senhor marquez, murmurava o escudeiro, quando souber o que por cá tem

ido. Uma capa riquíssima que eu tinha encommendado e tinha pago em boas libras tornezas!

— Não, continuava D. Jayme no monologo mental, triumphe a revolução, mas sem destruir completamente o edificio social. Os homens são todos iguaes, mas os privilegios do nascimento e da belleza não podem ser violados d'esta fórma. Hei de arrancar a estes tigres uma das prezas que intentam dilacerar. Hei de salvar a princeza de Lamballe, a formosa princeza.

— D'aqui a pouco tempo, com o genio estragado que meu amo tem, apanhava eu a capa que lá ficou provavelmente feita em farrapos.

— Salval-a é o meu dever de gentil-homem. Não a amo, oh! isso não! É impossivel! A imagem de Ignez conservo-a immaculada no meu coração! Como são fascinadores os olhos da princeza!

— Enfim, meu amo ha de comprar outra capa! concluiu o escudeiro.

— Hei de salval-a, concluiu o conde.

Assim absorvidos nos seus pensamentos, chegaram a casa onde encontraram á sua espera a filha da dona da hospedaria, que tinha uma certa predilecção pelo fidalgo portuguez, e cujos sentimentos republicanos se não *effarouchaient* com a festinha na cara que o conde de Espozende lhe fazia sempre que voltava para casa.

D'esta vez D. Jayme não só lhe não fez a costu-

mada festinha, mas nem reparou n'ella: o que foi causa da pobre rapariga se ir deitar com os olhos chorosos, e acordar no dia seguinte com elles *vermelhos.

O conde não se deitou. Passeiando no quarto esteve toda a noite formando mil planos contradictorios para conseguir approximar-se da princeza. Era para tentar salvá-a, dizia elle consigo, mas, como fiel historiador, devo acrescentar que a idéa de ver outra vez aquelles olhos tão meigos, era tambem um dos motivos que o impelliam a tentar essa arriscada empreza.

Desde então não fez D. Jayme outra cousa senão percorrer París, approximar-se do Templo, e ler com anciedade febril os jornaes, esperando ver n'elles o nome da princeza. Encontrava-o com effeito, mas acompanhado sempre de injurias que o enraiveciam e que o obrigavam a desistir d'essa leitura.

Não tendo já na companhia de Maria Antonieta o alimento da sua dedicação, a pobre saboyana caiu n'um estado de prostração e de desesperança atroz. Ás vezes a imagem de D. Jayme, que vira nos corredores da assembléa, illuminada pelo fogo do enthusiasmo, apparecia-lhe de relance como uma visão de esperanza, mas sumia-se logo, augmentando-lhe mais a dolorosa tristeza, porque imaginava que o gentil fidalgo teria perecido victima do seu heroismo.

Uma vez, encostada ás grades da sua janella,

conversava a princeza com uma das suas amigas e companheiras de prisão. Causados de chorar, os seus olhos percorriam com languidez a rua, onde só via rostos inimigos, quando de repente soltou um grito:

— É elle!

— Elle, quem? perguntou a sua amiga espantada.

— Elle, o fidalgo da assembléa! o gentil-homem de olhos negros!

— Aquelle que nos está encarando com tanta attenção, e que nos comprimntou agora?

— Sim, tornou a princeza batendo as palmas de alegria, oh! tenho ainda alguem que pense em mim.

E, louca de prazer, pegou n'um lenço branco, e agitou-o convulsamente, sem pensar nos perigos a que expunha o seu contemplador.

Era D. Jayme com effeito, que voltou para casa, ebrio de felicidade, só por ter visto agitar-se esse lenquinho branco.

No limiar da porta encontrou a filha da dona da hospedaria. Ia a passar, depois de lhe dizer uma amabilidade, quando ella o fez parar.

— Desejava fallar-lhe, senhor conde, murmurou ella, fazendo-se muito córada.

— Estou prompto a ouvil-a, minha linda menina, redarguiu D. Jayme a quem a alegria tornava amabilissimo.

— O senhor está commettendo uma grande imprudencia.

— Eu?

— Sim; e as pessoas por causa de quem pratica loucuras ainda as commettem maiores.

— Não percebo.

— Ou não me quer perceber. Vi-o ainda agora defronte da *Force* comprimentar... as grades provavelmente, e as grades também por cortezia correspondiam-lhe agitando um lenço branco.

— A menina viu?

— Vi, e bom foi que fosse eu. Não faça imprudencias, continuou ella com certa tristeza; confie antes em mim, que sou muito sua amiga, e que lhe posso valer mais do que pensa. Adeus.

E a franceza desapareceu, deixando ficar D. Jayme estupefacto.

Quando desceu para jantar, encontrou-a na sala conversando com um soldado da guarda nacional; assim que viu entrar D. Jayme, disse-lhe, trocando com elle um olhar de intelligencia:

— Deixe-me apresentar-lhe meu irmão, um dos guardas nacionaes que estiveram nas Tuilherias, e que não só não fizeram fogo contra o povo, mas que até o ajudaram.

— Podéra! Queriam talvez que eu defendesse o covil dos lobos reaes! Eu sou defensor da patria, não sou defensor dos tyrannos.

— É um valente muito estimado pelo general Santerre, continuou a rapariga encarando muito

D. Jayme; entra agora de serviço na *Force*. Hei de lá ir visitá-lo.

— Quando quizeres, minha Joaminha; divertir-te-has a ver a cara d'essas desavergonhadas que hão de, tarde ou cedo, ser entregues ao braço vingador do povo.

Um raio de indignação fulgurou nos olhos do conde de Espozende. A rapariga conteve-o com o olhar.

— Quer lá ir um dia connigo? continuou ella, dirigindo-se a D. Jayme. O senhor, que tem idéas tão republicanas, ha de gostar de ver o modo como a nação trata os seus inimigos.

— De certo, respondeu o conde, que percebeu a intenção da rapariga, e que lh'o agradeceu com um olhar expressivo.

— Dar-me-ha muito gosto, retrucou o guarda nacional.

— Se não aproveitar a occasião, será culpa sua, disse a rapariga baixinho a D. Jayme, enquanto seu irmão ia até á janella cantarolando a *Marseillaise*.

— Oh! Obrigado, meu anjo protector.

— Tanto ama essa mulher?

— Mais do que a vida, respondeu o conde com enthusiasmo.

— Faça-se a vontade de Deus, concluiu a rapariga tristemente.

Não tardou muito tempo que a francezinha não

cumprisse a sua promessa. Na noite de 27 de agosto perguntou ella a D. Jayme se estava prompto para a acompanhar. Não hesitou o conde, e, seguido pelo seu inseparavel Vasco Antonio, deu o braço á rapariga e dirigiu-se, com o coração a bater-lhe violentamente, para a prisão que continha dentro dos seus muros a fascinadora princeza.

Joanninha foi calada todo o caminho; quando chegou ao pé da *Force*, pegou na mão de D. Jayme, encarou-o tristemente, e disse-lhe com voz baixa:

— Aproveite-se de tudo, e... e não pense em mim.

E, sem lhe dar tempo de responder, arrastou-o para a porta da prisão.

Entrou sem difficuldade; os guardas nacionaes, já prevenidos, deixavam-n'a passar assim que ella dizia:

— Sou a irmã de Beauvent.

Ao cimo da escada esperava-a seu irmão, que, depois de a beijar e de comprimentar os dois portuguezes, os levou para uma sala, onde estavam reunidos alguns dos seus camaradas, sentados gravemente em torno da mesa.

— Aqui está minha irmã, disse elle, e estes senhores são dois estrangeiros que adoram a revolução e detestam os reis.

— Se todos os estrangeiros fizessem como estes senhores, respondeu emphaticamente um guarda na-

cional, grande frequentador de clubs, e que fallava cosendo os farrapos dos discursos que ouvia, e se reunissem em torno do pendão da liberdade arvorado pela França, em breve estaria o globo livre d'esses monstros que se chamam reis. Os grandes não nos parecem grandes senão por nós estarmos de joelhos. Pois levantemo-nos!

— Isso está escripto nas *Revoluções de Paris*, observou outro guarda nacional, inimigo de plagiarios.

— Quer dizer que me encontrei com Loustalot, tornou o que fallára primeiro, fazendo-se um tanto vermelho. Acontece.

— Tem muita rasão, acudiu D. Jayme, e, se me dão licença, proponho uma saude á extineção completa dos monarchas.

— Apoiado! apoiado! bradaram todos.

Não havia pinga de vinho nas garrafas que estavam em cima da mesa. Quando um dos guardas nacionaes virou para baixo, sem resultado, o gargalo da ultima garrafa, disse D. Jayme:

— Não se pôde mandar buscar?

— De certo pôde.

— N'esse caso, se me dão licença, serei eu quem pague. E, já que estamos aqui todos republicanos, mandemos vir alguma cousa mais, e arranjemos uma ceia em honra da proxima instituição da republica franceza.

Esta idéa foi acolhida por unanimes applausos.

D. Jayme gastou á larga, e d'ahi a uma hora estavam todos reunidos em torno da mesa, incluindo Vasco Antonio, que hesitava em sentar-se ao pé de seu amo, mas a quem este fez um gesto imperioso, que o obrigou a pôr de parte todas as hesitações, que estavam já muito abaladas com o cheiro appetitoso da ceia.

Eram tão bons cidadãos os convivas da guarda nacional, e tantos os perigos que ameaçavam a França n'essa epocha, que não houve remedio senão fazer uma saúde a cada benemerito da patria, a cada homem notavel que possuia a confiança popular, e á prompta desaparição de cada um dos obstaculos que embaraçavam a marcha da revolução.

Fizceram-se saudes a Robespierre, a Danton, a Marat, a Dumouriez, á proxima victoria do exercito francez. Tudo serviu de pretexto para se deitarem abaixo copos de vinho, e foi esse o motivo por que estavam todos bebados á uma hora da noite, exceptuando D. Jayme, Joanninha e Vasco Antonio, que bastante vontade tinha de tomar uma piéla republicana, mas a quem seu amo estava sempre com os olhos a recommendar temperança.

Foi então que principiaram as expansões de vozes dos guardas nacionaes. Insultaram o rei e a rainha, trataram Lafayette com desprezo, e, ebrios de vinho, praguejavam porque os não deixavam

ainda embriagar-se com esse licor vertiginoso que se chama sangue.

Contaram a D. Jayme a historia da capa, disseram-lhe que tinham sido infructiferas todas as tentativas para apanhar o audaz fidalgo, porque este, collocando-se na sombra e safando-se com rapidez, tivera a habilidade de fazer com que ninguem lhe podesse apanhar os signaes. Contaram-lhe finalmente que tinham na *Force* senhoras da mais alta nobreza, a quem elles tratavam com a maior insolencia.

— Faço-as andar em passo de cão, dizia o plagiario de Loustalot, a quem a bebedeira fizera perder a linguagem emphatica de que se servia habitualmente. Ellas agora estão todas deitadas, pois, se eu lá fosse, haviam de saltar para fóra da cama.

— É impossivel! responden D. Jayme.

— Qual impossivel! É como lh'ò digo; era eu chegar e dizer-lhes: Eh! canalha, salta para o chão. Se quizesse lá ir commigo, veria.

O conde conteve a indignação que o invadira, porque um relampago de esperança o illuminou. Estava alugada uma casa proxima, para onde, se o projecto de fuga se levasse a effeito, iria a princeza, desconcertando as pesquisas dos guardas, que a não supporiam de certo a dois passos da prisão. Estava tudo preparado, e, se o acaso o ajudasse, de um instante para o outro a princeza se poderia salvar. Nenhuma occasião devia desaproveitar-se.

Inspirado por esta idéa, o conde replicou soeegadamente, e com um modo de indiferença:

— Ora adeus! meu amigo, ainda está muito costumado a tirar o chapéu ás senhoras da côrte, para que já as trate como diz.

— Não trato? respondeu o guarda nacional, levantando-se irado, pergunte aos meus camaradas.

— Todos gostam de se gabar, tornou D. Jayme, partindo uma empada com a maior placidez.

— Aposto cem escudos contra vinte em como é verdade o que eu digo.

— Vá feito, o meu companheiro tambem entra na aposta; são quarenta por conseguinte. Aqui estão elles.

E D. Jayme, tirando da algibeira um punhado de escudos, deitou-o para cima da mesa.

— Vamos, disse o guarda levantando-se e luzindo-lhe os olhos á vista das moedas.

— Aonde?

— Ao quarto das mulheres.

— Para que?

— Para se decidir a aposta.

— Não vale a pena! Se eu me levantava da mesa em tão boa occasião, para ir ver meia duzia de fidalgas a dormir!

— A aposta está feita, meu amigo; agora não ha remedio.

— Vamos lá, tornou D. Jayme, levantando-se com indolencia; mas que aborrecimento!

— Esperem-me, que eu já volto, disse o guarda nacional para os outros, que se ficaram rindo da boa partida que o seu collega ia fazer ás fidalgas.

Achavam-se desertos os corredores da prisão. Todos os guardas estavam agrupados na sala do banquete. Resoavam lugubrememente nas lages os passos de D. Jayme, de Vasco Antonio e do guarda nacional.

Chegaram á porta do quarto. D. Jayme apertou convulsamente o cabo do punhal, que levava escondido no peito.

— É aqui, disse o guarda nacional parando e mettendo a chave na fechadura.

Abriu-se a porta.

Debilmente illuminado, o quarto das prezas apresentava um aspecto sinistro. Algumas, cansadas de padecer, dormiam nos seus leitos, mas na sombra do quarto ouviam-se os soluços abafados das que velavam, não podendo encontrar no somno um lenitivo, ainda que passageiro, aos seus tormentos.

— Ora ali as tem, disse o francez, quer ver como ellas pulam. Olá...

Não acabou; uma punhalada de D. Jayme, vibrada com vigor e direita ao coração, gelou-lhe o suspiro nos labios. Vasco Antonio correu a elle para completar a obra de seu amo, se o francez ainda desse algum signal de vida.

Não dava, morreu sem ter tempo de soltar um grito.

Então D. Jayme, correndo para as senhoras, que, todas tremulas, não sabiam o que pensar de caso tão inesperado, mas que presentiam no conde um protector, disse-lhes:

— Não se assustem, minhas senhoras, não se perturbem. Venho salvar uma só, porque infelizmente só uma posso salvar. A senhora princeza de Lamballe é de todas a que está mais em perigo pela sua dedicação á rainha. Vista-se, minha senhora, e siga-me. Tenha confiança em mim. Sou o fidalgo da assembléa.

— Oh! bem o conheço, murmurou a princeza, oh! obrigada, obrigada! Eu já o sigo.

— Não perca um segundo, princeza. Ponha qualquer cousa nos hombros, que disfarce o desarranjo do fato. Mas, por amor de Deus, vista-se em dois minutos.

E, para a deixar vestir, D. Jayme saiu para o corredor, onde Vasco Antonio collocava na sombra, e o mais escondidamente que podia, o cadaver do guarda nacional.

D'ahi a instantes saía a princeza. D. Jayme deu-lhe o braço, e, mandando Vasco Antonio para a frente, como vedeta, começou a perigosissima retirada.

A princeza quasi que não podia andar; o susto tinha-lhe tirado as forças.

D. Jayme passou-lhe o braço á roda da cintura,

e, puxando para si aquelle corpo tão fragil, foi-lhe amparando o vacillante caminhar.

Lampiões, pendurados a grandes distancias uns dos outros, não conseguiam dissipar com a escassa luz que projectavam, as trevas aninhadas nos vastos corredores.

O seu mortigo claro servia apenas para povoar de phantasmas as paredes, causando á pobre Lamballe estremecimentos de terror.

E elles, pé ante pé, deslisavam ligeiros como sombras sem respirarem sequer, e procurando reprimir o violento pulsar do coração.

A cada instante algum ligeiro ruido os fazia parar, e a pobre princeza, quasi morta de medo, agarrava-se muito a D. Jayme, e, sem pensar n'outra cousa que não fosse o terror que sentia, escondia a cabeça no peito do conde.

N'essas occasiões passava uma nuvem por diante dos olhos de D. Jayme, sentia um suave torpor coar-se-lhe nas veias, e o demonio da voluptuosidade queimar-lhe o sangue com o seu halito de fogo.

E, apertando phreneticamente esse corpo adoravel, que nenhum homem tinha polluido; corpo gentil, que nunca estremecêra com as caricias de voluptuosidades vulgares; corpo encantador, ao qual Sapho entoaria um hymno delirante, D. Jayme, louco, enebriado, entorpecido por uma ineffavel languidez, debalde tentava com a fria rasão apagar

as chammass d'esse Vesuvio de amor que lhe brotava impetuoso no cerebro.

Sentia que a razão o abandonava.

Estavam já proximos da escada, quando sentiram um rumor de vozes cantando a *Marselheza*. A favorita de Maria Antonieta lançou os braços á roda do pescoço de D. Jayme, e, agarrando-se a elle, bradou com voz tremula de terror:

—Ahi vem os assassinos!

—Nada receie, tornou D. Jayme, a causa do seu terror é a causa da nossa salvação. Os guardas da *Force* estão-se embriagando.

—Oh! salve-me! salve-me! murmurou a princeza, olhando para todos os lados com indizível susto.

E a sua cabecinha gentil, agitando-se, inundava com os lindos cabellos o rosto de D. Jayme. Debalde elle tentava fugir ao voluptuoso contacto; os seus labios tremulos encontravam constantemente esses finos cabellos que estavam como que provocando beijos. As mãos tremulas apertavam as fórmas delicadas do corpo da princeza, que o desarranjo do trajo revelava em todo o seu esplendor. Um movimento de cabeça approxinou de repente a bôca de Lamballe dos labios do conde.

—Oh! salvo-te, sim, murmurou elle com a razão completamente perdida, salvo-te e amo-te.

A princeza nem o ouvia, nem sentia o beijo, tal era o susto de que ia possuida.

N'este momento Vasco Antonio voltou atraz, e approximou-se dos dois. Estavam proximos da porta.

D. Jayme despertou do sonho. Parou, disse em voz baixa á princeza que tinha de representar o papel de irmã de um republicano, papel que felizmente devia ser completamente mudo; e, depois d'isto, tomando o seu passo natural, desceram resolutamente a escada.

— Então já se retiram? perguntou o guarda nacional, que estava de sentinella á porta, e que se achava tambem soffrivelmente bebado, porque saíra da orgia pouco antes da aposta de D. Jayme.

— Vae muito incommodada, mademoiselle Beauvent, disse D. Jayme em tom de segredo.

— Coitadinha! respondeu o guarda nacional, não ha de ser nada. Talvez quizesse ver o fundo a muitas garrafas. Isto de mulheres é um sexo fragil, concluiu elle sentenciosamente.

— Tem razão, tem, respondeu D. Jayme piscando-lhe o olho e rindo-se com muita naturalidade, isto já passa.

— Estimo as melhoras.

E o bom do soldado continuou o seu passeio, cantolando a meia voz:

*Allons! enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé!*

— Estamos salvos, disse D. Jayme assim que se viu na rua.

E todos tres respiraram com liberdade.

Era a primeira vez depois que tinham saído do quarto da princeza.

CAPITULO IV

O dia 2 de setembro

Íam já proximos da esquina, e já viam ao longe a casa alugada por D. Jayme, quando de repente o clarão de muitos archotes inunda a rua por onde íam tomar, e um grupo de voluntarios, que marchavam para o exercito de Dumouriez, e que tinham julgado mais bonito partir de noite, apparece impedindo o passo aos fugitivos.

D. Jayme hesitou um instante; retroceder era denunciar-se á sentinella da guarda nacional que passeiava á porta da *Force*. O unico meio de salvação era atravessar o grupo, procurando passar despercebido.

Assim o fez; infelizmente um homem de cara sinistra, que caminhava ao lado dos voluntarios, aproximou um archote do rosto da princeza, e bradou logo, sem dar signaes de espanto, com uma voz aguda e ironica:

— A senhora princeza de Lamballe costuma passear tão tarde?

A este nome pronunciado em voz tão alta que se ouviu por toda a rua, o soldado da guarda nacional correu para o grupo, dando um grito de espanto; os voluntarios rodeiaram os tres fugitivos, e a princeza de Lamballe caiu desmaiada, soltando um gemido de desesperação.

A primeira idéa de D. Jayme foi deixâr-se matar ao pé da princeza; a segunda foi, lembrando-se de que a sua vida podia ainda ser util á pobre senhora, abrir caminho por entre os voluntarios e fugir.

Como o javali, que, cercado pelos caçadores e reduzido á ultima extremidade, mira com torvo olhar os que o rodeiam, e finalmente, dando um salto imprevisto, rasga impetuosamente o circulo ameaçador, assim D. Jayme, que parecia ter-se resignado á sua sorte, arrancando a espingarda a um dos voluntarios, e deitando-o ao chão com um impulso vigoroso, largou a correr pela rua fóra, acompanhado por Vasco Antonio que lhe seguira o exemplo; porque (prestemos-lhe esta justiça) o bom do escudeiro fazia muitas observações antes de se metter nas arriscadas emprezas a que seu amo o levava, mas depois obedecia cegamente ás indicações de D. Jayme.

Os gritos dos voluntarios davam azas aos dois

portuguezes, mas como por fim de contas podia apparecer algúem que lhes interceptasse a retirada, e podiam tambem ser comprimentados por uma descarga, porque os voluntarios iam correndo e carregando as armas, D. Jayme voltou a primeira esquina que encontrou, e, arrombando uma porta com duas vigorosas coronhadas, subiu ligeiro como um gamo os degraus da escada acompanhado pelo fiel Vasco Antonio.

Os inquilinos da casa nem sequer abriam as portas para ver o que se passava. Já se principiava a fallar em visitas domiciliarias, e os bons burguezes de París nem se atreviam a levantar-se da cama para ir espreitar ao buraco da fechadura, com medo de ver apparecer o rosto sinistro de algum collega de Marat.

Por conseguinte os dois portuguezes subiram até ao cimo da escada sem que pessoa alguma os incomodasse. Começavam-se a ouvir na rua as voçiferações dos voluntarios.

Havia uma fresta que deitava para o telhado. D. Jayme saiu por ella, e atraz d'elle o escudeiro, que pouco trabalho teve para o fazer. Não era pela obesidade que se tornava notavel o corpo do antigo creado da casa de Espozende.

Os dois portuguezes, largando as espingardas, começaram a arrastar-se de telhado em telhado com desprazer de Vasco Antonio, que resmungava:

— Só me faltava esta! Vir a França aos quarenta annos para andar passeiando nos telhados ás duas horas da manhã! Se a minha Brites soubesse d'isto, era capaz de suspeitar que eu andava fazendo a côrte a alguma gata.

E o pobre do escudeiro suspirou. Lembravam-lhe as delicias do palacio de S. José de Ribamar, e, absorvido pelas suas recordações, ia dando cabeçadas em algumas chaminés imprevistas.

— Que noite esta, Senhor meu Deus! continuava o bom do Vasco. Muito tenho eu que contar em indo para Lisboa! Beber pessima pinga em companhia de uns hereges que fallavam esta arrevezada lingua que só meu amo percebe, Deus lhe perdoe! Depois ajudar o senhor D. Jayme a dar cabo de um maroto! Andar pé ante pé nos corredores de uma prisão, indo o senhor conde agarrado... amh! amh! Se a menina Ignez sabe d'isto não ha de ficar muito contente, e a final apanhar uma espingarda, e andar por cima dos telhados como um limpa-chaminés... ui!

Este remate do discurso mental era motivado por uma cabeçada. N'este momento D. Jayme parou, e poz o ouvido á escuta. Os voluntarios tinham encontrado a porta arrombada, e, depois de terem visitado todas as casas dos inquilinos, saíram sem se lembrar do telhado, e continuaram a fazer pesquisas na rua, suppondo que o arrombamento se-

ria para desviar a sua attenção dos outros pontos. Eram os seus gritos já muito distantes que D. Jayme escutava.

Sociegado por esse lado, abriu uma fresta que viu a pouca distancia; desceu muito sociegadamente a escada, e ordenando a Vasco Antonio que tomasse outro caminho, dando-lhe como ponto de reunião para o dia, que já começava a despontar, os Campos Elysios, dirigiu-se rapidamente para casa de um seu amigo, republicano moderado, e girondino entusiasta, com quem travára relações n'um club.

Bateu á porta, e, depois de ter batido repetidas vezes, appareceu-lhe o seu amigo caindo de somno.

— Por aqui a estas horas, conde?

— Venho pedir-lhe um asylo.

— Perseguem-n'o?

— Sim.

— Porque?

D. Jayme contou-lhe tudo. Tinha completa confiança no seu amigo, rapaz da sua idade, entusiasta, franco e possuindo os mais nobres sentimentos.

— Louco! Para que veio a França? Julgava que o estabelecimento de uma grande idéa seria um facto magestoso e esplendido que se realisaria sem haver um grande cataclysmo social? E quando viu o carro triumphal da liberdade despenhar-se por uma vereda que o ha de conduzir por cima de montões de cadaveres ao precipicio da anarchia, quiz sósi-

nho oppor-se á desenfreada carreira! Desvie-se, porque é esmagado! Deixe-se d'essas loucas empresas!

— Não, respondeu D. Jayne com modo sombrio e resolutivo, jurei a mim mesmo salvar a princeza, e hei de salvá-la.

— Mas, infeliz, assim deita a perder a pobre senhora. Salva está ella se não tentar fugir. O duque de Penthièvre tem espalhado immenso dinheiro, dizem por ahi, para a fazer sair da prisão o mais depressa possível. Hébert comprometteu-se a salvá-la. Fique por conseguinte em minha casa, conde, tenho um quarto occulto que ninguem conhece, e onde poderá residir perfeitamente. Olhe que se estão preparando em París dias terriveis. Não sabe o que Danton disse hoje na sessão nocturna da assembléa? Pediu e obteve auctorisação para mandar fazer visitas domiciliarias. Formulou-se um decreto, ordenando que ás duas horas fique suspensa a circulação das carruagens, que não haja sessões nem nos clubs, nem nos tribunaes, que entrem todos os cidadãos para suas casas assim que tocarem os tambores, que se illuminem as habitações á noite, e que barcos armados interceptem o rio nas duas extremidades de París. Todo o cidadão que for encontrado fóra de sua casa será preso por suspeito. Diga-me agora o que faria amanhã? onde se havia de recolher? Aqui está seguro, digo-lh'o eu.

— Tenho um creado a quem dei por ponto de re-

união os Campos Elysios, e não o posso assim abandonar.

— Dê-me um signal para que elle me conheça, e eu lá vou procural-o.

D'ahi a duas horas estava reunido Vasco Antonio com seu amo, e ambos elles estabeleceram o seu domicilio n'um quarto, cuja porta era habilissimamente disfarçada com um armario que girava.

Este quarto mandára-o o girondino fazer para metter o dinheiro e os objectos mais preciosos, por causa dos ladrões, que andavam desenfreados em París, praticando roubos á sombra das desordens publicas.

Foi n'esse quarto que D. Jayme passou quatro dias angustiosos. Não chegava lá um só rumor da cidade. O seu amigo occultava-lhe cuidadosamente os boatos sinistros que corriam em París. Mas na noite de 2 de setembro entrou com a indignação a fulgurar-lhe nos olhos.

— O que tem? perguntou D. Jayme.

— Está deshonrada a revolução! Corre o sangue a jorros nas ruas da capital. Sob um pretexto absurdo, assassinos assalariados pelo ministro da justiça covam-se nos cadaveres dos presos. Esta mancha de sangue, que se vae alastrando a cada instante, basta para innodoar aos olhos dos vindouros as paginas sublimes que a assembléa constituinte escreveu nos fastos da humanidade. Regada com sangue,

a raiz da arvore republicana, ha de finar-se amaldiçoada. Arrancámos dos hombros de Luiz XVI a purpura regia, estamos lançando para cima do berço da republica infantil a horriavel purpura sanguinolenta.

— Estão assassinando os presos?

— Estão. Maillard na *Abbadia*, Hébert na *Force* constituíram-se em juizes supremos, e dão as sentenças de vida e de morte. O homem condemnado sáe por uma porta, e os assassinos que o esperam arrojam-se sobre elle, e praticam barbaridades que horrorisariam os cannibaes. Eu que lhe fallo, vi-os sentados em cima dos corpos mortos comerem e beberem com tanto socego, como se estivessem recostados no mais commodo sophá. Ouvi Billaud-Varennes, membro da municipalidade, dizer-lhes com a voz mais tranquilla: «Valentes cidadãos, sois benemeritos da patria». Ó historia! Com que buril inscreverás nas tuas paginas de bronze estes dias de ignominia?

— Mas responda-me, por amor de Deus! A princeza de Lamballe?

— Vive. Ha de salvar-se, asseguro-lh'ó.

— Faça-me um ultimo favor, meu bom amigo.

— Qual?

— Arranje-me um trajo de homem do povo.

— Para que?

— Não procure dissuadir-me. Quero ir á *Force* ou salvar a princeza ou morrer com ella.

— Não corre perigo. Hébert ha de julgal-a e ab-solver-a.

— Só lhe digo uma cousa, meu bom amigo. Se me recusa o que lhe peço, sáo assim como estou, custe o que custar.

O francez não resistiu mais. No dia seguinte, D. Jayme, vestido com o fato de homem do povo, saía sósinho, porque não quizera de modo algum que Vasco Antonio o acompanhasse, apesar das reiteradas observações do fiel escudeiro.

París apresentava um aspecto sinistro; a maioria do povo, consternada, indignada, mas aterrada também, via passar essas hordas de assassinos que atravessavam a cidade, deixando por toda a parte um longo rasto de sangue. A pomba da liberdade fugira espavorida, e o abutre da anarchia pairava por cima dos cadáveres, batendo as azas com diabolica alegria. Os tigres realistas de 24 de agosto de 1572 saíam dos tumulos para fraternisar com as pantheras republicanas de 2 de setembro de 1792. Carlos IX abraçava Danton, o duque de Guise estendia a mão a Maillard. Uns tinham maculado a bandeira da cruz, outros tinham ensanguentado o pendão da liberdade. Deviam-se entender. Uns e outros deshonravam o testamento sublime do martyr do Calvario. Dos sicarios de Catharina de Médicis desviava os olhos o fundador da religião amante e caridosa. Dos assassinos de setembro desviava os olhos o Democrata Divino.

Cada uma das prisões apresentava um quadro horroroso. Na *Abbadia* mademoiselle de Sombreuil bebia um copo de sangue para salvar a vida de seu pae. Montaubry, queimado, mutilado, esperava deitado um quarto de hora em cima dos companheiros assassinados que as feras decidissem qual seria o genero de morte que lhe haviam de dar. O coronel de Saint-Marc era obrigado a passar lentamente e de joelhos, com uma lança atravessada no corpo, pelo meio de duas alas de assassinos, que o feriam com as espadas, tendo muito cuidado em não o matar de todo para melhor saborearem a vingança. Nos *Carmelitas* o arcebispo d'Arles, o bispo de Beauvais e o bispo de Saintes recebiam da mão dos infames a palma do martyrio. Na *Force*...

É para ahi que se dirige o nosso heroe.

D. Jayme, desviando os olhos com horror dos carros lugubres que encontrava, nos quaes mulheres e creanças, sentadas sobre os corpos ainda palpitantes, riam, pulavam e cantavam, chegou ao pé da *Force*. Havia já algum tempo que o tribunal não atirava com victimas ao povo sanguisedento. Os assassinos impacientavam-se.

— Então não vem mais algum inimigo do povo? bradava um d'elles, arregaçando as mangas e mostrando o braço ensanguentado. Se não mandam alguns dos traidores que estão presos, vou eu buscar os juizes que se fazem traidores.

— Não te impacientes, amigo, tornou um aprendiz de cabelleireiro chamado Charlat, rindo e pisando um montão de cadáveres cujo sangue fazia repuxar em borbotões ainda tepidos; os bons bocados levam tempo a cozinhar. E nós vamos ter agora nada menos do que a Lamballe.

— Que vem absolvida, bradou um novo personagem que saía do tribunal improvisado.

D. Jayme, que ouvira tudo, sentiu reanimar-se-lhe a perdida esperança. Com effeito abriu-se a porta, e a princeza de Lamballe, pallida, tremula, com os lindos cabellos soltos, appareceu encostada a um guarda nacional e a um dos assassinos chamado Truchon, que um interesse occulto fizera seu protector. Com os olhos fechados para não ver a morte, saiu a gentil saboyana. «Os assassinos, desarmados por esta appareição angelica, diz Lamartine na *Historia dos Girondinos*, estacaram diante de tanta belleza». Quando porém lhe foi necessario soltar o grito de *Viva a nação*, que a devia proteger, e, ao abrir os olhos, deu com esse espectaculo horroroso dos assassinos tripudiando em cima das victimas, a pobre princeza recou instinctivamente, poz a mão diante dos olhos, como para repellir uma visão sanguinolenta, e bradou:

— *Dieu, quelle horreur!*

Mas ao mesmo tempo os seus olhos, desviando-se do quadro lugubre, encontraram os olhos negros e

scintillantes de D. Jayme, que se fitavam n'ella, a implorar-lhe um momento de valor. Reanimou-se, e, ajudada por Truchon, pulou por cima dos cadáveres. Mais dois passos, e estava salva. D. Jayme envolvia-a com o olhar, como com um véu que lhe encobria os horrores que a cercavam.

N'esse momento Charlat, o cabelleireiro, quiz divertir-se um pedaço com ella, já que não podia saciar-se com o seu sangue. Com uma lança rasgou-lhe a testa, e uma ferida, ligeira sim, veio logo purpurear aquella fronte pallida. A essa vista não resistem os outros assassinos. Precipitam-se sobre a princeza, apesar da absolvição do tribunal.

D. Jayme de um pulo está junto d'ella, vae cobri-la com o seu corpo, e, para abrir caminho, arranca a espada a um dos populares e corta-lhe a mão já levantada para ferir a princeza. Os assassinos soltaram um grito de alegria; vinha envolver-se na hecatombe uma victima voluntaria.

Com uma acha de lenha Grison prostrou a princeza e com segunda pancada D. Jayme, que foi estrebuxando cair no meio do sinistro montão. Ninguém mais se importou com elle. Esperavam divertir-se tanto com a princeza de Lamballe, que nem deram attenção a esse accessorio.

Quando despertou do desmaio era noite. A brisa fresca do crepusculo brincava-lhe nos cabellos. Tinha a face encostada á face livida de um cadaver.

CAPITULO V

A flor de sangue

Estava consummado o grande crime. Ás datas gloriosas de 14 de julho e de 4 de agosto associavam-se as datas sinistras de 2 e de 3 de setembro. E depois quantas!

O livro da revolução, cuja ultima pagina fôra escripta por Vergniaud, ia ter um supplemento sanguinario.

Quantas vezes não tenho visto jornaes liberaes e democraticos fazerem a apologia do terror! Não nos dão esses acontecimentos tenebrosos como actos dignos de se louvarem; desculpam-n'os como factos inevitaveis!

É a reacção, dizem elles, do povo opprimido durante seculos contra a classe privilegiada e oppressora.

Enganam-se! O povo não foi assassino! O povo tomou a Bastilha e as Tuilherias; mas os homicidas das prisões formaram um grupo infame, abominado

por toda a nação, e que o exercito repelliu com horror, quando elle intentou introduzir-se nas fileiras heroicas dos vencedores de Valmy.

Não! Nós, os partidarios do progresso, devemos repellir energicamente toda a solidariedade d'esses homens com a causa liberal. Nenhum foi defensor da liberdade; foram-n'o todos da substituição da tyrannia demagogica, representada por elles, á tyrannia monarchica representada pelos reis. Danton era um ambicioso, que não trepidava diante de crime algum para alcançar o poder; Robespierre um dictador hypocrita, que queria erigir sobre um horriavel pedestal um protectorado atroz; Marat um cloudo sanguinario, Saint-Just um utopista fanatico.

Não os desculpemos para podermos dizer á escola reaccionaria, a quem essas doutrinas dariam armas para nos combater :

«Nós condemnâmos Robespierre, vós canonisaes Domingos de Gusmão. Nós rejeitâmos as theorias dos homens do terror, vós acccitaes e reverenciaes as theorias de José de Maistre, o apologista do al-goz.»

Mas que! Os livros de José de Maistre, do defensor do *principio da auctoridade*, estão sendo o breviario politico dos democratas da nossa terra.

.....

.....

Se o leitor permite, vamos transpor de um vôo

a França, a bahia de Biscaya, dobrar o cabo Finisterra, pairar por cima da montanha da lua e pou-sar finalmente no magnifico palacio, pertencente ao marquez de Espozende, situado n'um dos sitios mais pittorescos de Cintra.

Entremos n'um pavilhão delineado por Pillement, e que, á semilhança do que o mesmo auctor delineára no palacio de Marialva, representa uma rua de arvores indianas, cujos ramos superiores formam arcos, tendo no centro um soberbo lustre, pendurado da bôca de um dragão, e ornado com magnificos festões de crystal. Na sala, onde em vez de tapetes brilha á luz das vélas uma esteira fina e macia, estão sentados n'um divan oriental o nesso velho amigo D. Thomás de Noronha e o marquez de Espozende. Junto de uma janella aberta, por onde entra o vago clarão do crepusculo, está Ignez sentada, meio escondida pelas dobras das cortinas. O magestoso panorama da montanha desenrola-se diante dos olhos da formosa menina, que o contempla melancolica.

Para Ignez era perigosa a contemplação.

Essa hora em Cintra é suavissima, porém pungentemente suave para os que padecem. O archanjo da melancolia, pallido archanjo que se esconde sob as arvores copadas d'essas pittorescas solidões, vem sempre, nas doces horas do crepusculo, sentar-se nos alcantis da serra, e d'ali, sacudindo as azas

candidas que rescendem um dulcissimo aroma de poesia, derrama no espirito de quem se entrega ao perigoso enlevo do scismar contemplativo, ora a saudade indefinida, ora um vago desejo de amar, ora a tristeza inexplicavel mas pungente.

E Ignez padecia, porque? Vamos sabel-o, se quizermos escutar a palestra do marquez e de seu irmão.

— Com mil demonios, resinungava o tio de D. Jayme, eu sempre te disse que fazias uma grande senhora, mandando teu filho para essas terras de heredes que já o santo padre excommungou, abençoado seja elle! Mas tu sempre te quizeste guiar lá pela tua cabeça, e dar a teu filho uma educação, que, deixa-me dizer-te, não é para se dar a um fidalgo da nossa casa. Um rapaz da familia de Espozende, marquez, deve saber picar um boi com perfeição, montar a cavallo melhor que um Marialva, ser temente a Deus, fiel á rainha nossa senhora, ou antes ao senhor principe D. João, que ora governa estes reinos, e deixar lá essas historias de livreocos aos rusticos da laia d'esse patife de Bocage, que, depois de descompor o conde de Pombeiro, se anda agora a metter commigo e a disparar-me sonetos; se eu o apanho, ou elle fica sem orelhas, ou o meu amigo intendente geral da policia se encarrega, por empenho meu, do seu alojamento.

— Mano Thomás, respondeu o marquez com tris-

teza e interrompendo o interminavel discurso do seu palrador irmão, mano Thomás, a resolução que eu tomei de mandar o Jayme a França foi boa, e o resultado a justificou. Ouça. Meu filho, levado pelo irreflectido ardor da sua idade, abraçava com entusiasmo as idéas subversivas de alguns plebeus francezes a quem Deus concedeu o talento, como outr'ora concedeu a Attila o facho do exterminio. São estes os meios de que o Senhor se serve quando quer castigar uma sociedade corrupta. Mas o facho das intelligencias possui um fatal condão. Tem, antes de lançar fogo á sociedade, uma luz seductora. Fascinou D. Jayme como em França seduziu os Montmorency e os Lafayette. Que se lhe havia de fazer? Mostrar-lhe a chamma destruidora em que se transformára a luz vivificante. A cura era inevitavel. D. Jayme partiu republicano, e voltou realista. Mas deu-se na vida de meu filho um caso terrivel que eu ignoro, e que o transtornou completamente.

— Eu não entendo lá essas cousas que tu dizes, tornou D. Thomás com mau modo, eu sou portuguez e catholico, e não percebo lá essas heresias. Graças á protecção especial da Senhora da Conceição, com quem sempre me tenho apegado. É verdade, verdade, não ha razão de queixa. Mas tornando ao que íamos dizendo: teu filho tinha ajustado casamento com sua prima, e agora vem de

França e não quer casar. Ha de ir tudo pelo pó do gato. Não é lá porque faltem maridos, ha muito fidalgo solteiro, e minha filha póde-se gabar de ser uma formosa menina. Mas é que a pobre rapariga gostava devéras do primo, e já tem um presentimento do que se passou. Olha, lá está ella a olhar para o monte. Parece mesmo uma Santa Magdalena.

— Pobre Ignez! murmurou o pae de Jayme. Ó vendavaes revolucionarios, que julgaes derrubar apenas os robles que vos affrontam, quantas rosas de innocencia não desfolhaes tambem!

Succedeu um silencio de alguns instantes. Ouvia-se o ruido das fontes que corriam debaixo das janellas, e ao longe esse vago murmurio que fluctua nos campos á hora do crepusculo.

Abriu-se uma porta e D. Jayme entrou na sala com a cabeça inclinada sobre o peito, e sem ver nem ouvir o que se passava em torno d'elle. Parou ao pé da janella onde estava Ignez, e fitou os olhos no horisonte, mas tão vagamente que se via que o seu espirito estava a cem leguas d'essa contemplação.

— Deixemol-os sósinhos, disse o marquez para D. Thomás, se o doente se não curar, tendo Ignez por medico, é porque não ha esperanças.

E, pé ante pé, os dois irmãos escaparam-se, sem que D. Jayme reparasse na saída, assim como não reparára na presença.

Ignez, entretanto, contemplava o primo tristemente; a final, vendo que D. Jayme não reparava n'ella, aventurou-se a dizer:

— O que o entristece tanto?

D. Jayme estremeceu; e depois, reparando na prima, inclinou-se para ella, e disse-lhe com um modo affectuoso:

— Estava ahí, Ignez? Desculpe-me! Esta minha cabeça...

— Tão triste quando torna a ver a sua familia! Grande motivo tem!

— Eu?

— O primo, sim! E, não é para reprehendel-o, Deus me livre de tal, mas veio ha tres dias de França, e ainda se não dirigiu a mim. A ausencia é a morte das affeições!

— A ausencia?

— Tão distrahido! Lembra-se da vespera da sua partida? Faça um esforço! Que de protestos que eu ouvi da bôca de um gentil cavalleiro que ia partir, não para combater durante longos annos com os infieis, mas para se divertir durante um anno em terras de christãos! E a rosa do amor guardada n'um peito amante, que não era desbotada outr'ora pelo sopro ardente das batalhas, desbotou-a no nosso tempo a brisa do prazer! Não é verdade, Jayme?

— Ah! Ignez, quanto fui ingrato!

— Confessa-o?

— Que remedio !

— E não se arrepende ?

— Ignez !

— Não ? ! balbuciou a pobre menina com a voz suffocada pelos soluços, que lhe rasgavam o peito, e que reprimia com violento esforço.

— Olhe, Ignez ! Vou-lhe fallar com o coração nas mãos ! Nenhum homem se atira impunemente a um abysmo. Ou morre, ou volta desfigurado á superficie da terra. Eu atirei-me ao abysmo revolucionario, e voltei de lá, Ignez, quasi com cabellos brancos ! Ali os que morrem são os mais felizes. Penetrei n'uma cratera de horrores, e as chammass sanguinolentas d'esses vulcões, bem o sabe, filha, devastam todos os affectos e as rosas do amor não florescem depois de requeimadas. Os olhos, que viram esses espectaculos tenebrosos, já não têm força para se fitar no doce panorama das intimas affeições. Ahi tem a verdade, prima.

O dialogo havia caminhado sempre n'um tom languidamente melancolico, mas estas palavras de D. Jayme tinham sido pronunciadas n'um tom por tal fórma lugubre, que Ignez sentiu percorrer-lhe o corpo um estremecimento de terror.

— Engana-se, primo ! respondeu ella, é tão doce a consolação do lar domestico para os corações que n'elle se refugiam, vertendo sangue pelas feridas que lhes fizeram os espinhos do mundo ! . . .

— Ah! prima, já não posso amar!

— Quer dizer que teve em França alguma paixão devoradora? bradou Ignez, levantando-se impetuosamente, porque essas palavras illuminaram o seu espirito com uma luz medonha.

— E se assim fosse?

— Se assim fosse, tornou ella, deixando-se cair no sophá e não procurando já conter as lagrimas que lhe inundavam as faces, nem os soluços que lhe faziam arfar o seio com violencia: se assim fosse, dizia-lhe: Jayme, eu já não sou sua noiva, sou apenas sua irmã! Confie-me as suas maguas! Conte-me o que padeceu! Hei de achar na minha alma perdão para o seu olvido, e nos meus olhos lagrimas para o seu padecimento. Fallemos n'ella. E hei de rezar tanto a Deus, que se ha de compadeecer de mim, enviando-me o anjo da morte, e de si, enviando-lhe o anjo da consolação.

— Oh! coração de pomba! murmurou D. Jayme.

— E, diga-me, quem é a minha rival? continuou Ignez, affectando mais socego, é formosa? Amou-a muito?

— Oh! bradou D. Jayme, pondo as mãos diante dos olhos, e desviando-se allucinado, não me recordes essa visão horriavel! Ella! Como ía formosa! Que divina expressão no seu rosto lindo! E nada commoveu os tigres! Não morri com ella! Oh! dias de sangue!

Apertou as mãos na cabeça, e depois, fitando em Ignez um olhar desvairado, continuou com um riso convulso :

— A tua rival ! Queres saber qual foi a sua ultima prenda ? Deu-m'a a sua cabeça já separada do tronco, já gotejante de sangue ! Ahi tens a sua derradeira dadiwa ! a rosa que ella tinha não nos seus formosos cabellos louros, mas apertada nos dentes da cabeça decepada ! Ahi lh'a pozera, por escarneo atroz, um d'esses infames assassinos que fizeram correr o sangue em ondas nas amaldiçoadas ruas de París.

E, tirando do peito uma flor secca e desbotada, mostrou-a a Ignez, que recuou convulsa com um grito de terror.

CAPITULO VI

A conversão de um republicano

Dias depois d'esta scena, declarava Ignez positivamente a seu pae que queria professar n'um convento. D. Thomás soltou altos gritos ao ouvir falar em semelhante projecto, e o marquez de Espozende interpoz tambem a sua auctoridade de tio para desviar Ignez de tão funesta resolução.

Uma tarde passeiava o marquez de Espozende com seu irmão, seu filho e sua sobrinha no jardim do palacio do marquez de Marialva. Era ao pôr do sol. Espraiavam-se no horisonte as primeiras sombras da tarde. Ao longe erguia-se o melancolico e sombrio vulto do convento de Mafra. Do outro lado desdobrava-se nos alcantis verdejantes a villa de Cintra. O disco pallido da lua assomava no céu do lado da serra. Era tudo suavidade e doçura n'essa hora de intensa melancolia.

— Em que pensa, prima Ignez? disse de subito D. Jayme, ao ver que a gentil menina, encostando

á mão o puro oval do seu rosto, se quedava n'uma attitude contemplativa e triste.

— Occupa-se com os meus pensamentos, primo? respondeu ella brandamente.

— E porque não? Julga que lhe não consagro ainda o mais affectuoso sentimento?

— Sentimento de irmão! E os irmãos têm sempre cousas que mais os preocupem do que o que póde ser objecto do scismar de suas irmãs! Ellas sonham o que lhes apraz; elles têm as suas esperanças... ou as suas saudades.

D. Jayme calou-se, mas d'ahi a um instante, voltando o rosto para sua prima, disse-lhe baixo, tão baixo que a sua voz era quasi apenas um murmúrio:

— Disseram-me que queria entrar n'um convento, prima?

— E disseram-lhe a verdade.

— E posso-lhe perguntar se concorri, de algum modo, mais ou menos voluntariamente, para essa sua resolução?

— Devia ser negativa a minha resposta, tornou Ignez resolutamente. Nunca fica bem a uma menina confessar que a preocupa o pensamento de um homem que lhe confessou que a não amava. Mas eu acima de tudo sou franca, primo, e não me envergonho de dizer o que penso e o que sinto. O meu coração não muda facilmente, e, quando uma vez

se entregou, nunca mais retoma posse de si mesmo. Amei-o, primo, não lh'o occultei, nem lhe quero occultar que ainda o amo. Não pôde corresponder-me. Compreendo-o bem, e lamento-o; mas, como esse amor era o meu sonho e a minha vida, agora que elle me falta, não posso fazer mais do que entregar a minha existencia a Deus!

— O que! acudiu Jayme vivamente, tão nova! tão linda! ir occultar no fundo de um convento a sua juventude e a sua formosura!

— Então, primo, acha que não devemos dar a Deus senão a nossa velhice e a nossa fealdade? Não escolherão o celeste matrimonio senão aquellas que não podem encontrar um casamento na terra? A vida do mosteiro convem ás minhas predilecções modestas e singelas! Verá que hei de ali ser muito feliz!

E turvava-se-lhe a voz, ao proferir estas palavras, com as lagrimas reprimidas.

— Prima, respondeu Jayme, não falle assim que me dilacera o coração! Se soubesse!...

— O que?

— O que se passa no fundo d'esta alma contradictoria e absurda, que veio ao mundo fadada para todas as desventuras! Se eu lhe dissesse que a amo, prima?

— Agradecia-lhe a generosidade da consolação, mas pedia-lhe que me não tratasse como creança!

— Não tem razão, prima. Escute-me! Eu sou uma cabeça exaltada. Achei-me de subito envolto n'aquelle turbilhão revolucionario de Paris. As desventuras da familia real, e das pessoas que lhe eram dedicadas, impressionaram-me de um modo assombroso. Eu ia preparado para a luta entre homens, e não para o assassinio de mulheres. O vulto nobre e altivo da rainha Maria Antonieta encheu-mé de admiração, mas captivou-me sobretudo a meiga phisionomia da sua amiga, a princeza de Lamballe! Que mal fazia á revolução aquella flor mimosa e modesta? Os instinctos cavalheirescos da minha raça despertaram de subito com ardor no meu espirito. Quiz-me consagrar á defeza d'essa pobre victima. O sentimento de generosidade, exaltado até ao delirio, facilmente tomou o aspecto do amor. Vão sempre mais ou menos por esse caminho os affectos que uma formosa mulher nos inspira.

— Oh! primo! murmurou Ignez com um leve tom de censura.

— Desculpe-me, tornou o conde de Espozende, tomando nas suas mãos a mão branca e tremula de Ignez, mas bem vê que, para eu lhe fazer uma confissão completa, devo ser franco sobretudo. É verdade, julguei que amava apaixonadamente a princeza de Lamballe, mas esse amor vejo agora que não era mais do que uma piedade exaltada, do que uma ardente compaixão. Depois a morte d'aquella

pobre senhora impressionou-me horrivelmente. Quando acordei entre montões de cadáveres, depois de ter debalde tentado defender aquella pobre victima, julguei que a vida era já para mim impossivel. Percorri á toa as ruas de París, e ainda o acaso fatal me fez encontrar um dos algozes ebrios, que passeava com a cabeça da Lamballe espetada n'um ferro de lança. O cabelleireiro infame, que lhe dera o primeiro golpe, metterá-lhe entre os dentes, por zombaria, essa rosa que lhe mostrei. Quiz atirar-me ao maldito, conteve-me Vasco Antonio, que felizmente já me encontrára. Ao passar junto de mim, o ebrio cambaleou, e a cabeça desfigurada da Lamballe rolou-me aos pés.

— Oh! isso é horrivel! exclamou Ignez tapando o rosto com as mãos.

— Estou a vel-a ainda, e essa visão horrivel parece que me matou para sempre a alegria! Estou a ver aquelles cabellos louros empastados com o sangue! aquelle olhar vidrado e fixo! aquellas faces formosissimas conspurcadas de lama! O ebrio levantou a cabeça, praguejando, e lá continuou o seu passeio infernal! Mas aos meus pés ficára a rosa caída da bôca da Lamballe! uma rosa branca com as pétalas sulcadas por largos veios de sangue! Parecia que a pobre princeza, ainda depois de morta, reconheçêra junto de si um amigo, e lhe quizera dar uma ultima prenda, a ultima e a unica dadiva da

sua gratidão e do seu affecto! Aquella rosa dizia-me: Vinga-me! vinga-me d'estes algozes! Vinga-me d'esta republica infame, que assassina as mulheres innocentes!

— Oh! primo, para que havia de ir a París? Para que havia de perturbar a sua vida com esse horroroso episodio?

— Para que fui a París? Para ver de perto a revolução e as infamias que ella commette! para renegar, diante dos cadafalsos e dos carcereiros transformados em açougues, as idéas que eu bebêra na leitura de livros, que são ruins, que devem ser queimados pela mão do algoz, logo que as suas doutrinas dão estes resultados! Ah! prima, a conversão foi radical e completa, posso affirmar-lh'o!

— Pois bem, primo! tornou Ignez, já com um lampejo de esperança. Agora que já conhece os seus erros, agora que já está armado contra as fascinações d'essas theorias que o seduziam, porque não ha de esquecel-as, e viver socegradamente no seio da sua familia, para fazer a felicidade de seu pae... d'aquelles que o amam?

— Ah! não, Ignez, respondeu o conde com torva energia, d'esse modo estaria bem longe de ser completa a expiação! Tenho uma missão a cumprir, e hei de cumpril-a! Tenho de vingar aquella pobre princeza assassinada! Tenho de cumprir as ordens d'esta flor de sangue, que guardo aqui no seio. Sou

portuguez e fidalgo. Demasiado tempo o esqueci. Devo agora lembrar-me. Arma-se a Europa n'uma cruzada contra os impios revolucionarios. É meu dever alistar-me nas suas fileiras. Se Portugal não se arrojar ao combate, irei eu sósinho. Tomarei, não a cruz vermelha, como se fazia na idade media quando se partia para Jerusalem, mas a flor vermelha, a flor de sangue, que é symbolo tambem de um doloroso martyrio, de uma agonia cruel, que tambem me deve servir de signa para me guiar á peleja contra os algozes.

— Bem, primo! murmurou Ignez, forcejando por comprimir os soluços, cumpra o seu dever, saberei cumprir o meu. Com a espada na mão, pugne pelos altares profanados, eu aos pés da cruz, n'um convento, rezarei pelos defensores da tradição e da fé.

— Oh! Ignez!... exclamou o conde.

— O que é, Jayme?

— Se eu ousasse pedir-lhe um favor, uma mercê de que me sinto indigno?...

— Diga!

— Ignez, se uma bala republicana me não matar n'um campo de batalha, se eu voltar á patria depois de ter pago dignamente a minha divida de fidalgo e de portuguez á causa da realza e do martyrio, não encontrarei uma doce mão que aperte a minha, uns labios que me consolem com uma suave palavra de amor?

— Não me disse que já não podia amar? murmurou Ignez perturbada.

— Disse-lh'o, quando suppuz que as commoções tragicas de París tinham para sempre aniquilado a minha existencia moral; mas esta suave atmosphera de Cintra, este brando socego de familia acalmaram-me o sangue e fizeram com que eu me sentisse renascer. A sua angelica imagem, prima, entrou de novo no meu coração como um raio da aurora, senti que havia ainda para mim esperanza, e a possibilidade de ser feliz. Ah! Ignez, consinta que eu leve no coração a lembrança e o sonho do seu amor!

— Como! se a imagem de outra mulher lh'o enche completamente! bradou Ignez com desespero.

— Oh! essa é a que me inspira sentimentos de vingança, e a sua não poderá inspirar-me senão idéas de paz e de ventura. A imagem da princeza de Lamballe não poderá senão exaltar-me o espirito, e a sua, Ignez, será um balsamo para o meu coração.

Houve um momento de silencio.

— Primo, disse enfim a gentil menina, curvando a fronte, não quero que nunca me lance em rosto a minha crueldade! Se entende que de algum modo póde consolal-o a idéa de que eu o espero para lhe dar a minha mão de esposa, tenha a certeza de que o farei. Parta quando quizer, volte quando isso lhe agrade, e eu cá estarei em Portugal para lhe enxu-

gar na frente o suor das batalhas, para o acolher com um sorriso.

— Ah! Ignez, murmurou D. Jayme, beijando-lhe a mão, é verdadeiramente um anjo.

N'essa mesma noite D. Jayme achava-se com seu pae e com seu tio n'uma das salas do seu palacio de Cintra.

— Meu pae, disse D. Jayme, quebrando de subito o silencio que reinava entre os tres, quero pedir-lhe licença para sair de novo de Portugal.

— Tu! murmurou o marquez, olhando com espanto para D. Thomás, porque ambos tinham visto de longe a scena do jardim do marquez de Marialva, e tinham concebido por isso as mais lisonjeiras esperanças.

— Sim! meu pae sabe que o governo da nossa rainha, a senhora D. Maria I, declarou guerra á infame republica franceza. Esta guerra tem verdadeiramente o character de uma cruzada da aristocracia, e parece-me que nenhum fidalgo, que se preze, poderá deixar de tomar a cruz para pugnar por uma causa tão santa. Organisa-se em Lisboa, debaixo das ordens do velho general Forbes Skelater, uma divisão expedicionaria, que deve ir combater ao lado das tropas hespanholas. Muitos fidalgos se alistam como voluntarios. Ao lado dos nomes mais brilhantes da nobreza de Portugal, figuram alguns dos nomes mais fidalgos de França. Comba-

tem os Montmorency á sombra das bandeiras portu-
guezas. Permitta, meu pae, que eu vá expiar os
meus erros, que bem grandes os commetti, alistan-
do-me n'essa legião!

— O que! balbuciou o marquez de Espozende,
não achas que seria occasião agora de saboreares
um pouco os jubilos da familia? Ha tão pouco
tempo que chegaste e já nos queres deixar!

— Meu pae! ponho em pratica as suas lições!
Pois não entende que é um dever sagrado de todos
os fidalgos combaterem pela realeza contra a repu-
blica, pela aristocracia contra a plebe vilissima?

— É justo, mas...

— Mas que diabo! interrompeu D. Thomás, dan-
do um murro na mesa, junto da qual estava senta-
do, isto não é vida! viajar sempre por esse mundo
de Christo! e não parar nem um instante em casa!
Se tu fosses militar, que te pozesses a andar, com
seiscentos diabos! mas, se o não és, deixa-te estar
na tua familia; casa, trata das tuas terras, e, se tens
pouco amor aos jacobinos, nós te arranjaremos o
logar do Pina Manique, e poderás então dar-lhes
caça e engaiolar-os, que não são elles em Portugal
tão poucos como isso! Ora que é forte birra! Tu
tens raça de andorinha, mas nem sequer fazes ni-
nho. Que teima esta!

— Mano Thomás, acudiu o marquez, o Jayme
tem rasão. Os fidalgos não nasceram para estarem

ao canto dos seus solares a fiar como as velhas, ou a picarem um boi e caçarem as lebres. Têm de cumprir, pelo contrario, mais alta missão. Foram esses os exemplos, que os nossos antepassados nos legaram, e que nós devemos seguir. Elles iam pelejar pela fé contra os mouros em Arzilla e contra os gentios na India, nós devemos ir pelejar contra os atheus e contra os republicanos nas fronteiras de Hespanha! Elles combatiam para implantar a cruz nos mais distantes paizes, e para dar esplendor ao throno, nós temos de restaurar um throno abatido, de levantar os altares derrubados. É missão mais nobre ainda.

— Assim o comprehendendo, meu pae, tornou Jayme respeitosaemente, e por isso lhe peço que me dê licença para me alistar como voluntario na divisão do general Forbes.

O marquez empallideceu. Arrastado pelo ardor com que sempre fallava n'esses assumptos, fôra mais longe do que desejava. Dera armas contra si mesmo. Por isso foi balbuciando que respondeu:

— É certo, filho. Nem eu reprovo a tua resolução. Mas a guerra contra a republica não ha de ser, como por ali supõem alguns loucos, um passeio triumphal dos Pyrenéus a Paris. Tenho seguido com attenção os acontecimentos que se passam em França. É terrivel aquelle cataclysmo. A liberdade tem, como a religião, os seus fanaticos. É uma e outra

são effectivamente idéas santas e nobres que devem inspirar ardentes dedicações. O povo francez está fanatisado pelas novas idéas. Combate com desespero. O amor da liberdade aviva-se ainda com o odio ao estrangeiro. Em Valmy derrotaram elles, elles os filhos dos vencidos de Rosbach, as tropas do principe de Brunswick, do discípulo querido de Frederico o Grande. Não poderão de certo resistir á Europa toda colligada, mas a guerra será duradoura. Tens muito tempo para ir occupar o teu posto nas fileiras dos defensores do throno. Pódes conceder-nos mais alguns dias, que abrandarão um pouco o teu espirito amargurado.

— Meu pae, cumprirei em tudo as suas ordens, mas acredite que este repouso, em vez de me socregar, não fará senão consumir-me. Não poderei pensar sem um sentimento doloroso quo os meus compatriotas se estão batendo por uma causa santa, emquanto eu descanso aqui em ocio vil. Esta febre, que me devora, não se acalma, creia, senão na atmosphera ardente das batalhas.

O marquez esteve um momento silencioso, depois, estendendo para Jayme a sua mão fria e pallida:

— Faça-se a tua vontade, filho. Applaudo os nobres sentimentos que te animam, e não levantarei de certo obstaculos ao cumprimento do teu dever.

— Bem! bem! façam lá vocês o que muito bem

lhes approver, interrompeu D. Thomás; mas eu é que tambem preciso de metter em tudo isto a minha colherada. Vamos a saber, senhor meu sobrinho, com todos esses bonitos projectos, o que é feito da minha Ignez? Queres que ella se faça vivandeira, e te acompanhe, ou está tudo acabado, e aquella beijoca, que ainda agora lhe ferraste na mão, meu sonso, foi um beijo de despedida?

— Não, meu tio, respondeu D. Jayme, Ignez, essa boa e santa menina, que tem sempre para mim thesouros de affecto e de indulgencia, prometteu esperar-me, para me dar, á volta da campanha, a sua mão de esposa.

— Esperar-te! Então a Ignez fica-te a esperar agora *per omnia saecula saeculorum*? Que tal está o da rebecca?

— Então, Thomás, interrompeu o marquez, o teu mau humor faz-te esquecer o que nós tínhamos combinado, enquanto o Jayme lá andava por fóra. Não dissemos que seria bom que elles só casassem quando o Jayme completasse os seus vinte e cinco annos, quer dizer, no dia 15 de janeiro de 1798? Porque não havemos de deixar subsistir esta clausula? A Ignez tem hoje dezoito annos, casa aos vinte e tres annos. É uma excellente idade. Eu não gosto dos casamentos prematuros.

— Bem! bem! mas é que o Jayme parece-me que não tem a cabecinha muito no seu lugar, e então...

— E então, disse o marquez sorrindo, tens medo que elle se namore de alguma vivandeira?

— Já não digo mais palavra. Mas eu cá sou contrario a estas dansas continuadas. Emfim, seja o que Deus quizer. A Ignez já não pensa em entrar n'um convento, não é verdade?

— Não, meu tio.

— É o que basta. Lá com isso é que eu me não conformava nem á mão de Deus Padre. Tu, meu rapaz, já que tens o sangue na guerla, vae lá jogar a crista com os francezes, mas volta ao ninho o mais depressa que podéres. E olha se apanhas alguma bala que ficas para ahi aleijado, que a Ignez tem de te servir de muleta! Ora vae com Deus, e que Nossa Senhora da Conceição te traga a salvamento. Apega-te com ella, Jayme, que não ha cousa mais segura. E eu cá vou-me deitar, que estou a cair de somno. Boas noites, meus fagulhas! Sempre Deus me deu um irmão e um sobrinho que nem de commendada!

E rindo, com um bom riso sonoro, D. Thomás saiu da sala, depois de ter apertado vigorosamente a mão ao marquez e ao conde.

Estes ficaram na sala ainda por muito tempo, conversando em voz baixa, e trocando confidencias, palavras de affecto, e de mutua estima. Foi só então que D. Jayme contou a seu pae a historia da sua aventura com a princeza de Lamballe, historia que

já transpirára um pouco, graças a algumas indiscrições de Vasco Antonio, e que chegára vagamente, como os leitores poderam perceber no antecedente dialogo, aos ouvidos de D. Thomás.

Era alta noite quando se separaram, mas ainda assim no quarto do marquez de Espozende não se apagou a véla senão ao romper da aurora. O pobre pae sentia já antecipadamente as saudades de seu filho.

CAPITULO VII

Em Napoles

Foi rapida, mas brilhante para as armas portuguezas, a campanha conhecida pelo nome de campanha do Roussillon. As nossas tropas ainda não tinham perdido o espirito militar, que lhes imprimira o conde de Lippe, e mostraram-se dignas do nome portuguez e dos adversarios que tinham diante de si. Ás victorias porém succederam os desastres, e o fim da campanha foi absolutamente desastroso para os alliados hispano-portuguezes. Enquanto do nosso lado exerceu o commando um habil general, como era sem duvida alguma D. Antonio Ricardos, enquanto no campo inimigo as eternas desconfianças dos representantes da Convenção traziam nas mãos dos generaes o commando instavel, dividido e hesitante, correu-nos tudo ás mil maravilhas. Apenas se mudaram as scenas, quer dizer, apenas começou a haver da nossa parte fluctuações no commando, enquanto do lado dos francezes se concentrava a

directão suprema nas mãos energicas de Dugommier, a fortuna virou-nos as costas, e foi assentar praça no exercito republicano.

Mas as tropas portuguezas, tanto nas victorias como nos revezes, mantiveram sempre bem alta a honra do seu paiz. D. Jayme deu em todos os combates em que entrou provas de incontestavel valentia. Esteve na tomada de Saint-Elme, na tomada de Collioure, no renhido combate de Ceret, foi um dos que sustentaram mais briosamente a retirada das tropas no fatal dia 1 de maio, e na batalha da Montanha-Negra estava, a cavallo, ao lado do general hespanhol conde da União, quando um tiro certo da artilheria franceza despedaçou o bravo, mas inhabil commandante das tropas alliadas.

Depois d'essa terrivel batalha, tão fatal aos hespanhoes, a luta ainda proseguiu por algum tempo, mas esteril em resultados, e tornando cada vez mais critica a situação dos nossos vizinhos. As praças da Catalunha caíam, umas após outras, nas mãos do inimigo. Entretanto o gabinete de Madrid, muito em segredo, e sem prevenir de cousa alguma o gabinete de Lisboa, encetava negociações com o inimigo. Mas ao passo que os seus generaes poupavam quanto podiam as suas tropas, para não arriscar vidas inutilmente na vespera da paz, continuavam pelo contrario a impor ás tropas portuguezas os mais rudes trabalhos e as mais severas fadigas.

D. Jayme presentia as manobras secretas dos hespanhoes, e andava com isso summamente descontente. Um dia encontrou-se com o marquez de Niza, que fôra como voluntario na expedição, e com quem D. Jayme se relacionára muito, e a conversação chegou immediatamente ao assumpto da guerra.

— Eu é que não estou para aturar por mais tempo estes eternos dansadores de boleros. Parto para Lisboa, disse o marquez.

— O que! tornou D. Jayme espantado, porque conhecia bem o character aventureiro do descendente de Vasco da Gama, vae-se metter em casa, ou vae bocejar nas ante-camaras do paço de Cintra?

— Não, mas vou pedir que me empreguem na marinha, que me dêem um commando. A marinha é o meu officio por tradição e escolha.

— Mas para que veio então metter-se nos Pyrenéus? perguntou Jayme sorrindo.

— Porque? porque era a unica parte onde os portuguezes se batiam. Desde o momento que o nosso serviço se limita a marchas e contra-marchas, acho preferivel o do mar. Sabe o que deve fazer, D. Jayme? Venha commigo.

— Para que?

— Para mudar de atmospherá. Verá que lhe agrada o mar. Demais a Inglaterra requisitou do nosso governo alguns navios para o cruzeiro do Mediterraneo, e ahi ha de sempre haver, mais ou menos,

batalhas. Os inglezes tomam estas cousas a serio, e não vão de castanholas para a guerra.

Á indole ardente de D. Jayme sorria esse novo theatro, que se offerecia á sua actividade. Aceitou o offerecimento do marquez de Niza, e partiu com elle para Lisboa. O marquez alcançou immediatamente o commando da esquadilha portugueza do Mediterraneo, e D. Jayme declarou a seu pae que tencionava acompanhar o marquez na qualidade de voluntario.

— 'Tu és o diabo! exclamou D. Thomás de Noronha, apenas soube da resolução tomada por seu sobrinho e approvada pelo marquez. Vaes-te agora metter no mar! Temol-as travadas. Eu sempre ouvi dizer que o melhor é sempre andar cá por onde anda a raposa. Enfim tu lá te entendes, e, como dizem agora que ha por esse mundo de Christo uns sujeitos que sobem ao céu mettidos n'uns balões, estou que tu não deixas ainda de te alistar n'essa companhia. Ora Deus te fade bem! Até o dia 15 de janeiro de 1798 a rapariga cá está. O Thomás não tem senão uma palavra. Mas depois, muito boas noites. Pódes passear á tua vontade por terras e mares, mas a Ignez é que tu não apanhas.

A prima, essa foi singela e meiga como sempre. A volta de D. Jayme fizera-lhe bater o coração de esperanza. Dissipou-se essa esperanza, mas sem deixar no coração grandes amarguras. É que D. Jay-

me mostrára-se de novo com ella terno e affectuoso. Decididamente, a visão fascinadora e sanguinolenta de París ia-se apagando cada vez mais no horisonte. A princeza de Lamballe não era já senão uma sombra vaga e triste no coração de Jayme.

Quando seu primo lhe fallou na sua nova expedição, sentiu Ignez uma dor amarga, contra a qual comtudo reagiu immediatamente. Se o seu casamento não se havia de realisar senão em 1798, não era melhor que D. Jayme passasse os annos que deviam precedel-o no ambiente forte e viril das batalhas, do que no repouso enervador da côrte? Mas se uma bala, se um naufragio? . . . Ah! Ignez empallidecia ao lembrar-se d'isso, mas tinha confiança nas suas ardentes orações.

De todas as pessoas interessadas no destino do conde de Espozende, a mais recalcitrante foi Vasco Antonio. Allegava que estava farto e refarto de andar por terras alheias, e que sobretudo o mar é que lhe não quadrava de modo algum. Embirrava immenso com os naufragios, principalmente porque estragavam a roupa, etc., etc. Mas apenas Jayme lhe disse que, sendo assim, podia ficar em casa do marquez, porque ninguem o obrigava a continuar na senda das aventuras, protestou que não abandonaria o seu amo por motivo algum, e que o seguiria ainda que fosse ao inferno, quanto mais ao mar.

Jayme partiu, e os primeiros annos do cruzeiro não corresponderam, nem á sua expectativa nem á expectativa do marquez de Niza. As batalhas navaes escasseavam. Muitas vezes vinha fundear a Lisboa, e sempre tinha occasião de correr a abraçar seu pae e seu tio, e de ir ver se a formosa Ignez conservava inalteravel o affecto que lhe promettêra guardar. Encontrava-a sempre gentil, e meiga, e boa, e ella de cada vez o achava melhor, mais apaixonado, mais entregue ás risonhas esperanças do futuro. É que effectivamente o doce olhar de Ignez estava sendo para o conde de Espozende como que o pharol, cuja luz suavissima envia aos navegantes através da escuridão nocturna uma recordação da patria e da familia. Á noite, nas longas horas que passava na tolda, ficava-se tempo esquecido a mirar as ondas, e a acariciar com o pensamento a imagem de sua gentil prima. O vulto da princeza de Lamballe, esse já não lhe apparecia senão de longe a longe, como a figura de um anjo, pallido e triste, que lhe surgia entre as nuvens de um pesado medonho. Inspirava-lhe porém, de cada vez que lhe apparecia, um odio mais intenso contra os republicanos, contra esses homens que não hesitavam em assassinar mulheres fracas e indefezas.

No principio do anno de 1798 estava o marquez de Niza em Lisboa com a sua esquadrilla, quando recebeu ordem de levantar ferro, e ir juntar-se im-

mediatamente á esquadra ingleza, que, debaixo do commando de Nelson, cruzava no Mediterraneo.

Era esse o anno fixado para o casamento do conde de Espozende com sua primã, e o marquez foi o primeiro a aconselhar a seu filho que não partisse; mas o conde fez-lhe sentir respeitosa e que lhe não ficava bem separar-se dos seus companheiros, exactamente quando todas as probabilidades indicavam que teriam emfim de combater. O marquez respondeu-lhe que elle já dera no Roussillon provas bastantes da sua coragem, para que ninguem podesse suspeitar que fôra por falta de brios que se resolvêra a desembarcar. Jayme redarguiu-lhe que as façanhas do Roussillon estavam esquecidas, que essa campanha fôra a final infeliz, que as retiradas, por mais brilhantes que sejam, nunca cercam de muito gloriosa aureola a fronte dos que fogem, e que ardia por combater n'uma batalha naval, á sombra da bandeira portugueza, tão affeita a tremular á brisa das pelejas maritimas.

O marquez resignou-se com tristeza, D. Thomás mandou cordialmente para o diabo o seu aventureiro sobrinho, e Ignez disse-lhe:

— Primo, Deus me livre de contrariar as suas predilecções, mas deixe-me dizer-lhe que é pouco ardente o amor de quem só deseja, com todos os pretextos, desviar para bem longe a epocha em que o casamento deve coroar os nossos votos mais queridos.

— És injusta, Ignez, respondeu Jayme, amo-te e aneeio pelo momento em que possa ligar á minha a tua sorte, mas, antes de entrar na vida serena da familia, quero sentir na minha consciencia que sou digno do teu amor, quero conquistar, ao lado dos meus irmãos de armas, o direito de vir depois repousar nos teus braços.

Ignez suspirou, sem responder.

Effectivamente, como Jayme dissera a seu pae, todas as probabilidades indicavam que a campanha maritima, que a esquadilha do marquez de Niza ia emprender, não seria tão socegada como as anteriores. Apparecêra no horisonte da republica franceza um novo astro, ameaçador para os outros povos. Nas fileiras do exercito francez, tão fecundas n'essa epocha em admiraveis generaes, brotára de subito uma vocação, que não tardára a offuscar todas as outras. Um moço capitão de artilheria, natural da Corsega, revelára no cerco de Toulon talentos tão notaveis, que logo chamaram para elle a attenção dos seus collegas e dos seus superiores. Um anno depois, esse capitão de vinte e cinco annos, já promovido a general com a rapidez com que se operava na republica franceza a ascensão na escala militar, salvára em París a Convenção, ameaçada por um motim da plebe. O reconhecimento do governo, mais ainda do que a confiança inspirada pelos seus talentos militares, dera-lhe um commando importan-

te, o do exercito da Italia. O general Bonaparte, assim se chamava esse joven favorito da fortuna, derrotára os exercitos austriacos com uma rapidez fulminante, n'um momento se assenhoreára da Italia superior, e, passando os Alpes, chegára quasi ás portas de Vienna. Só uma paz humilhante podéra salvar o imperio germanico de uma ruina completa. Bonaparte, em compensação, obtivera no seu paiz um incalculavel prestigio. Fôra recebido em París quasi como um triumphador romano, e desde logo se presentiu que a sua espada havia de pesar de um modo decisivo na balança dos destinos da França.

O seu espirito irrequieto não adormecêra porém sobre os seus louros, e procurava com afan novas occasiões de se distinguir, de se manifestar em todo o esplendor. Não tardára a espalhar-se a noticia de que a França preparava mysteriosamente uma expedição maritima, que devia ameaçar a Inglaterra ou directamente ou nos seus alliados. Em Toulon trabalhava-se com afino de dia e de noite para se preparar uma esquadra formidavel. Sabia-se mais que era o joven general Bonaparte quem dirigia essa expedição, cujo fim era completamente ignorado.

A Inglaterra fez mil supposições diversas, e uma d'ellas foi de que a expedição projectada devia intentar a conquista de Portugal. Tambem essa idéa acudiu ao nosso governo, que se mostrou seriamen-

te assustado com isso. O ministerio inglez deu ordem aos seus almirantes, Jervis e Nelson que redobrassem de vigilancia. Nelson sobretudo, mais especialmente encarregado do cruzeiro do Mediterraneo, percorria esse mar em todos os sentidos, espreitando anciosamente o horisonte, á espera a cada instante de ver surgirem as vélas da esquadra franceza.

Saiu ella emfim de Toulon, mas com tanta fortuna que Nelson só d'isso teve conhecimento, quando soube que a expedição franceza, cujo destino ainda ignorava, tomára de passagem a ilha de Malta. Correu á sua procura, mas ainda d'essa vez a não encontrou, e foi achal-a emfim, fundeada em Alexandria, depois de ter já desembarcado as tropas francezas commandadas por Bonaparte.

O fim da expedição era o Egypto, exactamente talvez o unico ponto em que não tinham pensado os conjecturadores. E o motivo que levára Bonaparte era o poder d'ali ameaçar o dominio inglez na India.

Nelson quiz vingar-se por uma vez do logro de que fôra victima e das fadigas do seu cruzeiro, e atacou a frota franceza. Levado por idéas cavalheirescas, o almirante Brueys, em vez de recusar a batalha, acceitou-a, e foi completamente batido. A morte é que lhe poupou o desgosto de ver a sua esquadra completamente destruida. Bonaparte esse es-

tava bloqueado no Egypto. Ao receber a noticia do desastre, que lhe interrompia as communicações com a mãe patria e o privava da possibilidade de retirar, Bonaparte affectou a maior serenidade; mas no fundo do coração estava devorado pela colera e pelo desespero. Essa colera trahiui-se pouco depois, e trahiui-se á nossa custa. O marquez de Niza não assistiu á batalha naval de Aboukir, mas chegou no dia seguinte. Bonaparte, ao sabêl-o, inseriu n'uma ordem do dia, dirigida ao seu exercito, as seguintes palavras: «Virá tempo em que a nação portugueza pagará com lagrimas de sangue a affronta feita á republica!»

Mas, como se vê, decididamente a esquadilha portugueza tinha sina de não entrar em fogo.

D. Jayme não se podia consolar de ter chegado tarde. Houvera uma grande batalha, uma batalha naval, victoriosa para os seus companheiros de armas, e elle estivera longe! O marquez de Niza tambem se mostrou pouco satisfeito. Quando se dirigiu a bordo de navio de Nelson, para receber as ordens do almirante, encontrou-o prostrado no leito da dor e crivado de balas. Era n'isso de uma infelicidade incrivei. Nunca entrou n'uma batalha, que não ficasse cheio de feridas, e a final n'uma batalha veio a morrer, em Trafalgar!

— Felicito-o pela sua esplendida victoria, almirante, disse-lhe o marquez de Niza cortejando-o, e

lamento não estar hontem já debaixo das suas ordens.

— Para estar hoje n'este bonito estado, não é verdade? tornou Nelson rindo.

— Ah! almirante, respondeu o marquez de Niza, se a minha presença em Aboukir lhe pudesse ter poupado essas feridas gloriosas sim, mas que estiveram para roubar á Inglaterra o seu heroe, duplamente lamentaria a minha ausencia.

— Obrigado, marquez, obrigado, redarguiu Nelson. Mas olhe que não me poupava cousa alguma. Isto é sina minha. A primeira bala que se dispara n'um combate é sempre para mim. Têem esta sympathia commigo as balas estrangeiras. Se ella continua, parece-me que chego ao tumulo em pedaços, e que me hei de ver grego no dia de juizo para juntar todos os meus membros dispersos por esse mundo, a fim de resuscitar inteiro e completo quando soar a trombeta do anjo terrivel.

Depois, fazendo-se de subito muito serio:

— Nada de brincarmos com cousas santas! Será o que Deus quizer! O certo é porém, meu caro marquez, que ainda d'esta vez escapei, e que o Todo Poderoso concedeu á Inglaterra uma brilhante victoria. Comtudo não se afflija, marquez! Ainda nos resta muito a fazer! Nem os francezes se resignarão facilmente a deixar o seu melhor general desterrado no Egypto, nem eu me resigno a deixar-lhes nas

mãos a ilha de Malta a joia do Mediterraneo, que elles tomaram nas minhas barbas. Já vê pois...

— O meu desejo mais ardente é combater debaixo das suas ordens, almirante! respondeu o marquez de Niza. Mas agora sobretudo o que eu quero é vê-lo restabelecido das suas feridas.

— Só me restabelecerei em Napoles, respondeu Nelson suspirando.

O marquez sorriu. Bem sabia elle qual era o balsamo que Nelson esperava. Era o olhar ardente e amoroso de Emma Lyonna Hamilton, a gentil embaixatriz ingleza.

Dias depois entrava a esquadra britannica no porto de Napoles, e Jayme, encostado á amurada do seu navio, contemplava o formoso aspecto da esplendida bahia. Na agua azul e transparente miravam-se, aos raios de um esplendido sol, as collinas, as serras alvejantes, os rochedos alcatifados de vinhas. Todas aquellas povoações, todas aquellas aldeias, evocavam no espirito de Jayme a lembrança de algum nome celebre, despertavam no seu coração vagos echos de poesia. Alem estava Sorrento, a patria do Tasso, mais adiante o Pausilippo, cujos pescadores de pittoresco trajar captivam a imaginação dos viajantes; Capri, que traz á memoria as devassidões de Tibério, narradas com uma frieza de chronista por Suetonio; Ischia, a poetica ilha; Procida; Baia, com as suas voluptuosas recordações romanas; Castellamare,

com os seus ridentes loureiraes e os seus densos soutos de castanheiros; Cumas, que lembra logo a sybilla classica de Virgilio, e cujos templos como que se acham sepultados debaixo dos loureiros e das figueiras bravas; Portici, risonha com a ameaça perpetua do Vesuvio a pesar sobre a sua cabeça como a espada de Damocles, e Pompeia que então começava a resurgir pallida do seu tumulo de lava e de cinza, o sepulchro de Virgilio e a seus pés a branca Mergellina. Tudo isto fascinava o olhar encantado de Jayme, tanto mais que o golpho todo estava festivo como em dia de gala, e o rei e a rainha vinham receber Nelson como se recebe um triumphador.

E comtudo a côrte de Napoles estava em paz com a republica franceza, mas havia muito tempo que Fernando, o rei Nasone, como lhe chamavam familiarmente, por causa do seu grande nariz bourbonico, se mostrava secretamente hostil aos republicanos, e só as victorias de Bonaparte na alta Italia haviam conseguido reduzil-o ao silencio; mas, agora que Bonaparte estava enclausurado no Egypto pela perda da batalha de Aboukir, julgava achar-se desembaraçado de todos os terrores, e festejava sollemnemente o triumpho alcançado pelas armas inglezas.

Para se comprehender bem o seguimento d'esta modesta narrativa, é necessario que resumâmos brevemente os successos que tinham precedido a entrada

de Nelson na bahia de Napoles, e os que se passaram, enquanto o almirante inglez ali se conservou juntamente com o marquez de Niza.

Napoles pertencêra á corôa de Hespanha. Perdêra-a a nossa vizinha na guerra da successão que abrira o seculo XVIII, e Filippe V, o neto de Luiz XIV, só podêra sentar-se no throno de Carlos V, abandonando, apesar das victorias de Vendôme e de Berwick, uma grande parte dos seus immensos dominios ao seu contendor, o archiduque de Austria. Mas, na primeira guerra que rebentou na Europa, procurou Filippe recuperar, senão para si, ao menos para a sua familia, uma parte das possessões perdidas, e o infante D. Carlos, seu terceiro filho, moço intelligente e intrepido, teve a felicidade de se assenhorear de Napoles e da Sicilia. Não consentiu porém a Europa que estes dois ricos paizes italianos voltassem a ser joias da corôa de Hespanha, e apenas accedeu a que se constituissem em reino independente, cuja corôa se deu ao intrepido moço que o conquistára.

Entretanto, Filippe V de Hespanha, levado por uns accessos de negra melancholia, a que era muito sujeito, abdicava a corôa de Hespanha em seu filho mais velho, que subiu ao throno com o nome de Luiz I. Este porém morreu, passado pouco tempo, e Filippe V retomou a corôa. Quando lhe chegou tambem a sua hora, succedeu-lhe o seu se-

gundo filho, Fernando VI, que governou pouco tempo, e a ordem de successão chamou enfim o rei de Napoles, D. Carlos, ao throno das Hespanhas.

Foi D. Carlos, que subiu ao solio com o nome de Carlos III, nome que illustrou por um sabio governo, o mais prospero que teve a Hespanha nos ultimos dois seculos; mas, não podendo unir de novo as duas corôas, levou consigo um filho mais velho, que depois lhe succedeu no throno de Hespanha com o nome de Carlos IV, e deixou em Napoles o seu segundo filho Fernando, que era o que reinava quando rebentou no mundo a revolução franceza, a qual desde logo lhe inspirou a mais profunda antipathia.

Contribuiu ainda para augmentar esse sentimento de repulsão o seu casamento com a archiduqueza Maria Carolina, irmã de Maria Antonieta, que tinha, como a infeliz rainha de França, o genio altivo e orgulhoso, menos do que ella a indolo bondosa, mais do que ella a falta de escrupulos em questões de consciencia.

A revolução franceza inspirára-lhe uma raiva profunda, que augmentou, como era natural, com a morte de seu cunhado e de sua irmã, guilhotinados pelos revolucionarios. A influencia, que ella não tardára a adquirir no animo fraco de seu marido, juntando-se á tendencia natural que esto mostrara para antipathisar com as novas idéas, fez com que o reino de Napoles se lançasse de alma e coração na cru-

zada emprehendida pelas monarchias da Europa contra a republica franceza, e em 1793, em Toulon, navios napolitanos figuraram ao lado dos navios inglezes, hespanhoes e portuguezes, que tomaram essa cidade e procuraram depois defende-la contra os exercitos da Convenção, os quaes não lograriam talvez conquista-la tão depressa, se um joven capitão de artilheria, chamado Napoleão Bonaparte, não dêsse ali as primeiras provas do seu genio militar.

Em Napoles tinham penetrado tambem, como em toda a Europa, até em Portugal, apesar da inquisição, as idéas novas, e os jacobinos ferviam nas faldas do Vesuvio. Tinham porém ali um Manique mais severo do que o intendente de policia de Lisboa. Esse Manique era a propria rainha, que os perseguia implacavelmente, e cuja influencia se sente a cada instante nas execuções sanguinolentas com que a côrte de Napoles pretendeu suffocar o movimento liberal.

Contudo Napoles fizera a sua paz com a republica, logo depois da Hespanha; mas conservára os mais fundos resentimentos. O embaixador francez n'aquella côrte via-se obrigado a protestar a cada instante contra as violações de neutralidade, de que o governo napolitano se tornára réu; a recepção feita a Nelson depois da batalha de Aboukir não podia deixar de fazer trasbordar o vaso. Era uma

provocação directa. Assim o entendem o embaixador francez, que pediu immediatamente os seus passaportes. A guerra estava de novo declarada.

Como é que Napoles, sem generaes, com as finanças desorganisadas e com um exercito deploravel, ousava travar de novo uma luta com a republica franceza, que tinha de mais a mais um exercito ás portas de Napoles, porque n'esse mesmo anno Berthier entrára em Roma, prendêra o papa Pio VI e lançára os alicerces da nova republica romana, contra cuja fundação Fernando ousára protestar, o que já podia ser um prologo de declaração de guerra? Fiava-se no auxilio de Inglaterra? Não conhecia porém Fernando, não conhecia porém Maria Carolina, a sua intelligente esposa, o egoismo quasi selvagem do governo inglez, que abandonaria sem a minima hesitação Napoles á sua sorte, se assim lhe conviesse, apesar de ser principalmente por causa do acolhimento feito a um almirante britannico victorioso que Napoles se embrenhára n'uma situação difficil? Não sabia a côrte napolitana o modo como n'essa mesma epocha estava procedendo commosco o governo inglez? Não sabia que, depois de nos ter lançado na guerra contra a França, depois de nos ter impedido de fazer a paz, depois de nos ter obrigado quasi a romper com a Hespanha, no momento em que esta se reconciliou com a republica franceza, depois de nos obrigar a sacrificios

importantes, exigindo a presença de uma esquadra nossa, já nas aguas do mar da Mancha, já nas aguas do Mediterraneo, nos abandonára impudentemente, não quizera escutar as nossas queixas, as nossas reclamações, os nossos pedidos, mandára-nos o auxilio irrisorio de dois ou tres regimentos, quando a Hespanha, para satisfazer a sua nova alliança com o directorio, accumulava nas nossas fronteiras tropas em attitude ameaçadora, e, finalmente, não só não quizera consentir em proteger a nossa navegação para o Brazil contra os insultos dos corsarios francezes, mas até nos impedia a nós de a protegermos, reclamando-nos os navios de guerra, que tão necessarios nos eram para defeza da nossa marinha mercante? Não eram estes exemplos bem proprios para inspirar serias reflexões aos pequenos paizes, que caíssem na loucura de confiar na alliança ingleza, na lealdade da politica britannica? Não os conhecia a côrte de Napoles? Não os conhecia Maria Carolina?

Se a formosa e altiva archidukeza pudesse ouvir estas nossas reflexões, sabemos já que nos responderia apenas com um sorriso malicioso, e que nos diria quando muito: «Os homens julgam-se uns grandes politicos, e a final de contas somos nós, nós as mulheres, que temos na mão os fios de todas as meadas diplomaticas, somos nós que move-mos a nosso bel prazer os titeres que se agitam na

scena do mundo, e que se chamam estadistas. Se o principe regente de Portugal soubesse escolher, como eu, um ministro dos negocios estrangeiros, já não passaria pelos dissabores que o têm amargurado!»

Quem era pois o ministro dos negocios estrangeiros, em cuja habilidade tanto confiava a rainha de Napoles? Era Acton, o titular d'esse cargo, irlandez de origem? Seria pelo facto de pertencer á raça britannica que Maria Carolina o supporia capaz de alcançar do gabinete de Londres uma protecção valiosa? Oh! Por muito inglez que fosse o ministro napolitano Acton, nunca podia sê-lo tanto como o nosso ministro dos negocios estrangeiros, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, que fôra ministro em Inglaterra, e que de lá trouxera as mais britannicas predilecções que é possível imaginar.

Se a rainha nos ouvisse, sorrir-se-ia de novo, e, se nos respondesse, diria apenas, estendendo um pouco os seus appetitosos e sensuaes labios austriacos:

— Pobre Acton!

Emfim é necessario revelarmos o mysterio.

Em 1798 era embaixador em Napoles um velho archeologo, rico e fidalgo, que por muito tempo só se apaixonára pelas ruínas de Pompeia e pelos vasos etruscos, mas que, uma vez, indo com licença a Londres, encontrára lá uma gentilissima ingleza, que lhe varrêra para sempre da memoria a casa de Diomedes e as amphoras da Etruria. Era uma in-

gleza admiravel, com a correcção de fórmas, com a tez nevada, com os cabellos de oiro das mulheres do norte, com o olhar ardente e languido das napolitanas, e com todos os requintes da sciencia da voluptuosidade das hetaïres athenienses. Chamava-se Emma Lyonna, não tinha outra riqueza senão o oiro dos seus cabellos, o coral dos seus labios, as perolas dos seus dentes, o marfim dos seus braços, e todas as outras materias preciosas com que os poetas de 1798 compunham as Anardas e as Mari-lhas dos seus sonetos; não tinha outra nobreza que não fosse a distincção nativa da sua esplendida formosura, e, como ella, segundo dissemos, possuia a sciencia de voluptuosidade, e era bastante partidaria do derramamento da instrucção, e bastante conhecedora dos preceitos de Jesus, para não querer de modo algum esconder a luz debaixo do alqueire; é certo que já abríra curso da sciencia que professava, e que não eram pouco numerosos os discipulos que illustrára com as suas lições.

O que é ser protestante e liberal! saber o Evangelho de cór, e ser partidaria da instrucção obrigatoria e... não gratuita!

Sir William Hamilton ficou louco por ella; assim que a viu, sentiu uma d'essas ardentes paixões do velho, que são como o fogo na madeira secca, abraçam n'um momento, e devastam completamente a arvore humana em que se ateiam.

Não se contentou em matricular-se nos cursos publicos, quiz ter mestre de casa — o que é amar a instrução! — e, como Emma Lyonna era sufficientemente esperta para saber o que poderia lucrar com esta paixão ardentissima do velho archeologo, tanto fez que conseguiu que elle a desposasse, levando-a consigo para Napoles, onde a nova embaixatriz de Inglaterra foi logo recebida na côrte com toda a deferencia pelo rei e pela rainha.

Mais ainda! D'ahi a pouco tempo Emma Lyonna era a melhor amiga de Maria Carolina. Diz-se que os encantos de Emma não eram estranhos a essa amisade. Passemos rapidamente. Napoles foi na antiguidade, a Grecis-italiana, Grande Grecis, e é possível que nas brisas calidas e voluptuosas de Baia rescendessem os perfumes de Lesbos, e que esses perfumes subissem á cabeça da rainha allemã. Embora! Não é de nossa competencia entrarmos n'essas questões delicadas, e o que podemos dizer apenas é que Emma Lyonna não tardou a mostrar-se completamente dedicada a Maria Carolina.

Coquette continuava ella a sê-lo sempre, e os seus olhos admiraveis espalhavam em torno de si mais chammias do que o Vesuvio, estavam em constante erupção, e a lava dos seus olhares não cessava de fazer victimas. Vêem os leitores que o estylo é rigorosamente o da epocha.

Nelson passava n'esse tempo por Napoles, no seu

cruzeiro do Mediterraneo, quando um dos olhares de Emma Lyonna perturbou completamente o coração do intrepido guerreiro. Emma não se mostrou severa com o almirante, apesar d'elle não ser demasiadamente seductor, e o que é certo é que o heroico inglez partiu para o Egypto doido de amores pela sua formosa compatriota.

Era com este auxilio portanto que Maria Carolina contava, e com sobrada rasão, porque effectivamente Nelson poz aos pés de Emma Lyonna, e, por intermedio da gentil ingleza, aos pés de Maria Carolina, a sua honra, a honra da bandeira britanica, os interesses da sua gloria, os interesses da sua patria.

Como dissemos, ao recebimento triumphal de Nelson victorioso pela côrte de Napoles seguiu-se immediatamente a declaração de guerra á França. Maria Carolina estava radiante de enthusiasmo, parecia-lhe que ia desempenhar o papel de vingadora dos thronos, e que lhe estava destinado o glorioso papel de entrar em Paris á frente das tropas victoriosas da colligação, e de receber nas Tulherias, com o aspecto severo que a uma irmã de Maria Antonieta cumpria apparentar, as humildes homenagens do povo regicida.

Contava a côrte de Napoles que a Austria a ajudasse efficazmente na guerra contra os francezes; esse paiz, porém, ainda mal convalescido da guerra

de 1796 e 1797, não estava muito resolvido a entrar em novas luctas. Fez muitas promessas, mas manteve-se inactivo.

O que o rei de Napoles apenas pôde conseguir foi escripturar, queremos dizer, contratar um general austriaco para o commando dos seus exercitos, porque não depositava a minima confiança nos generaes indigenas. Estavam muito em moda no seculo XVIII essas escripturas, e os paizes meriodionaes, onde o governo absoluto e a theocracia dominante haviam paralyzado todo o desenvolvimento, aniquilado todas as vocações, julgavam seguro o reino do céu, mas, para conquistarem os reinos da terra, nunca dispensavam algum herege do norte. Portugal já escripturára em tempo o principe de Lippe, e na mesma occasião em que Napoles pedia um general á côrte da Austria, queriamos nós tambem um general austriaco. Andavamos á competencia com a côrte napolitana para ver quem havia de ficar com o general Mack. Ficou o rei Fernando, e ganhou muito com isso! Nós, não conseguindo obter um general allemão mas catholico, tivemos de nos resignar a acceitar um protestante, que foi o principe de Waldeck. Esse morreu, apenas chegou a Lisboa, e aqui jaz enterrado no cemiterio anglicano n'um tumulo pomposo, com inscripções latinas, que destaca dos melancolicos e modestos sepulchros, com singelos epitaphios inglezes, onde

dormem á sombra dos cyprestes, no alto da Estrela, os exilados do Norte.

Mack veio portanto commandar as forças napolitanas. Era um general que possuia grande fama no seu tempo, e que ainda hoje possuiria se não houvesse tido o mau senso de ir á guerra. Poz-se á testa portanto do exercito napolitano, que era numeroso e bem equipado, convidou el-rei a acompanhá-lo na sua digressão triumphal, e marchou sobre Roma.

O pequeno exercito francez, que occupava essa cidade, era commandado por um joven e habil official, o general Championnet, que tinha debaixo das suas ordens um dos futuros marechaes do imperio, o general Macdonald. Julgando insensato defender Roma, foi-se postar n'uma excellente posição em Civita-Castellana, e abandonou a cidade dos papas, onde el-rei Fernando entrou com toda a pompa, derrubando a republica estabelecida, e saboreando as alegrias da sua facil victoria, enquanto o general Mack ia procurar a Civita-Castellana o pequeno exercito francez.

Acordou-o porém do sonho inebriante a volta súbita de Mack, derrotado completamente por um exercito muito inferior em numero. Tão repentina foi a mudança de scenas, que el-rei Fernando só teve tempo de fugir disfarçado a toda a pressa, e de não parar senão em Napoles.

Mack nem sequer soube defender a fronteira.

Dias depois da batalha de Civita-Castellana, os francezes entraram no coração do reino que depois se havia de chamar das duas Sicílias, e Maria Carolina, que pensára por um instante em entrar triumphalmente em París, não cuidava já senão em fugir também a toda a pressa para não ter a mesma sorte que tivera sua irmã, a formosa e activa rainha de França.

Dissemos que Mack ainda hoje desfructaria uma reputação de grande general, se não tivesse tido o mau senso de ir á guerra. É essa uma verdade incontestavel, porque estavam todos tão dispostos a conceder-lh'a que, apesar d'estas provas que déra de suprema inepecia, ainda encontrou no conselho aulico de Vienna quem o indigitasse para commandar em chefe um exercito, e diante de quem? Diante de Napoleão. Nem mais nem menos!! O resultado foi que Napoleão envolveu por tal fórma o pobre Mack em Ulm, que o desgraçado vencido teve de entregar as armas com todo o exercito que commandava, e quasi sem dar um tiro. A esse desastre é que a reputação militar do general Mack não sobreviveu. Foi a pique para todo o sempre.

N'esta campanha o almirante Nelson poucos serviços pôde prestar. Apenas com a sua esquadra levou á Toscana um corpo do exercito, que devia ali operar una diversão. Mas a rapidez da derrota dos napolitanos excedeu todos os calculos. Nelson não tardou a voltar para os braços de Emma Lyonna.

É necessario agora que, deixando as altas regiões da politica em que nos embrenhámos, demos conta aos leitores do que fazia em Napoles o nosso heroe, o conde de Espozende, e Vasco Antonio, seu fido Achates. Como vêem, a sina do marquez de Niza continuava a perseguil-o, e a sua cubiçada campanha maritima resumia-se n'um passeio pelo Mediterraneo. As esperanças de Ignez corriam grave perigo. Preferira que D. Jayme esperasse o dia do noivado nas rudes peripecias das campanhas, antes de que na ociosidade enervadora da côrte, e o destino levára-o á voluptuosa Napoles, onde de mais a mais campeiava n'essa epocha a moderna hetaïre, a Aspasia do Mediterraneo, a fascinadora Emma Lyonna, que podia reparar que, se é muito lisonjeiro para uma mulher ter a seus pés um heroe mutilado, é muito mais agradavel ter a seu lado um joven e gentil official.

Ignez e Nelson podiam, sem se conhecer, correr os mesmos perigos.

Felizmente Jayme não era homem que se deixasse seduzir por vulgares voluptuosidades. A sua alma tinha um ideal mais alto. Vamos ver comtudo o que elle fazia em Napoles.

CAPITULO VIII

Leonor Pimentel

Não podéra D. Jayme afastar-se tanto da convivência da côrte, como desejaria. Nelson affeição-se-lhe, e muitas vezes o convidava para o acompanhar aos saraus do palacio. Emma Lyonna distinguira-o, e por mais de uma vez lhe vibrára esses olhares cheios de effluvios magneticos, a que ninguém resistira. Jayme, porém, sem ser o casto Hippolyto, achára na recordação de Ignez escudo sufficiente contra as seducções da voluptuosa ingleza.

Mais um motivo contribuia para fazer entrar o conde de Espozende na intimidade da côrte. D. Jayme era um excellente cavalleiro; as lições de seu tio tinham-n'o tornado eminente na arte dos Marialvas. Entre os officiaes da esquadra britannica não era muito vulgar este predicado. Por isso Nelson, quando tinha de ir a alguma caçada d'el-rei Fernando, que era um rei Nemrod, escolhia sempre o conde de Espozende para o acompanhar. Nelson

montava detestavelmente, por isso ficava com as senhoras, e entretanto D. Jayme representava-o junto do rei Fernando e de sir William Hamilton, ao passo que o illustre almirante representava este ultimo junto de sua esposa.

Um dia, el-rei convidára o almirante para ir passar alguns dias a Caserta, a uma caçada de despedida. Sua magestade preparava-se para ir para a guerra, para ir caçar francezes, e queria, antes de partir, passar alguns dias no seu Versailles, e dar uns ultimos tiros nos gamos e nas lebres da sua tapada.

Como era de rigor, foi tambem convidado para a digressão o embaixador inglez com sua esposa. Nelson não iria sem os seus compatriotas.

Como era costume tambem, o almirante mandou logo chamar o conde de Espozende para o acompanhar. O conde vestiu-se, avisou Vasco Antonio para que se preparasse a acompanhal-o, e, duas horas depois de ter recebido a ordem, estava com o almirante nas salas do palacio.

Não tardaram a apparecer a rainha e a sua inseparavel amiga Emma Lyonna. El-rei já dera, por mais de uma vez, signaes de viva impaciencia, e, para se consolar de não poder mostrar a sua altiva esposa o seu mau humor, distribuira um par de fortes chicotadas aos seus cães favoritos, que se tinham refugiado, ganiudo, debaixo de uma mesa.

Emma Lyonna, em cujo braço a rainha se recostava, vinha esplendida de formosura. Ao ver Nelson, comprimontou-o com o seu mais doce sorriso, e o seu olhar, resvalando pela face pallida do almirante, foi pousar um instante, com voluptuosidade infinita, nos negros olhos serios do conde de Espozende.

—Vamos, vamos! bradou o rei. Estamos aqui ha duas horas á espera. Tambem a tolíce foi minha. As caçadas são como a guerra, não devem lá ir mulheres.

—O que! disse Emma Lyonna com a sua voz harmoniosa como um canto de sereia, vossa magestade não me acceitaria como vivandeira no seu exercito?

—Ah! isso lá acceito! O caso está em que a rainha consinta.

—De certo não, respondeu Maria Carolina lançando a Emma Lyonna um olhar malicioso, não a cedo nem aos seus compatriotas. Estou disposta, por eausa d'ella, a fazer guerra á propria Gran-Bretanha.

—Oh! oh! interrompeu ainda o erudito sir William Hamilton, teriamos em pleno seculo XVIII a renovação do caso de Helena.

—Sim, sim, murmurou ao ouvido do conde de Espozende o conde de Darnas, general francez ao serviço de Napoles, com uma differença: que o Menelau era elle.

O conde de Espozende sorriu-se.

Entretanto iam todos descendo as escadas, a guarda do palacio formava, rufavam os tambores, e, á luz do claro e alegre sol napolitano, todo aquelle esplendido cortejo entrava nas carruagens que o esperavam, entre os clamores dos *lazzaroni* que vinham saudar o seu monarcha. Os ajudantes de campo d'el-rei, dos generaes Mack, Damas e Micheroux, que eram tambem convidados, montaram nos seus cavallos que escarvavam o chão de impacientes. Jayme seguiu-lhes o exemplo, enquanto Vasco Antonio, impertigado na sua libré de gala, se escarranchava gravemente no seu cavallo, ficando firme na sella, não sem ter lançado um olhar desdenhoso para os lacaios napolitanos, que, no seu entender, e segundo a sua phrase, montavam em bons cavallos, como saloios em machos em dia de mercado.

Partiu enfim a comitiva. Iá na frente a carruagem real, em que estavam sósinhos o rei, a rainha e o principe real. Seguia-se logo a carruagem de sir William Hamilton, em que iam elle, sua mulher e Nelson. Á portinhola galopava garbosamente o nosso D. Jayme de Noronha.

O sol brilhava alegremente, e os seus raios, batendo nas aguas da bahia, faziam-n'as reluzir como chapas metallicas. Para o céu azul e sereno subia lentamente uma leve columna de fumo, exhalada da cratera do Vesuvio. Aromas de flores embalsamavam os ares, e impregnavam as brisas de Napo-

les n'essas emanações voluptuosas que tornavam tão perigosas para a virtude das damas romanas as aragens de Baia. Emma recostava-se brandamente ao fundo da carruagem, sobre cujo setim azulado destacavam, com reflexos encantadores, as suas opulentas tranças louras. Sir William, de oculo em punho, observava ao longe o Vesúvio, e procurava mentalmente demarcar com rigor nas aguas da baía a posição exacta que occupava a frota de Plínio, no momento da catastrophe que submergiu Pompeia. Nelson nem olhava para o mar. A sua attenção cravava-se com uma persistencia ardente no formosissimo rosto de Emma Lyonna, que, n'esse momento, devemos dizel-o, nem pensava n'elle. A linda bôca da ingleza, ligeiramente entre-aberta n'um vago sorriso, fazia realçar com a alvura dos dentes a voluptuosa purpura dos labios. N'esse momento nem se lembrava de seu marido, nem do almirante, nem das preoccupações politicas, que a obrigavam a representar com elles um papel que ás vezes lhe pesava. Se o seu olhar por instantes se fixava em alguem, era no esbelto conde de Espozende, que, com os cabellos um pouco fluctuantes á brisa, pelo movimento do galope, firme e direito na sella, empunhando, com mão feminina mas com masculino vigor, as redas do cavallo, desenhava á portinhola, no fundo dos arcs, o elegante perfil da sua airosa estatura.

De subito, n'uma volta do caminho, apparece, vindo em sentido opposto, uma senhora a cavallo, acompanhada sómente por um creado. Ao ver o cortejo, parou, e, apenas reconheceu o rei e a rainha, apeiou-se de um pulo, e cortejou, com todo o respeito, os augustos personagens. Mas, apenas a carruagem passou, tornou a montar a cavallo com uma rapidez admiravel, e, mettendo a trote, passou ao lado da carruagem do embaixador inglez, sem abaixar nem sequer levemente a cabeça, e fustigando com um chicotinho o seu bonito cavallo preto.

Este acto fôra de certo intencional. A rapidez maravilhosa com que a formosa amazona tornára a montar a cavallo, e a altivez soberana com que passára junto da carruagem dos tres inglezes, demonstravam que ella tivera positivamente por fim mostrar o seu desdem por Emma.

A formosa embaixatriz fez-se pallida como uma defunta, e um tremor nervoso lhe encrespou os labios. Nelson, pelo contrario, fez-se vermelho até á raiz dos cabellos.

O sangue subiu-lhe ás faces n'um repellão de co-lera.

— Quem é esta insolente? perguntou o almirante, voltando-se para sir William Hamilton.

— Não se irrite, Horacio, que não vale a pena, acudiu Emma, procurando tomar um tom desdenhoso e sarcástico. É Leonor, a decima musa cá da

terra, e, na sua qualidade de musa, tem privilegios de loucura, que a auctorisam a ser mal educada.

— Distrahida! distrahida! emendou benevolmente sir William. É uma mulher altamente erudita, que dá honra ao paiz em que vive. Spallanzani tem-n'a no mais alto apreço; diz-se até que a sua correspondencia com este sabio o auxiliou muito na descoberta dos vasos lymphaticos.

— Já vê, mylord, disse Emma para Nelson, sem se dignar nem sequer olhar para seu marido, que uma mulher, que descobre vasos lymphaticos, não póde descobrir ao mesmo tempo os velhos preceitos de civilidade. Mas sir William esqueceu-se de lhe dizer que a erudita Leonor, alem de descobrir vasos lymphaticos, tambem faz theologia nas horas vagas, e theologia de tal ordem que, se vivesse no seu paiz, teria tomado conta d'ella ha muito tempo o santo officio.

— De que paiz é então? perguntou Nelson.

— De Hespanha, creio eu, redarguiu Emma.

Não se fallou mais no assumpto. O conde de Es-
pozende, porém, é que ficára vivamente impressio-
nado com a formosura da activa amazona. Nunca
vira na sua vida perfil mais correcto e mais puro.
Era um rosto esculptural, uma physionomia grega,
não voluptuosa e languida como a das *hétaïres* athe-
nienses, mas energica, um pouco viril como a das
virgens doricas. Os seus grandes olhos tinham uma

expressão magnifica e uma luz deslumbrante. A cabeça erecta, firme e bem modelada, pousava admiravelmente n'um pescoço cheio, de um admiravel desenho. D. Jayme julgára ver passar uma d'essas allegorias puras e viris da Virtude ou da Liberdade. Áquelle corpo elegantissimo ajustavam-se excellentemente as roupagens fluctuantes das estatuas. O conde de Espozende, firmando uma das mãos na anca do cavallo, e meio voltado para trás, seguiu com olhar enlevado essa esbelta figura até ella se perder no horisonte.

Quando se apeiaram em Caserta, Vasco Antonio veio, respeitosamente, segurar no estribo a D. Jayme, e, com a sua gravidade caracteristica, disse para seu amo:

— Saberá vossa excellencia que tenho aproveitado aqui muito mais o tempo do que o aproveitei n'aquelle negregado Paris.

— Como? perguntou distrahidamente D. Jayme.

— Aprendendo a lingua. Descobri que já sabia italiano.

— Ora essa! Como descobriste isso?

— Ainda agora quando passou junto de nós uma senhora a cavallo, acompanhada por um laçao, ouvi-a dizer para o creado: «José, tome lá o meu chivote, que se partiu».

— Entendeste isso?

— Saiba vossa excellencia que sim.

— Mas então quaes foram as palavras de que se serviu?

— As que eu estou dizendo a vossa excellencia.

— As que tu estás dizendo, não. Ella havia de dizer provavelmente: *Giuseppe, prendete...*

— Não, senhor. Disse: «José, tome lá o meu chicote que se partiu». É italiano.

E a physionomia de Vasco Antonio exprimiu um certo espanto da ignorancia de D. Jayme.

— É italiano! redarguiu o conde, desatando a rir. Isso sempre foi portuguez, meu bom Vasco.

— Desculpe vossa excellencia, insistiu Vasco Antonio com um leve tom dogmatico, e olhando com uma tal ou qual compaixão para seu amo, ha cousas que parecem portuguez, mas que são italiano. Ainda no outro dia, quando foi a bordo o senhor Nicolino Caracciolo, que é muito amigo de vossa excellencia, esperou no camarote do senhor conde, que o senhor conde acabasse uma conferencia em que estava com o senhor marquez de Niza. Sentou-se, tirou o chapéu, limpou o suor, e disse para mim d'esta fôrma: *Fa caldo!* E vac eu, fui-lhe logo fazer um caldo. Quando voltei, já elle se tinha ido embora, mas vossa excellencia sabe que o senhor Caracciolo não percebe uma palavra de portuguez, logo fui eu que entendi o italiano.

E Vasco Antonio, depois de dar esta lição a seu amo, tomou o cavallo pela redea, e afastou-se, em-

quanto D. Jayme subia as escadas, rindo a bom rir da sabedoria do seu creado, sabedoria que o levára a ir fazer um caldo para um homem que lhe dissera que fazia calor.

E, rindo, perguntava a si mesmo que palavras seriam as que a formosa amazona dissera, e que Vasco Antonio interpretára d'aquelle modo.

— E o caso é, murmurava D. Jayme, que a interpretação de Vasco Antonio d'esta vez não é inverosimil. A *signora Eleonora*, como lhe chamou lady Hamilton, fustigava com tanta ancia o cavallo, que não admirava que se lhe tivesse partido o chicote.

E, entrando nas salas, ia ainda preocupado com o enigma, e tanto que, encontrando o conde de Damas, a primeira cousa que lhe perguntou, foi o seguinte:

— Viu aquella senhora a cavallo, que passou ao nosso lado na estrada, e que se apeiou para comprimentar suas magestades?

— Vi, respondeu o conde de Damas, sorrindo. Impressionou-o, segundo vejo. Olhe que ella já dobrou o cabo fatal dos trinta annos, e creio que ha muito.

— Segue-se d'ahi que, depois de dobrar o cabo, encontre a fonte de Juvencio.

— Não digo o contrario. Eleonora é uma formosa mulher, ainda que eu prefiro-lhe, e muito, a embaixatriz ingleza.

— E eu não! Mas não é d'isso que se trata. Conhece-a, segundo vejo?

— Conheço.

— Como se chama?

— Eleonora da Fonseca Pimentel.

— Fonseca Pimentel! São nomes portuguezes.

— São? Não sei. Eu sempre ouvi dizer que era de origem hespanhola.

— Não admira! redarguiu D. Jayme, sabe, meu caro conde, que na Europa tem-se o bonito costume de se chamar hespanhol a tudo quanto vive para além dos Pyrenéos; é verdade que na Africa, na Asia, nos mais remotos paizes, chama-se portuguez a tudo quanto vem da Europa.

— Não serei eu tão injusto, redarguiu o conde de Damas, e, pelo menos, onde estiver a esquadra do marquez de Niza, sei que ha de fallar-se sempre com louvor e admiração no nome portuguez.

D. Jayme inclinou-se em signal de agradecimento.

— Mas, como sabe, foram os acasos da emigração que me trouxeram a Napoles, estou aqui ha pouco tempo, e não posso portanto dar-lhe amplas informações a respeito d'essa formosa e sympathica senhora.

D. Jayme apertou a mão ao general francez, e afastou-se, profundamente convencido de que Vasco Antonio ouvira effectivamente á gentil amazona as

palavras portuguezas, que lhe tinham ficado de memoria, e de que a formosa dama, cuja imagem lhe não saía da phantasia, era sua compatriota.

Apenas voltou a Napoles, procurou immediatamente o encarregado de negocios de Portugal, e colheu d'elle as seguintes informações :

Leonor da Fonseca Pimentel era filha effectivamente de um portuguez, chamado Clemente Henrique da Fonseca Pimentel, natural de Beja, e que se ausentára para Italia nos meados do seculo XVIII, naturalmente para fugir aos rigores da inquisição. No estrangeiro ha de se ter Beja em conta de uma cidade de livres pensadores. Effectivamente, esta cidade é conhecida lá fóra por ser a patria da familia de Spinosa, por ser a patria da familia de Leonor da Fonseca Pimentel, e enfim por ser a terra onde estava situado o convento da Conceição, em que era freira Marianna Alcoforado, a apaixonada auctora das *Cartas portuguezas*, a ardente amante de Chamilly, e por conseguinte a monja muito pouco respeitadora dos votos claustraes.

Clemente Henrique fôra portanto viver para Roma, porque era tão amavel a nossa inquisição que um livre pensador estava mais seguro na capital do catholicismo, do que nas terras portuguezas, e encontrava mais tolerancia ao pé do Vaticano do que n'uma cidade, ainda meio arabe, do Alemtejo. Em Roma nasceu sua filha Leonor, com a qual partiu

para Napoles, quando se interromperam as relações de Portugal com a curia, por causa da expulsão do nuncio Acciaïoli, que o marquez de Pombal ordenára sem a minima cerimonia. Em represalias, sua santidade mandára sair da sua capital todos os portuguezes que ali residiam, e Clemente Henrique da Fonseca Pimentel, apesar de ter já poucos laços que o prendessem á sua patria, foi incluído na medida geral e teve de se ausentar para Napoles.

Á sombra do loureiro de Virgilio, acalentado pelas auras napolitanas impregnadas nos perfumes litterarios da grande Grecia, embalado pelo murmúrio d'essas ondas azues, que na phrase de Lamartine *la mer de Sorrente déroule aux pieds des oranges*, d'essas ondas que acariciam a *plage sonore* onde nasceu o Tasso, aquecido pelo reflexo das chammas do Vesuvio, se foi desenvolvendo o talento da gentil menina, que aos vinte e tantos annos já mostrava um estro tão notavel, que merecia os encômios do *signor abate* Metastasio, poeta cesareo, e soberano distribuidor de corôas litterarias no seu tempo. Não cultivava só as musas, cultivava as sciencias tambem, a theologia, como as mulheres eruditas da idade media, as sciencias naturaes, como as inglezas nossas contemporaneas.

— Nunca se esqueceu comtudo da patria de seu pae, continuou o enviado de Portugal, que estava

dando estas informações a D. Jayme, e não só estudou com amor a nossa historia, mas procurou tornar conhecidos na Italia os nossos homens mais notaveis. Traduziu em italiano a *Analyse da profissão de fé do Santo Padre Pio IV*, escripta pelo nosso Antonio Pereira de Figueiredo, e a esse respeito parece-me que se conserva nos archivos da legação a copia de uma carta que a esse theologo enviou meu antecessor o senhor commendador José de Sá Pereira. Espere vossa excellencia um instante, que eu vou procural-a.

D. Jayme agradeceu; mas o ministro portuguez levantou-se, saiu e tornou d'ahi a pouco, trazendo um papel, que deu ao conde de Espozende.

Como essa carta é authentica e é um dos poucos documentos que nos restam com relação a esta nossa illustre compatriota, aqui a daremos aos nossos leitores:

«Copia da carta do ill.^{mo} sr. commendador Sá Pereira, ministro de Sua Magestade Fidelissima em a côrte de Napoles, ao reverendissimo sr. Antonio Pereira de Figueiredo, theologo e deputado da real mesa da commissão geral e official maior de linguas de Sua Magestade Fidelissima, na secretaria de estado dos negocios estrangeiros, etc. Lisboa.

«Reverendissimo sr. Antonio Pereira de Figueiredo.—Envio a vossa reverendissima a resposta que me deu a traductora da *Analyse da profissão*

de fé do Santo Padre Pio IV, depois d'ella ter lido e ponderado as reflexões que me remetteu vossa reverendissima, e que eu immediatamente lhe communiquei.

«Ella nasceu em Roma de paes e mãe portuguezes, e veio menina para esta cidade, onde seus paes e parentes vieram estabelecer-se, por occasião da ultima ruptura de Portugal com Roma. O seu talento natural, grande e bem cultivado, lhe tem adquirido aqui nome distincto na republica das letras, por varias suas produções muito estimadas, não menos em verso que em prosa.

«A digna traducção do referido livro de vossa reverendissima avultou mais o nome de que ella já gosava, á proporção do muito grande que vossa reverendissima gosa na Italia, e maiormente n'esta capital, desde que aqui appareceram as primeiras produções do seu raro talento e doutissimo engenho.

«É para mim de summa satisfação e gloria o render este officio, ainda que tenue, a um meu nacional, que tanta honra e lustre tem dado e dá á nossa nação, qual é vossa reverendissima. E com o mais vivo desejo de poder render-lhe todos aquelles de que me julgar capaz, estimo e aproveito esta occasião para pedir-lhe que me dê outras muitas do seu agrado e serviço.

«Deus guarde a vossa reverendissima muitos an-

nos. De vossa reverendissima attento venerador seu e servidor mais obrigado = *José de Sá Pereira.*»

— Não se limitou a isto, continuou o enviado portuguez depois de D. Jayme ter lido, o culto prestado por Leonor da Fonseca Pimentel á patria de seus paes. Quando o marquez de Pombal esteve, segundo se diz, *si vera est fama*, porque eu gosto sempre de me acautelar com os processos do tempo do marquez, quando elle esteve pois para ser victima, segundo asseveraram depois os juizes da junta de inconfidencia, do attentado do genovez Pelle, a que escapou, e que só deu em resultado fazerem ao desgraçado Pelle tratos horriveis, Leonor da Fonseca escreveu um drama em verso, intitulado *Il trionfo della virtù!* Parece, porém, que a dupla significação da palavra *vates* não se applica ás poetisas, e que estas não têm, como os seus confrades em Apollo, o dom da prophecia, porque a nossa compatriota acabou o seu *componimento dramatico* a 15 de março de 1777, de fórma que o poema, chegando a Portugal, encontrou o decantado marquez em desterro, a senhora D. Maria I reinante, e a côrte e o povo furiosos contra o ministro. Imagine a cara com que o senhor marquez de Angeja leria logo os primeiros versos do *Trionfo della virtù*, e visse a Inveja, o Rancor e a Traição conspirando contra o marquez de Pombal. Sua ex-

cellencia julgaria ver n'isso uma allusão ao novo governo. A Inveja seria elle talvez, o Rancor seria o bispo de Coimbra, e a Traição o cardeal da Cunha. Ah! ah! ah!

E o enviado portuguez, que era a final de contas homem de espirito, esquecendo por um pouco o seu grave character diplomatico, esfregou as mãos, rindo a bom rir da sua supposição.

O conde de Espozende acompanhou-o francamente na sua hilaridade.

— Mas por que motivo não nos deu vossa excellencia ha mais tempo essas informações? perguntou D. Jayme. Eu declaro que folgaria muito em apresentar as minhas homenagens a essa minha erudita compatriota, que tanto honra no estrangeiro o nome de Portugal.

— Oh! oh! senhor conde, isso agora é caso muito diverso. Já não estamos nos bemaventurados tempos do meu antecessor o senhor comendador José de Sá Pereira, em que elle era o pacifico intermediario de eruditas cartas que Antonio Pereira de Figueiredo enviava á sua traductora, e das respostas que por esta lhe eram remettidas. Mudaram muito as circumstancias. Em primeiro lugar já não governa no nosso paiz o senhor marquez de Pombal, e um ministro nomeado pelo senhor Luiz de Sousa Coutinho não póde render muitos cumprimentos á poetisa, que entende que a Virtude era o

proprio desembargador Oliveira Machado em pessoa, e a Inveja e o Rancor o marquez de Alorna e o conde de S. Lourenço. O que não quer dizer que eu não admire em silencio a musa luso-napolitana. Veja o que é estarmos em epocha de colligações. Até as musas as fazem. Admiro-a muito, sei os versos d'ella de cór.

— Sim? disse D. Jayme com alvoroço.

— Sim, e é exactamente por eu os saber de cór que não procuro a auctora. O ministro de um governo que puniu com toda a severidade a revolta do Tira Dentes em Minas Geraes, não se vê considerado a considerar como uma ironia sanguinolenta os versos que Leonor Pimentel põe na bôca das deidades marinhas da America?

E noi, costrette a gemere
In dura schiavitù,
Ora godiamo in libera
Soave servitù!
Il laccio indissolubile
Passò del piede al cor;
Ch'ove virtute ha imperio
Ivi obbedisce amor.

— Mas que esplendidos versos! exclamou D. Jayme, é Metastasio puro.

— São. Quer mais? Olhe para a nossa Asia; o que vê? A sujeição humillima aos inglezes, que

governam em Goa, mais do que nós. E entretanto Leonor Pimentel dizia, referindo-se ás Novas Conquistas, e pondo os versos na bôca das divindades da Asia:

Quasi neglette figlie
Lungi versamo il pianto
E'l primo onore intanto,
In noi pareva mancar.
L'antica gloria a sorgere
Or torna in noi sicura,
Già le nemiche mura
Torniamo a minacciar.

— Magnifico! bradou D. Jayme.

— Pois sim, mas veja se isto, recitado em 1798, não parece um sarcasmo. Ouça mais. Agora refere-se á reforma da universidade de Coimbra:

Prima l'error coprivasi
Col manto del saper;
Ora le scienze svelano
I puri rai del ver.
E le virtuti abbellansi
Al nobile splendor;
E le bell' Arti adornansi
Di non mai cinto allor.

— Combine agora estes versos com a collabora-
ção efficaz que Leonor Pimentel tem prestado a
Spallanzani, que é um athen pouco mais ou menos,
e diga-me o que a santa inquisição pensaria de mim,

se soubesse que eu frequentava a casa de semelhante senhora, e levava lá os officiaes da marinha portugueza.

— Ora ! a inquisição !

— Está longe, bem sci, mas o senhor ministro dos negocios estrangeiros é que está perto, porque tem correspondencia não só commigo, mas com os meus secretarios, que se apressariam a informallo do que eu fizesse. E Leonor Pimentel, n'este negregado e delicioso poema dramatico, mostra-se tão ardente partidaria do marquez de Pombal, que até lhe louva os actos que nunca pessoa alguma se lembrou de elogiar. Eleva-o ás nuvens, sabe porque? Por elle ter mandado arrancar as vinhas do Ribatejo! Ora quer ver como ella canta em verso este famoso decreto? Da seguinte maneira:

Nei nostri campi Cerere
Era de Baco oppressa
Cerere or sorge anch'essa
I campi a ricoprir.
Le messi a noi veniano
Pria da stranieri regni;
Or vanno i nostri legni
I regni ad arricchir.

— E para que não ficasse duvida de que isto se referia ás vinhas do Ribatejo, foi na bôca das Tagides que a auctora poz estes versos. Ora diga-me,

se eu, sancionando tacitamente este elogio infrene, que chega a fazer do marquez de Pombal o libertador de Ceres opprimida, não passaria em Lisboa por um incorrigivel pombalista?

— Mas perdão, objectou D. Jayme, eu não vejo n'esses optimos versos senão elogios a sabias medidas tomadas pelo governo do senhor rei D. José, ou a medidas, que, se não foram uteis, tiveram comtudo muita gente que as applaudia, e que em todo o caso foram tambem assignadas pelo regio punho de sua magestade.

Parece-me que nem a rainha, a senhora D. Maria I, nem sua alteza o principe regente, podiam estranhar que se agradecesse a uma senhora o ter cantado as acções do augusto pae e avô dos nossos principes.

— Ah! de certo, senhor conde, redarguiu o enviado portuguez. Sei bem que eu não seria demittido por um decreto, em que se declarasse que o motivo da minha demissão era o ter applaudido elogios feitos a actos governativos de el-rei o senhor D. José I; mas tenha vossa excellencia a certeza que a demissão havia de vir, envolta no especioso pretexto de exigencias do serviço publico. Pois vossa excellencia imagina que, no fundo, o ministerio não reconhecia immediatamente que o heroe cantado na poesia era o marquez de Pombal e não el-rei D. José? e que a poetisa, se soubesse que o meda-

lhão do ministro fôra arrancado do monumento do Terreiro do Paço, não dirigiria á estatua equestre estes versos entusiasticos:

Sorgi, o bronze avventuroso,
Gran portento in ogni età,
Non di te più glorioso
Monumento alcun non v'ha?

— Percebo perfeitamente os escrupulos de vossa excellencia, respondeu o conde de Espozende, mas não temos nós os mesmos motivos. Não os tenho eu principalmente que sou voluntario, e que pouco me importa com o juizo que possa formar ácerca do meu procedimento o ministerio de Lisboa.

— De certo, de certo, redarguiu o enviado portuguez, mas olhe que ha outras considerações a que vossa excellencia não póde deixar de attender, e que fazem com que eu lhe aconselhe que não procure de fôrma alguma relacionar-se com a nossa erudita e talentosa compatriota. Note que estamos em 1798, que as questões, que tinham outr'ora uma importancia puramente scientifica ou litteraria, hoje tomaram um grave aspecto politico. Outr'ora, como sabe, os ministros dos reis absolutos gostavam de proteger os philosophos, eram philosophos elles mesmos, como Choiseul ou Turgot, expulsavam os jesuitas como o nosso marquez de Pombal, aboliam o regimen feudal, como Tanucci aqui em Napoles, opera-

vam reformas vastas no sentido liberal como Florinda-Blanca em Hespanha. Os proprios reis se deram esses ares de serem uns espiritos avançados: sirvam de exemplo José II da Austria e Frederico II da Prussia. Luiz XVI coitado, ia mais adiante ainda, não se contentava com metter os philosophos no ministerio e com o assistir á representação do *Mariage de Figaro*, e introduzir na côrte aquelle patife do Beaumarchais. Ia mais adiante, emprestava as suas esquadras, os seus soldados e o seu dinheiro á republica dos Estados Unidos, e em paga os americanos mandaram-lhe a planta republicana, que Lafayette trouxe para França muito resguardada como se pôde trazer uma flor tropical, curiosa e esplendida, para se metter n'uma estufa europêa. É certo porém que o demonio da flor cresceu, arrombou os vidros da *serre-chaude* de Trianon, e sabe as tropelias que tem feito. D'ahi resultou que os monarchas recuaram sensivelmente, e que hoje os philosophos, os reformadores, não estão em cheiro de santidade nas côrtes europêas. Ora D. Leonor da Fonseca Pimentel, com os seus laivos de livre pensadora, com a sua collaboração na descoberta dos vasos lymphaticos, e não sei em que outros estudos diabolicos de Spallanzani, que, segundo parece, vão direitos ao atheismo, com as suas annotações aos livros theologicos de Antonio Pereira de Figueiredo, podia ser chamado á côrte por Tanucci em 1788,

mas corre o mais serio perigo de cair nas garras da junta de estado, especie de junta da inconfidencia, com que a rainha Maria Carolina e o seu ministro Acton beneficiaram os seus povos. Ora vossa excellencia, fidalgo portuguez, official da esquadra que veio soccorrer e auxiliar a côrte de Napoles, vossa excellencia recebido na intimidade de el-rei Fernando e da rainha Maria Carolina, entende que pôde conviver com a philosopha revolucionaria, que tem, devo confessal-o, os mais esplendidos olhos e a mais esculptural cabeça de mulher, que é possivel imaginar-se?

— Direi a vossa excellencia, respondeu D. Jayme, que estou perfeitamente de accordo com as idéas que acaba de expender, só não estou de accordo com a applicação. Eu fui um d'esses loucos gentis-homens, que se deixaram seduzir pela fascinação das novas theorias, fui tambem d'aquelles que reagiram energicamente contra os seus fructos malditos, que renegaram idéas, que podiam dar em resultado a matança das prisões e o cadafalso de Maria Antonieta. Lamento profundamente que a nossa compatriota seja propagandista d'essas nefastas doutrinas, mas emfim ellas não se transformaram em factos, o governo de Napoles não procedeu ainda contra Leonor, e eu não quero ser mais realista do que o rei.

— Está enganado, respondeu o ministro portuguez abaixando a voz, o governo de Napoles ainda

não procedeu contra ella, porque quer ter na mão os fios do trama que Leonor da Fonseca Pimentel urde com os seus amigos, e que tem por fim estabelecer a republica em Napoles. O governo sabe que os conspiradores se reúnem todas as noites nas ruínas do palacio da rainha Joanna, ao pé do Paussilippo, para combinarem os seus planos, e para lerem as cartas e os jornaes da França. Se os prendesse, alguns escapariam e iriam conspirar a outra parte. Assim, a rainha sabe o que elles fazem, vigia-os, e n'um momento dado encarcera-os. Deixe voltar victorioso dos francezes el-rei Fernando, e verá que alojamento dá a rainha Maria Carolina a D. Leonor da Fonseca Pimentel.

— É então republicana declarada a nossa compatriota? perguntou D. Jayme.

— Declaradissima.

— Bem! tornou com tristeza o novo heroe. Desisto de a ir comprimentar. Agradeço muito a vossa excellencia os seus conselhos e as suas informações.

E, apertando a mão do nosso ministro, desceu as escadas da legação.

— Que pena! murmurava elle. Desejar o papel ignobil de madama Roland, a mulher que podia ser a esplendida musa da realza!

CAPITULO IX

A fuga para a Sicilia

Entretanto o rei Fernando marchára para Roma, entrára triumphalmente na capital do catholicismo, tivera o seu exercito batido em Civita-Castellana, fugira disfarçado para a sua boa cidade de Napoles, e esperava com certa anciedade o seguimento dos successos. O exercito de Championnet é que não parava. Marchando sem encontrar resistencia em parte alguma, entrára no reino napolitano, e avançava rapidamente sobre a capital. Desnortado por estas noticias, Fernando não sabia como havia de proceder; aconselhavam-lhe uns que resistisse á frente dos seus lazzaroni, mas esse conselho era pouco do agrado do seu animo timorato; aconselhavam-lhe outros, e entre elles a rainha, que fugisse para a Sicilia a bordo da esquadra de Nelson. Mas o bom senso de Fernando desconfiava tambem instinctivamente dos inglezes, e esse alvitre tambem lhe não sorria muito.

Nelson e sir William Hamilton representavam em Napoles o papel, que dez annos depois representaram em Portugal lord Strangford e sir Sydney Smith. Aconselhavam a fuga para a Sicilia, como estes ultimos aconselhavam a fuga para o Brazil. Era sempre a politica ingleza a querer assenhorear-se completamente d'estes fracos governos meridionaes, a englobal-os na sua acção, a annullal-os completamente, como annullava no oriente os rajahs indianos.

Mas a approximação cada vez mais rapida do exercito francez, commandado por Championnet, que não encontrava resistencia alguma, a não ser a dos guerrilheiros, ou bandidos, que, debaixo das ordens de Gaetano Mammone, de Fra Diavolo, e do abbade Pronio, escaramuçavam com os francezes, sem os impedir de avançar, o aspecto tumultuoso do povo napolitano, que pedia armas contra o inimigo, mas que no seu ardor realista e patriotico se agitava contudo em convulsões revolucionarias, que mais assustavam do que tranquillizavam o soberano, cuja corôa os lazzaroni queriam defender, e finalmente o assassinio de um correio de el-rei, que um deploravel equivoceo fez victima da colera popular, todos estes motivos emfim aterraaram de tal fórma o rei Fernando, que, apesar da repugnancia que mostrava em se entregar nas mãos dos inglezes, apesar do desejo que tinha de se conservar em Napoles até ao ultimo momento, o seu

pavor foi mais forte do que todas as resoluções, e deu finalmente o seu consentimento para a partida, consentimento que Maria Carolina esperava com ansiedade.

Assim que arrancou ao pobre rei Fernando a ordem definitiva, a rainha Maria Carolina expediu immediatamente um aviso a lord Nelson, que esperava a bordo da esquadra a decisão de suas magestades.

Apenas recebeu o aviso, o almirante não pôde reprimir um movimento de alegria. Já ter no seu navio, o *Van-Guard*, confiada ao seu cuidado exclusivo, dependente do seu zêlo, a esplendida embaixatriz ingleza, a formosa mulher que lhe inspirára o mais cego amor, a sereia cujas fascinações tinham apagado no seu espirito e no seu coração quaesquer outras idéas, quaesquer outros sentimentos.

Que lhe importavam os interesses e a gloria da Inglaterra? Que lhe importava a familia real de Napoles? a guerra com os francezes? a marcha triumphal de Championnet? Não pensava senão em Emma, na felicidade suprema de a ter junto de si, sempre junto de si, no seu navio, a dois passos do seu camarote!

Ah! Se tivesse visto Emma Lyonna antes de principiar o cruzeiro do Mediterraneo, não seria elle que percorreria em todos os sentidos esse mar á procura da esquadra franceza, não seria elle que

a perseguiria até ao Egypto, não seria elle, enfim, que daria a batalha de Aboukir! Como Hercules aos pés de Omphale, enquanto Bonaparte proseguisse no Egypto a sua carreira victoriosa, ficaria Nelson aos pés de Emma, se Emma assim lh'o ordenasse.

Foi portanto com infinito jubilo que Nelson recebeu a carta de lady Hamilton, foi com infinito jubilo que, sentando-se á mesa, escreveu desde logo a ordem, que em seguida transcrevemos, e que é absolutamente authentica:

«*Muito secreto.*

«Tres escaleres e o pequeno cutter da *Alcmene*, armados só com armas brancas para estarem na *Victoria* ás sete horas e meia em ponto.

«Só um escaler atracará; os outros conservar-se-hão a certa distancia, de remos levantados. O escaler que atraca é o do *Van-Guard*.

«Todos os escaleres estarão reunidos junto da *Alcmene* antes das sete horas, debaixo das ordens do commodoro Hope.

«Os arpéns nas chalupas.

«Todas as outras chalupas da *Van-Guard* e da *Alemene* armadas de navalhas, e os escaleres com as caronadas estarão reunidas a bordo do *Van-Guard*, debaixo do commando do capitão Hardi, que sairá ás oito horas em ponto para se fazer ao mar a meio caminho de Molosiglio.

«Cada chalupa deverá levar de quatro a seis soldados.

«No caso de haver necessidade de soccorro, fazer signaes por meio de fogos. = *Horacio Nelson*.

«A *Alcmene* estará prompta a fazer-se á véla de noite, se assim for necessario.»

Deram-se immediatamente as ordens necessarias para se cumprirem as determinações do almirante, nomearam-se as embarcações que deviam acompanhar o escaler do *Van-Guard* na sua expedição nocturna, e uma d'ellas coube á esquadra portugueza fornecel-a.

Apenas o marquez de Niza recebeu essa ordem, chamou o conde de Espozende e disse-lhe, sorrindo:

— Esta expedição compete-lhe de direito; a rainha e a embaixatriz ingleza, que deve de certo acompanhal-a, folgarão de o encontrar para lhes dar o braço, em vez de se acharem face a face com alguns dos nossos lobos de mar.

— Marquez, respondeu D. Jayme levemente maguado, sinto que vossa excellencia me tenha só na conta de official de sala. Pois creio que sabe que eu não fujo dos perigos.

— Sei, sei, respondeu o marquez com seriedade, e creio que esta expedição, a que o envio, não é tão sem perigo como suppõe. Tem a temel-os de duas especies. Em primeiro logar o povo está exaltadis-

simo, e, se lhe consta que a familia real o abandona, ha de vir arrancal-a á viva força dos nossos escaleres. Em segundo logar, esta noite parece-me que o golpho napolitano não se divertirá simplesmente a reflectir o luar nas suas ondas azues. Ouça como o vento sopra, e veja como está carregado o horisonte para o lado de sudoeste.

Assim era effectivamente, e não admirava que assim fosse, porque se estava em pleno inverno, no dia 21 de dezembro de 1798, e era imminente um d'esses rijos temporaes que açoitam ás vezes as costas meridionaes da Italia, um d'esses vendavaes que levantam vaga, lá muito ao longe, nas costas das Baleares, e que vem, n'um vôo infernal, roçando a superficie do Mediterraneo, açoitar as margens da bahia de Napoles com uma furia tal, que os naufragios succedem-se, e parece que entra em formidaveis convulsões o mar durante tres dias. Depois de subito acalma-se o vento, abranda o temporal, dissipa-se, como por encanto, a procella, e volta com uma subitaneidade pasmosa á mais absoluta serenidade. *Nasce, pasce e muori*, dizem os napolitanos.

Parece que Shakespeare, com a sua admiravel intuição, não só adivinhou os mais intimos segredos do coração humano, mas tambem todos os segredos da natureza. Nas suas peças italianas dir-se-ia que elle viu a Italia, quando não consta á historia que

elle nunca lá fosse. *Romeu e Julieta* parece escripto em plena Ausonia, e mal se póde comprehender como essas scenas de varanda, tão perfumadas, tão banhadas de luar e de aurora, tão rescendentes aos calidos aromas do meio dia, poderam ser escriptas entre as brumas do norte, em dias sem sol, em noites de geada e de temporaes sinistros, que só poderiam inspirar ao poeta os legendarios pavores de Macbeth, os queixumes tragicos do rei Lear ou as melancolias soturnas do principe da Dinamarca.

Pois bem, Shakespeare não adivinhou só a Italia nos apaixonados canticos do *Romeu e Julieta*, adivinhou tambem o mar italiano, quando no *Othello* chamou perfida á onda. Esta phrase não se escreve á beira do mar da Mancha, que a ninguem engana, que tem sempre a rude franqueza da tempestade, o aspecto de um leão de juba espumosa e de continuados clamores, escreve-se á beira do mar Tyrrenio, escreve-se á beira do mar de Napoles, que espreguiça, com languidos murmuros, as suas ondas azues e voluptuosas, que enfeitiça, captiva e attrahe, que enamora os homens com os seus suspiros apaixonados, que tem vagos sons de lyra, transparencias ineffaveis, e que de subito, quando sente a balouçar-se-lhe no seio a chalupa airosa e fragil, ennegrece com o vendaval, ergue-se com medonho aspecto, rugge, espuma e despedaça n'um momento de encontro ás rochas, que fustiga com de-

sespero, os desgraçados que se lhe confiaram. Esse sim, é que é o mar enganador, essa é que é a onda perfida, o mar das Circeas e das sereias; o mar do norte é o mar das lendas escandinavas, sempre terríveis e lugubres, o mar do *old Nick*, o mar cujas ficções se enlaçam todas com as tempestades e são a ameaça franca e rude dos naufragios.

Conta-se que um marinheiro, depois de ter perdido uma cargação de figos n'um d'esses temporaes subitos e violentos, estava contemplando o mar das praias da Sicilia, em que resplendia um dia sereno, como se diz no *bolero* das *Vesperas*:

Nei piaggie di Sicilia
Risplende un di seren.

O mar, transparente e risonho, parecia convidal-o a nova excursão. «Bem sei o que tu queres, murmurou o marinheiro; queres mais figos».

Soprava pois sobre Napoles um d'esses terríveis temporaes, na noite em que os tres escaleres se aproximavam de Vittoria. N'um dos escaleres ia o nosso D. Jayme de Noronha, que, tendo entrado no serviço simplesmente como voluntario e official de combate e de desembarque, se entregára com ardor ao estudo da nautica, e estava sendo, depois de quatro annos de cruzeiro, um excellente maritimo.

A noite estava escura, o vento rugia com violencia, e ao longe escutava-se nas ruas de Napoles o

rugido não menos temeroso do povo convulso e inquieto. Principalmente na ponte da Magdalena, na Marinella, na Strada Nuova, na Strada del Piliero, no largo Castello, na Strada San-Carlo, os grupos apinhavam-se, e a luz dos fachos ondeante na sombra da noite mostrava que as massas populares fluctuavam sem direcção fixa, nem intento certo. Comtudo visivelmente alguma desconfiança as pungia, porque os arredores do palacio estavam sempre atulhados de gente.

O commandante do escaler do *Van-Guard* levantou-se, e, voltando-se para o escaler que lhe ficava mais proximo, que era o escaler portuguez, disse-lhe:

— Senhor official, tenha alguns homens promptos para desembarcarem, se for necessario arrancar el-rei de Napoles á viva força ao seu povo.

— Está tudo prevenido, commodoro, mas el-rei parece que tomou as suas precauções, porque os napolitanos de certo não esperam que elle saia por onde está saído agora.

E apontava na direcção de uma portinha escusa que se abria n'esse momento, e por onde vinha a sair um grupo de homens, de senhoras e de creanças, todos cuidadosamente embuçados.

O official inglez, que tinha os olhos fitos na direcção da rua Chiatamone, por onde esperava que viesse o cortejo, e por onde realmente devia vir, se

saísse pela porta principal do palacio, voltou-se para o sitio, que lhe era indicado por D. Jayme, e manifestou a sua surpresa por este monosyllabo :

— Oh !

Depois ficou immovel, de ouvido á escuta, esperando que viessem algumas ordens de terra.

O rei e a rainha, decididos a fugir a todo o custo de Napoles, e temendo a resistencia do povo, tinham mandado abrir uma antiga passagem subterranea, que do palacio communicava com o porto, e por ali se escapavam mysteriosamente, abandonando o seu povo á anarchia e ao inimigo, como dez annos depois o havia de fazer, em circumstancias identicas, um principe portuguez.

— Oh de bordo ! disse em inglez uma voz, que era a de um official allemão ao serviço de Napoles, o conde de Thurn, chega mais á terra.

— *We come*, respondeu a voz grave do commodoro Hope.

E, a um gesto que fez, o seu escaler, seguido logo pelos outros, e impellido pelos esforços de uns poucos de vigorosos remadores, approximou-se tanto de terra, que até as senhoras poderiam saltar para bordo, se o movimento da vaga, balouçando muito as embarcações, não tornasse difficillima essa gymnastica.

— Vamos, meu senhor, disse a rainha para seu marido, que envolto n'uma ampla capa, se conser-

vava immovel e sombrio, salte vossa magestade para o escaler do almirante com os principes.

— E tu?

— Eu vou com Emma n'outro. Não devemos sobrecarregar muito as embarcações.

— Não, disse Fernando com um tom de auctoridade, que raras vezes mostrava, o escaler do almirante está destinado para o embarque da familia real. Vossa magestade é rainha de Napoles, o seu logar é a meu lado. Se tivermos de morrer, partilharemos todos o mesmo destino.

— Morrer! exclamou com um tom indefinivel de terror lady Hamilton.

— Ha realmente perigo, commodoro? perguntou a rainha, que franzira o sobr'olho ao ouvir a admoestação de seu marido, mas que não ousára nem responder-lhe, nem desobedecer-lhe.

— Espero conduzir vossas magestades sãs e salvas a bordo do *Van-Guard*. Não occultarei porém que fóra do porto militar ha bastante vaga, e que receio muito não poder evitar que vossas magestades se molhem.

— O molho é o menos, resmungou o rei, que não podia resistir á sua tendencia para a chalaça plebea, e que até em occasião tão crítica como esta não esqueceu a resposta, o peor são os assados... em que nos vemos!

— Antes a morte do que a humilhação de cair

nas mãos dos francezes, ou de ser ludibrio do povo, tornou a altiva rainha. Fique vossa magestade, se assim lhe apraz, eu parto.

— E eu também! respondeu Fernando. Seja feita a vontade de Deus. Ora sempre queria ouvir o que diriam aquelles basbaques de Roma, que me receberam em triumpho, se me vissem embarcar a estas horas, com esta ausencia de solemnidade! Emfim! vamos lá! O que tem de ser, seja.

E, saltando com agilidade de caçador para o escaler, estendeu a mão á rainha, que, ajudada também pelo commodoro Hope, se achou d'ahi a um instante na embarcação ao lado de seu esposo.

— Larga! ordenou o official inglez.

E voltando-se para Jayme, disse-lhe laconicamente:

— Siga a dar embarque!

As palavras do official, ditas a meia voz, entre o tumulto do vento e das vagas, produziam uma estranha impressão, soavam lugubrememente. O escaler, impellido pelos remeiros, afastou-se da praia, levando a bordo os Bourbons de Napoles, e o escaler do conde de Espozende veio silenciosamente substituil-o junto ao caes.

Quem devia embarcar agora era o embaixador inglez com sua esposa e com o pessoal da embaixada. Emma porém achava-se debaixo de uma violenta impressão nervosa. O aspecto das vagas que

vinham quebrar na muralha do caes, e que lhe cuspiam espuma aos cabellos, o rugido do mar lá fóra, o sibilar do vento, as sombras profundas da noite, a solidão do caes contrastando com o estrondear ao longe dos gritos da multidão, tudo a agitava doidamente, e se, encostada ao braço de seu marido, dava um passo para diante, quando ia a levantar o pé para saltar para o escaler, refugia aterrada e offegante, bradando :

— Não ! não posso ! não posso ! Deixem-me ficar aqui !

— Emma, então ! dizia sir William Hamilton, que puerilidade ! O que receias ? Não vês como o escaler do *Van-Guard* lá vac já longe, cortando sem perigo as aguas ?

— Eu tenho o presentimento que morro. É demais, não posso ! Deixem-me descansar ao menos um instante.

Mas, como se respondesse ás suas palavras, o comandante do cutter da *Alcmene*, que se seguia ao escaler portuguez, bradou :

— Não sáe d'ahi essa embarcação ? O escaler do *Van-Guard* já nos leva um bom avanço, a tempestade redobra, e d'aqui a pouco será impossivel dobrar a ponta do molhe.

— Estou a embarcar gente, respondeu o conde pelo porta-voz, já vou largar ! Ouve, minha senhora ? continuou D. Jayme, voltando-se para lady Ha-

milton, cada minuto que aqui perdemos concorre para transformar em perigo real o que por ora é apenas injustificada apprehensão.

—Vamos, Emma, vamos! exclamou sir William.

A formosa ingleza deu um passo para a borda do caes, e estendeu a mão a D. Jayme, que, em pé na proa do escaler, estava prompto a recebel-a; mas de novo um terror invencivel a compelliu a retroceder, e o aspecto d'essas vagas negras, que batiam na muralha do caes, e que lhe envolveram o pé em espuma, quando ella o avançou para dar o salto, de novo lhe fez soltar um grito angustioso.

Então Jayme, impaciente e realmente inquieto, saltou a terra n'um pulo, e, tomando Emma nos braços, antes que ella pudesse prever tão subita resolução, saltou de novo para o escaler com a sua preciosa presa. Emma soltou um grito, e, por um movimento instinctivo, os seus braços cingiram o pescoço do joven official, e apertaram-n'o com um anceo louco, os seus cabellos louros soltos em profundas tranças inundaram o rosto de D. Jayme com as suas molles e perfumadas caricias. O conde estremeceu um instante a esse voluptuoso contacto... foi um instante só; pousando no banco de pôpa do escaler o lindo corpo que tivera nos braços, esperou que sir William e os seus secretarios saltassem para a embarcação, e, empunhando o leme, ordenou aos remadores que largassem a véla. Depois todas as

suas faculdades se concentraram na empreza, que não era facil, de conduzir a bordo do *Van-Guard*, onde Nelson a esperava anciosa, a sua formosa passageira.

Tudo foi bem até á saída do porto militar. Mas, quando teve o escaler de se engolphar na abertura formada de um lado pelo paredão do porto do commercio, do outro pelo molhe, quando teve de investir com as vagas, que se empinavam rugidoras e ferozes, e que vinham lá do mar alto, recurvando o collo verde-negro que se franjava de espuma, como os labios de um homem agitado pela colera, o perigo tornou-se serio, e Jayme, com o olhar fito no horisonte, a mão firme no leme, teve de empregar toda a sua habilidade, toda a sua attenção em imprimir ao escaler movimentos taes, que ora evitasse o embate de uma vaga mais alta, ora galgas-se de subito por cima de outra, mallogrando-lhe a raiva.

A tempestade mugia com toda a sua furia. Ao saírem do porto militar, bastante agitado, sim, mas relativamente placido, os passageiros do escaler portuguez acharam-se de subito face a face com a immensa toalha do golpho, onde a procella se expandia á vontade. O espectaculo era aterrador. Em toda a extensão da bahia longas linhas brancas e ondeantes cortavam aqui e alem a escuridão nocturna, mostrando a scintillar nas trevas, como os dentes anavalhados e brancos de um cão de fila, as

franjas espumosas dos monstros aquaticos, desencadeiados pelo vendaval. Volvendo os olhos para o lado de terra, via-se o ar sulcado por jorros branquejantes, que as vagas, batendo nos rochedos, cuspiam ás nuvens, soltando gritos horrisonos de desespero e furia. A pouca distancia viam-se os vultos negros e enormes dos navios da esquadra anglo-portugueza, que se tinham afastado da costa, para não serem atirados para cima das rochas pelo terrivel sudoeste. O vagalhão fazia-os saltar como ligeiras pellas, e o vento, fazendo ranger os mastros, ou sibilando nas enxarcias, como nas cordas de uma harpa colia aspera e selvagem, arrancava-lhes uns sons estranhos e lugubres, que redobravam a medonha impressão do quadro terrivel que se desenrolava diante dos olhos da assustada e formosissima ingleza.

O escaler, que levava a familia real, lutava tambem com as ondas, e ás vezes parecia desapparecer n'um turbilhão de espuma, quando alguma vaga lhe quebrava no costado, alagando completamente os regios passageiros. O vento do mar trazia então aos ouvidos de Jayme os gritos de afflicção dos principesinhos, que diziam para el-rei, chorando:

— Meu pae! vamos para terra! vamos para terra!

— Voltemos para traz, senhor conde, supplicou Emma, erguendo para Jayme os seus lindos olhos

inundados de lagrimas. É tentar a Deus seguir ávante.

— Minha senhora! responderen o conde de Espozende, é agora talvez tão perigoso voltar para terra, como seguir para bordo. Mais alguns minutos de coragem e de resignação, e estamos em segurança!

— Mas que mar, senhor conde, que mar! que vagas encastelladas! Alguma nos mette no fundo! Parece até que já estamos no abysmo! Eu nem vejo o céu. Não vejo senão a crista das ondas, que se-melham guellas de tigres promptas para devorar-me.

— Minha senhora, tornou D. Jayme, que, com um admiravel sangue frio, ao passo que respondia a Emma, ia dirigindo com pasmosa habilidade o escaler, minha senhora, virar de bordo agora é uma operação difficilima. Se alguma d'essas ondas nos apanha de través, póde virar-nos n'um abrir e fechar de olhos, e estamos perdidos sem recurso. Animo! Animo!

Emma calou-se, e, embrulhando-se completamente na sua capa, de modo que até escondesse a cabeça para não ver o medonho espectaculo do mar, sentou-se no fundo do escaler, todo alagado, parecendo-lhe que estava assim mais protegida contra a fúria do temporal.

Entretanto o escaler empinava-se como um ca-

vallo fegoso, que não quer avançar, mas depois excitado pelos remos, manejados vigorosamente e com grande certeza pelos algarvios de bordo, que n'essa occasião estavam mudos como inglezes, obedecendo á direcção do leme como o cavallo, com que o comparámos, obedeceria ás esporas e á redea, se o montasse um habil cavalleiro, saltava, n'um galão formidavel, por cima das ondas, corria depois por um momento como uma flecha, até esbarrar de novo, empinar-se outra vez, e travar nova luta com as ondas inimigas. Estavam já a par do escalier real, que obedecia mais difficilmente, ou porque fosse de peor construcção, ou porque as preoccupações da sua tremenda responsabilidade tivessem perturbado um pouco o sangue frio do commodoro Hope. Jayme entendeu que perdia um tempo precioso, se quizesse conservar-se na esteira da embarcação real, e, como os dois escaleres estavam quasi ao lado um do outro, bradou:

— Posso seguir?

O commodoro inclinou-se para el-rei, e disse-lhe algumas palavras em voz baixa, a que el-rei respondeu:

— Qual etiqueta! qual etiqueta! Nós não estamos em Caserta, estamos no inferno! Se elle quer que os peixes o comam primeiro, que vá! Talvez elles se contentem com o saboroso manjar de lady Hamilton, e nos poupem a nós.

— Siga! disse laconicamente o official inglez a D. Jayme.

Apenas ouviu a desejada licença, Jayme, voltando-se para os seus remadores, bradou-lhes com energia:

— Rema!

Um impulso vigoroso dos bronzeados algarvios fez com que o escaler salvasse n'um pulo umas duas vagas, que se atropellavam e se desfaziam n'uma vasta toalha de espuma. Já estavam a pouca distancia do *Van-Guard*, já podiam mesmo distinguir o vulto de um homem que, em pé no primeiro degrau da escada de estibordo, apesar do vento e da chuva, procurava rasgar com a vista as sombras densas da noite.

D'ahi a um instante ouviu-se uma voz, que soava lugubrememente entre a confusão medonha do temporal, bradar:

— Ó do escaler! vem ahi suas magestades?

A busina amplificava o som, mas ainda assim era tal o estrondear dos elementos desencadeiados, que, apesar d'isso, estas palavras soaram apenas como um murmurio vago e plangente ao ouvido de D. Jayme.

Reconheceu logo porém a voz de Nelson.

E era Nelson, o homem que saíra á escada de estibordo, na impaciencia de receber os seus hospedes.

Jayme pegou no porta-voz, e respondeu:

— Suas magestades vem no escaler do *Van-Guard*, aqui vem o senhor embaixador de Inglaterra.

Jayme teve a malicia de fallar só em sir William Hamilton; por isso o porta-voz do almirante fez de novo ouvir esta pergunta anciosa:

— Sósinho?

— Com lady Hamilton e o pessoal da legação, respondeu o conde de Espozende.

— Atraca depressa, redarguiu o almirante, e sentiam-se-lhe na voz umas palpitações de jubilo.

A ordem era boa de dar, mas difficil de obedecer, principalmente n'esse momento. O vento, que soprava com uma furia infernal, levantava as aguas em vagalhões enormes, que se erguiam como montanhas soberbas diante do escaler, e pareciam querer esmagal-o com o desabar da sua massa liquida. O escaler tinha de as vencer, não já salvando-as de um pulo, mas galgando-as como se galga a encosta de uma serra. N'estes momentos o escaler ficava quasi a prumo, e Emma Lyonna soltava gritos afflictivos, julgando chegada a sua ultima hora. Sir William tranquillizava-a o melhor que podia. Os secretarios da legação guardavam o mais estoico de todos os silencios. Jayme, attento aos minimos incidentes, com a mão ao leme, procurava apanhar o vento pelo lado favoravel, os remadores auxiliavam-n'o calorosamente, e parecia que nada podia

contra elles o cansaço. Emfim chegavam já a pequenissima distancia do *Van-Guard*, já dois dos remadores se levantavam para amainar a véla, já se via Nelson descer á pressa os degraus da escada de estibordo, quando uma rajada subita de vento faz tombar o barco de um modo prodigioso, ao mesmo tempo bate-lhe pelo través uma onda, e o escalér vira-se em menos tempo do que nós levâmos a dizel-o.

Houve um grito de horror, logo porém se viram apparecer os remadores, agarrando-se aos cabos que immediatamente se lhes atiraram de bordo do navio. O mesmo succedeu a sir William e aos seus secretarios. Jayme porém veio um momento só á tona da agua, e, olhando á roda de si, tornou a mergulhar. Lady Hamilton porém é que não apparecia.

— Emma! Emma! bradavam a um tempo n'um tom unisono, que seria comico, se não fosse a gravidade da situação, Hamilton e Nelson.

Mas, quando os dois inglezes soltavam estas palavras de desespero, quando já alguns marinheiros se preparavam para se deitar á agua, surgiu d'entre as vagas a nobre cabeça de D. Jayme, e viu-se o moço fidalgo portuguez, nadando com um braço, e cingindo com o outro Emma Lyonna, cuja formosa e pallida cabeça procurava manter acima da superficie do mar, para que respirasse livremente. Já quasi desfallecido, deitou a mão á escada, entregou

o corpo inanimado da embaixatriz ingleza aos braços que se estendiam para elle, subiu, e, ao chegar ao portaló, caiu quasi sem sentidos.

Mas os seus naturaes brios tiveram força sufficiente para o fazerem reagir contra essa impressão physica, e levantou-se rapidamente, antes ainda que se tivessem approximado d'elle uns officiaes, que o ampararam, enquanto outros corriam a procurar algum cordial que restituisse as forças ao intrepido portuguez.

Emma Lyonna é que estava devéras desmaiada.

Os cuidados de Nelson, a promptidão dos soccorros, fizeram com que enfim abrisse os olhos, soltando um grande suspiro.

Ao ver-se na vasta tolda do *Van-Guard*, suspirou de novo, mas d'essa vez de contentamento, por se encontrar enfim em segurança, pelo menos relativamente, fóra d'aquella casca de noz que interpunha a ella e ás vagas um tão fragil muro.

O pensamento da morte que tivera tão proxima, que julgára inevitavel, acudiu-lhe n'um momento, e ia-a fazendo desmaiar de novo. Mas logo o vivo sentimento de prazer, que experimentou vendo-se como que resuscitada, a reanimou, e ao mesmo tempo a fez pensar no homem a quem devia a existencia, mais ainda, a quem lhe era doce dever-a.

— Conde! disse ella olhando em torno de si.

Nelson approximou-se.

— O que é, Emma? disse elle. Ah! que prazer que eu tenho em ouvir as suas palavras, depois de ter julgado que a perdia... que a perdiamos para sempre.

— Onde está o conde? insistiu Emma, sem responder a Nelson, e sem fazer caso dos affectuosos *shake-hands* de seu marido.

— Qual conde? perguntou com certo espanto Horacio Nelson.

— O conde portuguez! o meu salvador. Quero-lhe agradecer! Que heroismo o d'esse moço, almirante! que singela dedicação!

Nelson, sem responder, fez signal ao conde de Espozende que se approximasse.

Jayme, encostado ao braço de um joven *midshipman*, dirigiu-se para o grupo.

— Oh! senhor conde, exclamou lady Hamilton, apertando-lhe calorosamente a mão, deixe-me agradecer-lhe, não tanto o ter-me salvado a vida, ella de pouco vale, mas o ter arriscado tão generosamente a sua para livrar das garras do oceano uma mulher que lhe era quasi desconhecida! Nunca esquecerei este acto sublime, senhor conde! este acto cavalheiresco, bem digno dos fidalgos da sua nobre nação! Duas vezes me tomou hoje nos braços, continuou Emma, cravando os olhos ardentes de reconhecimento no olhar serio e limpido de D. Jayme, primeiro para me salvar da vertigem, depois para

me salvar da morte. Duas vezes se occupou de mim com um zêlo, com uma dedicação, que eu lhe não merecia! Sacrificou-se, como se eu fosse sua esposa, sua mãe ou sua noiva! É nobilissimo este procedimento, não é verdade, Nelson? não é verdade, William?

— Minha senhora, redarguiu Jayme, antes que qualquer dos interpellados respondesse, não mereço tão cordiaes, tão generosas palavras! Qualquer outro official, no meu caso, faria o mesmo! Não ha n'esta esquadra um só homem que não estivesse prompto a sacrificar a sua vida para salvar uma dama, e muito mais para salvar tão preciosa existencia, como é a sua, mylady. Demais, vinha confiada á minha responsabilidade, era dever meu velar pela sua segurança, e a ninguem cederia tão honroso encargo.

— De certo! de certo! interrompeu Nelson, cujo despeito se trahia em cada palavra. Cumpriu o seu dever, o que é sempre louvavel, mas principalmente o que seria censuravel, era que deixasse de o cumprir! Lady Hamilton! Lady Hamilton! continuou elle procurando sorrir, não me estrague os officiaes com os seus mimos e os seus gabos! Olhe que depois correm-me ao perigo com menos enthusiasmo, se não tiverem para os recompensar a sua voz de sereia!

— Eu não entendo d'essas leis militares, redar-

guiu Emma, franzindo ligeiramente o sobr'olho, sei apenas que o homeni, que arriscou a sua vida para salvar a minha, merece todo o meu reconhecimento, e que anseio por uma occasião de poder testemunhar-lh'o.

E um aperto de mão caloroso, mais eloquente ainda do que as suas palavras, e um olhar impregnado de uma doçura infinita, completaram a phrãse agradecida da gentil embaixatriz ingleza.

— Conte com o meu sincero desejo de lhe ser agradável, disse laconicamente sir William, apertando tambem a mão a Jayme.

— Lembre-se, exclamou a seu turno Nelson, apertando-lhe igualmente a mão, que houve um momento em que um almirante teve inveja a um simples official voluntario! A sorte favoreceu-o, dando-lhe' en-sejo de salvar a perola da Gran-Bretanha.

Jayme curvou-se silenciosamente.

E em silencio se conservaram por alguns instantes os actores d'aquella scena. O vento continuava a sibilar nas enxarcias, o mar levantava cada vez mais alto a sua voz clamorosa. A procella não acalmava a sua furia.

— E a rainha? disse enfim Emma.

— Vem no escaler do *Van-Guard*, não? perguntou Nelson.

— Sim, almirante, respondeu Jayme.

— Voltou para trás, disse do portaló um tenente,

que ficára observando os escaleres que vinham de terra; mas tambem é justo que se diga que é preciso ter o diabo no corpo, como o tem aqui o senhor official da esquadra portugueza, para romper com este mar.

— Ah! interrompeu cortezmente Jayme, o commodoro Hope, se não tivesse a honra de trazer a seu bordo a familia real, haveria chegado primeiro que eu a bordo do *Van-Guard*, mas a sua responsabilidade é tamanha, que percebo as suas hesitações. Demais, os gritos das creanças, os terrores maternas da rainha, devem tel-o compellido a não progredir, porque de outra fórma o commodoro Hope, que pensou de certo, como eu pensei, que era mais perigoso, na situação em que estavamos, virar de bordo do que seguir ávante, antes quereria vir para bordo do que voltar para terra.

— Então a familia real voltou para Napoles? perguntou Emma anciosamente.

— Não, mylady, respondeu o tenente que já fallára, foi abrigar-se no porto militar, mas, em acalmando um pouco mais o vento, torna a sair ao mar.

— E quando acalmará o vento? insistiu a embaixatriz ingleza.

— Talvez ao nascer da lua, e quasi com certeza ao romper da aurora.

— Que angustias vae passar a minha pobre rai-

nha, que poderia estar a estas horas muito descansada no seu camarote a bordo! E quanto eu devo ser grata ao meu salvador, que me poupou os incommodos, as fadigas a que todos os outros estão expostos ainda!

E o doce olhar de Emma acariciou de novo o rosto serio e grave de D. Jayme.

Nelson surprehendeu esse olhar e mordeu os beiços com raiva.

Por isso, quando D. Jayme se approximou d'elle a pedir-lhe licença para partir para bordo do seu navio, e a perguntar-lhe que ordens havia de transmittir ao marquez de Niza, Nelson respondeu-lhe seccamente :

— Diga ao marquez que eu, assim que tiver elrei a bordo, parto para a Sicilia com a minha esquadra, e que elle, com a sua divisão, ficará em Napoles até nova ordem. Terá por missão queimar a esquadra napolitana, a fim de que ella não cáia nas mãos dos francezes, e proteger á ultima hora os nossos nacionaes que correrão serios perigos, porque, emquanto não entrar Championnet, esse populo napolitano ha de andar por ahi ás soltas, e ha de commetter quantas loucuras lhe vierem á cabeça. Boa noite, conde!

E, comprimentando seccamente D. Jayme, voltou-lhe as costas para encetar uma conversação com o embaixador inglez e com sua esposa.

E ahí está como D. Jayme, quando menos o esperava, se viu obrigado a ficar em Napoles, o que deu em resultado as peripecias que vão constar dos seguintes capitulos.

Ciumes de almirante!

CAPITULO X

AS amazonas da republica

Ao receber da bôca de D. Jayne a participação vocal que Nelson lhe enviava, o marquez de Niza teve um sobresalto de surpresa.

—Incendiar a esquadra napolitana! disse elle. Para não caír nas mãos dos francezes! Eu não cumprio semelhante ordem, sem ter um papel em regra escripto e assignado pelo almirante sir Horacio Nelson, duque de Bronte, já que foi este o titulo que o rei de Napoles houve por bem outhorgar-lhe.

Assim que aclarou a manhã, o marquez de Niza metteu-se no seu escaler, e dirigiu-se a bordo do *Van-Guard*. Já lá estava a familia real napolitana. A procella amainára, como se tinha previsto, ao romper da alva, e o commodoro Hope podéra trazer para bordo do *Van-Guard* os seus angustos passageiros.

Nelson conversava com el-rei e com a rainha,

quando o commandante da esquadra portugueza se approximou.

— Bons dias, marquez, disse-lhe elle assim que o viu. O conde de Espozende transmittiu-lhe as minhas instruções?

— Sim, almirante, mas...

— Vae-lhe ser expedida a ordem por escripto, interrompeu Nelson, que previa a objecção do official portuguez. A sua responsabilidade ficará perfeitamente salva.

— Que ordem é essa? perguntou o rei Fernando, que era curioso como uma mulher.

— A ordem de ficar no golpho com a esquadilha portugueza, a fim de proteger, tanto quanto possa, o individuo que representar em Napoles a pessoa de vossa magestade.

— Ah! então não tarda a vir ter connosco! re-darguiu o rei Fernando, sempre caustico e malicioso. O principe Pignatelli, que os meus ministros encarregam de defender Napoles, se tem navios á sua disposição, não tarda a imitar o meu exemplo, e a pôr-se em segurança.

— Mas porque não escolhe vossa magestade pessoa mais competente? tornou o almirante inglez.

— Ah! em primeiro lugar porque eu não me metto n'essas cousas, em segundo lugar porque entre os meus fieis subditos... vá o diabo á escolha!

A rainha encolheu os hombros, como fazia sem-

pre que ouvia alguma d'essas declarações zombeteiramente cynicas do seu real esposo.

O rei comtudo era fino, e não ficára completamente satisfeito com a resposta do almirante á sua pergunta.

Por isso continuou, voltando-se para o marquez de Niza :

— Então o marquez não acceita a missão de ficar em Napoles, senão depois de ter posto a sua responsabilidade a abrigo, com alguma ordem escripta por lord Nelson?

— Não, meu senhor, redarguiu audaciosamente o marquez de Niza, apesar de ler nos olhos do almirante inglez o descontentamento que lhe ía causar; não é essa responsabilidade que me assusta, é a de deitar fogo aos navios da esquadra napolitana.

— Incendiar os meus navios! bradou el-rei com sobresalto. Quem deu semelhante ordem?

— Fui eu, meu senhor, respondeu Nelson com altivez.

— O almirante! interrompeu Fernando; por Deus, que estranho que até os estrangeiros dêem ordens no meu paiz, sem me fazerem nem sequer a honra de me consultar primeiro! Com que direito ordenou o almirante Nelson uma medida, que me ha de permittir que qualifique de selvagem?

— Então, meu senhor! . . . acudiu a rainha.

— Eu respondo a sua magestade, tornou o vencedor de Aboukir, e nos labios finos e pallidos fluctuava-lhe um sorriso de desprezo. Se el-rei, para partir para a Sicilia, tivesse escolhido um dos seus navios, o meu papel consistiria simplesmente em mandar dar as salvas do estylo, quando passasse junto de mim a embarcação real. Mas sua magestade está a bordo do *Van-Guard*, sua magestade acolheu-se á sombra da protecção da bandeira ingleza, sua magestade confiou a um almirante do rei Jorge III o cuidado da sua salvação. Permitta-me portanto el-rei que eu tome as medidas que julgue indispensaveis para cumprir o meu encargo. Foi com o direito, que tacitamente vossa magestade me concedeu, vindo para bordo do meu navio, que ordenei o incendio de uma esquadra, que não tem marinheiros, que não tem officiaes, que é incapaz de se fazer á véla, e que, ficando intacta em Napoles, cairia infallivelmente nas mãos dos francezes, e servir-lhes-ia para começarem a reorganisar a sua marinha, que eu destrui em Aboukir.

— O almirante Nelson tem rasão, meu senhor, acudiu Maria Carolina.

— Tem rasão ! tem ! respondeu amargamente Fernando, e mais una vez me demonstrou que eu não passo de ser um pedaço de asno. Mas vossa magestade, minha senhora, que se preza de intelligente, é que deve confessar que faz ás vezes cada uma.

que é de se lhe tirar o chapéu. Bem! levei uma lição de lingua ingleza, que me não ha de sair da lembrança. Fico sabendo que n'esse idioma hospede e escravo é uma e a mesma cousa. D'aqui a pouco ficámos sendo como esses reis da India em que me fallava Tannecci, quando pretendeu ensinar-me historia. Os inglezes dão-lhes uma pensão, e tomam-lhes conta dos estados. Veja vossa magestade ao menos se consegue, mettendo, como empenho, lady Hamilton, que a pensão não seja muito mesquinha. Marquez, concluiu elle, voltando-se para o commandante da esquadra portugueza, repare no que está vendo, e não o esqueça para o contar a seu amo, o principe regente. Diga-lhe o que se lucra com a alliança britannica, e peça-lhe que prefira tudo á protecção d'estes fieis alliados. E agora queimem lá os navios á sua vontade, que eu vou ver o fogo de vistas da janella do meu camarote, se se não oppõem a isso os regulamentos da marinha ingleza. Adeus, meus senhores!

E, enterrando o chapéu pela cabeça abaixo, o rei Fernando desceu as escadas, trauteando com voz desafinada uma aria de caça.

Ficou tudo em gelido silencio. Nelson porém encolheu os hombros, e, traçando á pressa algumas linhas n'um papel, estendeu-o ao marquez de Niza, e disse-lhe seccamente:

— Ahi tem a ordem escripta, cumpra-a. E lem-

bre-se sempre que não tem que dar contas dos actos que lhe incumbem senão ao almirante, debaixo de cujas ordens o seu governo o collocou.

O marquez inclinou-se com um sorriso desdenhoso nos labios.

D'ahi a algumas horas os habitantes de Napoles presencavam um estranho, magnifico e terrivel espectáculo. Pelas enxarcias, pelos mastros, pelas vergas das fragatas napolitanas ancoradas na bahia, correu de subito uma chamma vermelha. Lavrou rapidamente, cobriu com uma larga bandeira de fogo o casco dos navios que a vaga balouçava brandamente. Depois o mesmo casco se incendiou, e as fragatas abrazadas assimilharam-se ás crateras de alguns volcões submarinos, que tivessem irrompido á flor das aguas. Dir-se-ia que os volcões das ilhas Lipari tinham vindo de passeio visitar o Vesuvio. Algumas pequenas explosões, que provinham de alguma polvora esquecida, misturavam o seu estampido com o silvar das labaredas. O povo soltava gritos de horror e de raiva, ao presenciar esse medonho espectáculo. No caes alguns velhos marinheiros choravam, e o almirante Caracciolo, pallido e immovel, envolto n'uma capa, sorria-se amargamente. Foi n'esse momento de certo que elle, o official realista, elle o fidalgo de alta linhagem, sempre fiel aos seus monarchas, elle o fidalgo inimigo das instituições republicanas, jurou odio eterno, odio

implacavel ao rei que permittia similhantes infamias, aos inglezes que praticavam taes actos de deslealdade. Aonde o levaram esses sentimentos é o que teremos talvez, no decurso d'esta narrativa, occasião de dizer.

Ardiam ainda as fragatas napolitanas, quando a esquadra ingleza, que estivera demorada por falta de vento, saiu do porto com as vélas desfraldadas. Ficaram só nas aguas da bahia, quando a chamma acabou de consumir a sua presa, os navios portuguezes, cujos marinheiros tinham sido, por ordem de lord Nelson, os executores da sentença condemnatoria.

Cumpriria o marquez de Niza a missão de que o encarregára o rei de Napoles? Daria ao principe regente os conselhos de que fôra incumbido? Contar-lhe-ia o caso, que lhe devia servir de profundo ensinamento, e de austera lição? Não sabemos, mas, se o fez, foi tudo, como os francezes dizem, *en pure perte*. Nove annos depois, nas aguas de Lisboa passava-se uma scena similhante á que se representára em Napoles. Não ardiam os navios portuguezes, serviam pelo contrario para o transporte da familia real, mas iam procurar, fóra da barra, a protecção da esquadra de sir Sidney Smith, e essa protecção era a tyrannia. Tambem o reino de Portugal, como o de Napoles, foi abandonado aos francezes, e tambem os inglezes nos trataram depois como paiz

conquistado. Em Napoles o almirante Nelson, apesar dos protestos do cardeal Ruffo, rasgava a capitulação por este assignada com os republicanos, e, violando a fé jurada, inscrevia na historia napolitana uma pagina sanguinolenta; em Portugal Dalrymple assignava com Junot uma convenção vergonhosa, apesar dos protestos de Bernardim Freire, e inscrevia na historia portugueza um tratado ignobil, que teve o nome execrado de convenção de Cintra.

A historia justiceira porém restituiu as responsabilidades áquelles a quem competiam, e imprimiu na fronte de Nelson e na fronte de Dalrymple o estygma merecido.

Não esqueceu porém tambem os soberanos, que, pela sua indesculpavel fraqueza, tinham entregado os seus povos a um tempo ao jugo do estrangeiro conquistador e á protecção tyrannica de alliados insolentes, aos francezes de Championnet e de Junot, aos inglezes de Dalrymple e de Nelson.

.....

Em Napoles triumphava a anarchia. O principe Pignatelli era realmente incapaz de a conter e de tomar as medidas energicas reclamadas pelas circumstancias. Os francezes avançavam e estavam já a dois passos da cidade. Os restos do exercito napolitano, completamente desorganizado pela derrota, acolhiam-se á capital, onde se dissolviam nas

mãos do povo, entregando as armas aos *lazzaroni*. Estes, ebrios de furia e de sangue, percorriam as ruas, vociferando contra o rei e contra os francezes, contra Mack e Pignatelli, contra os partidarios dos Bourbons, e contra os republicanos, não sabendo em que sentido haviam de dirigir a sua colera, obedecendo ás ordens dos chefes improvisados que a popularidade das ruas lhes designava, escolhendo entre outros uma especie de Masaniello truão, um homem conhecido pelas suas loucuras, e a quem chamavam por isso *Michele il pazzo*, Miguel o doído. E Championnet, com o seu exercito dividido em tres columnas, avançava a marchas forçadas, dispersando as guerrilhas que o atacavam, e em Napoles já quasi se podia sentir o passo cadenciado dos granadeiros republicanos. A furia dos *lazzaroni* então não conheceu limites. Pignatelli assignára uma tregua desastrosa com os francezes, mas teve logo de fugir para a Sicilia, realisando-se d'essa fórmula o que el-rei Fernando previra. Mack, não se julgando em segurança em Napoles, preferiu entregar-se á generosidade dos seus inimigos, e fôra, como prisioneiro de guerra, ao acampamento de Championnet, entregar a sua espada ao general francez. Os *lazzaroni* tinham arvorado tumultuariamente em governador da cidade o principe de Maliterno, que era muito popular e estimado. Sabe-se porém como se gastam depressa as popularidades na hora sinistra

das revoluções. Não tardou muito que o principe de Maliterno não se visse tambem obrigado a desistir do seu commando.

Então os *lazzaroni*, completamente ás soltas, praticaram as maiores barbaridades. Homem que fosse apodado de jacobino, estava por esse simples facto desde logo condemnado á morte. Um acontecimento inesperado veio redobrar a sua furia. Nicolino Caracciolo (o mesmo a quem o nosso Vasco Antonio quizera fazer um caldo), sobrinho do almirante, conhecido pelas suas opiniões liberaes, e outros amigos seus correligionarios, tinham conseguido apoderar-se do castello de Sant'Elmo, que passou desde esse momento a ser o refugio d'aquelles que o povo accusava de partidarios das idéas francezas. Entretanto os navios portuguezes, ancorados na enseada, assistiam, immoveis e impassiveis, ao espectaculo de todos estes desatinos. Comtudo o marquez de Niza recebêra a missão de proteger, tanto quanto em si coubesse, as vidas e as propriedades dos subditos inglezes e portuguezes, e não queria deixar de se desempenhar d'esse encargo. Lançar em terra tropas de desembarque, seria um expediente absurdo e inutil. Esta duvida por muito tempo inquietou e preoccupou o marquez de Niza, até que se resolveu a empregar um meio audacioso, mas que podia dar bons resultados no estado de confusão em que se achava a cidade.

Escolheu entre os seus marinheiros e os seus soldados um grupo de homens resolutos, mandou-os vestir á moda napolitana, armou-os até aos dentes, e fel-os desembarcar de noite no caes da Mergellina.

O commando d'esta arriscada expedição foi dado a D. Jayme, que se vestiu estritamente á moda antiga, evitando cuidadosamente o cabello á Tito e as calças, signaes infalliveis de jacobinismo, a que el-rei de Napoles tinha um odio especial, e que eram portanto igualmente execrados pelos seus fieis *lazzaroni*.

Assim vestidos os nossos marinheiros, transformados em pescadores da Mergellina, dispersaram-se entre o povo, tendo o cuidado comtudo de nunca se perderem muito de vista, e obedecendo escrupulosamente á ordem que de D. Jayme tinham recebido para guardarem o mais absoluto silencio.

Vasco Antonio pavoneava-se todo ufano com o seu pittoresco traje, que adoptára tambem, porque a libré do conde de Espozende era conhecida em Napoles, por terem visto muita vez aquelle creado acompanhar com os creados do paço nos passeios a Caserta, ou nas caçadas de el-rei.

D. Jayme, seguido pelos seus homens, dirigiu-se a casa do consul inglez, a quem communicou a missão de que fôra encarregado, pedindo-lhe que lhe designasse as casas britannicas que devia proteger, e

as dos portuguezes, se por acaso em Napoles houvesse algumas.

Não havia, e o consul declarou-lhe que os inglezes que habitavam em Napoles estavam tão alheios á politica, tão absolutamente entregues ao commercio, que não era natural que o povo tentasse alguma cousa contra elles. Pediu-lhe portanto que se mantivesse com a sua gente em torno do consulado, não só para lhe proteger a residencia, que era de todas a que mais perigo corria, mas tambem porque ali viria logo ter a noticia de qualquer attentado, que o populacho infrene commettesse ou quizesse commetter contra a vida dos subditos da Gran-Bretanha.

D. Jayme portanto deixou-se estar por ali, e não se demorára ainda por muito tempo, quando ouviu clamores terriveis que lhe annunciaram a proximidade de algum tumulto.

Vejamos o que succedia.

O povo corria de casa em casa incendiando, matando, devastando, quando um grupo de *lazzaroni* ebrios, ao passarem pela rua de Toledo, diante de uma casa de bonita apparencia, pararam de subito á voz de um d'elles, que lhes dizia:

— Aqui é um ninho de jacobinos.

— Quem mora n'esta casa? perguntaram alguns.

— Mora a *signora Eleonora*.

— Quem é a *signora Eleonora*?

— É assim a modo uma comica, herege ou cousa que o valha, que é mais jacobina que os jacobinos.

Era effectivamente a casa de Leonor da Fonseca Pimentel.

— Morra a jacobina! bradaram logo as vozes avinhadas dos *lazzaroni*.

— Dizem que se faz aqui escarneo de S. Januario... tornou o denunciante.

— Morra a herege! bradou a massa.

— E do seu milagre.

— Morra!

E n'um abrir e fechar de olhos tinham apparecido pedras como por encanto, e uma saraivada de pedradas foi partir os vidros das janellas da casa da portugueza.

Na casa atacada estavam então reunidas em torno de Leonor da Fonseca Pimentel algumas senhoras, ou pertencentes a familias liberaes, ou conhecidas pelas suas proprias tendencias para essas idéas.

Quando o tinir das pedras e dos vidros esmigalhados lhes confirmou o que os vagos rumores da rua lhes tinham já feito presentir, algumas das senhoras levantaram-se com a pallidez no rosto, e soltando gritos de terror.

— Abaixo as jacobinas! bradava o povo lá fóra.

— Morram as hereges!

— Morram! Morram!

— Arrombem-se as portas!

— Deite-se fogo á casa!

E o ranger das portas, que os machados já atacavam, veio provar que essas palavras não significavam uma ameaça vã.

— Minhas senhoras, bradou Leonor, pallida mas resoluta, chegou o momento supremo, o momento que ha muito prevíramos, e para o qual não nos faltam, supponho eu, nem brios, nem coragem. As mulheres, se não nasceram para o combate, nasceram pelo menos para o martyrio. No heroismo da luta nem podemos, nem nos cabe competir com os homens, no heroismo do sacrificio e da resignação, sim. Affrontar a morte dando tambem a morte é para elles. Mas affrontar a morte com um sorriso, offerecendo o peito ás balas, e caíndo sem um queixume, não me parece que seja superior ao nosso animo.

Uns soluços reprimidos foram a unica resposta.

Lá fóra o povo rugia em clamores insensatos, e esses gritos surdos e ferozes eram realmente para gelar o sangue nos peitos mais intrepidos. Por diante das janellas viam-se passar os clarões dos fachos que os *lazzaroni* tinham ido buscar, para darem cumprimento á sua ameaça de deitar fogo á casa. Pelo formoso rosto de Leonor passou, altivo e desdenhoso, um sorriso de desprezo, e voltando-se para as suas companheiras, e apontando para fóra, a fim de lhes mostrar o que se estava tramando, continuou:

— Minhas queridas amigas, vêdes a sorte que nos está reservada. Resolvam agora se preferem morrer queimadas aqui, soltando gritos de inutil desespero, ou se querem antes ir ao encontro da morte, com o sorriso nos lábios e a serenidade no coração. Lembrem-se, minhas senhoras, do exemplo que nos deram essas fidalgas francezas, cujas idéas aliás não partilhâmos. Todas souberam morrer intrepidamente, sem darem aos seus inimigos o espectáculo dos terrores femininos. Morreram assim as que eram a honra da sua classe e do seu paiz pelas suas virtudes e pela nobreza do seu espirito. Só se mostrou medrosa e cobarde essa mulher, que a um tempo deshonrou o povo d'onde saíu, e o throno onde quasi conseguiu sentar-se — a Dubarry. E nós, que temos prestado sempre um culto austero e nobre á virtude e á liberdade, havemos de ser menos inrapidas do que as filhas dos despotas, tão cobardes como a amante de um rei? Não! não póde ser! Vamos, minhas queridas amigas, abracemo-nos pela ultima vez, pensemos em todos os que nos são caros, e vamos affrontar a morte, que não é para nós todas senão a porta que nos abre a eternidade, a chave d'este grande mysterio do destino humano.

Leonor estava, ao dizer isto, verdadeiramente radiosa de formosura. A sua cabeça, erecta e altiva, e como que illuminada pela inspiração, pousava graciosamente no seu pescoço modelado como

o de uma estatua. Os seus olhos brilhavam como as estrellas da liberdade e da fé, que n'esse momento lhe inspiravam tão nobres pensamentos, tão sublime resolução.

As suas companheiras sentiram-se inflammadas pelo fogo do heroismo, que emanava do peito da ardente portugueza. Erguendo os olhos ao céu, como para lhe pedirem coragem e força n'esse momento angustioso, n'essa provação suprema, }bradaram unanimemente:

— Estamos promptas!

D'ahi a instantes, a porta, que resistia a todos os esforços dos assaltantes, abriu-se de subito, e a multidão recuou espantada, ao ver sair esse grupo de gentis mulheres, a cuja frente vinha, mais gentil que todas, Leonor da Fonseca Pimentel. Dir-se-ia uma estatua que descêra do seu pedestal, e que marchava grave, serena, olympica, se o doce brilho do olhar não desviasse o pensamento das deusas do paganismo para trazer antes ao espirito a idéa de uma d'essas virgens christãs, que esperavam serenamente no circo as garras dos leões e dos tigres, contentes por morrerem pela sua fé e pelo seu Deus.

— Reclamaes as jacobinas? exclamou Leonor com voz serena e forte. Aqui as tendes! promptas a derramar o seu sangue pelas suas crenças. Matae-nos, povo infeliz, sacrificae-nos, como o povo de Israel sacrificou o seu Redemptor. Não queremos porém

que o nosso sangue cáia sobre as vossas cabeças, queremos que elle pelo contrario sirva para dar vigor e seiva á arvore da liberdade.

— Olha a franceza! bradou um marinheiro que estivera em Toulon, e conhecia portanto as arvores symbolicas de que a França fez tanto consumo em 1792, e que, não comprehendendo o discurso de Leonor Pimentel, não víra senão uma allusão a um uso republicano em tudo quanto ella dissera. Morra a afrancezada! morra a republicana!

— Afrancezada, sim, tornou Leonor Pimentel, erguendo a cabeça, bella de indignação, já que é a França o paiz que evangelisa as generosas idéas; republicana, sim, porque a republica é a aspiração suprema de todos aquelles, que sentem pulsar vivamente no coração o sentimento da dignidade humana!

— Ouvem-n'a? ouvem-n'a?

— Morra a traidora!

— Morra a jacobina!

E aquella massa confusa oscillou ao sôpro desconhecido dos motins, precipitou-se para o pallido grupo das senhoras, que viram n'um momento apinharse em torno d'ellas um monte de cabeças lividas, ferozes, com olhos injectados de sangue, bôcas espumantes, que vociferavam toda a especie de injurias. Ao mesmo tempo dezenas de mãos convulsas se ergueram, brandindo punhaes, espadas e espin-

gardas, que manejavam como maças de armas. A este espectáculo horroroso, algumas das companheiras de Leonor caíram de joelhos, escondendo o rosto entre as mãos. Ella porém, serena, com a fronte erguida, com os olhos fitos no céu, com um sorriso de desdem a fluctuar-lhe nos labios, nem parecia ver os seus algozes, nem tremer diante do aspecto da morte inevitavel.

Mas n'este momento, e quando aquellas frageis mulheres iam ser despedaçadas pela turba furiosa, ouviu-se o som estridulo e prolongado de um apito de contramestre de navio, e a esse som irrompeu de differentes lados da rua um grupo não de homens, mas de demonios, que, armados com facas, espadas e clavinas, abriram um grande claro na turba, e convergiram n'um momento para o sitio onde se achavam Leonor Pimentel e as suas companheiras. O caminho, seguido por esses homens, que de diversos pontos vinham reunir-se ali, ficára marcado por um rasto de sangue. A turba furiosa quiz arremessar-se a esses homens, que vestiam o traje de pescadores da Margellina, mas que obedeciam com a unidade que só a disciplina sabe ensinar ao commando de um rapaz, vestido elegantemente e acompanhado sempre por um pescador esguio, que parecia a sua sombra.

Eram os marinheiros portuguezes de D. Jayme.

Aterrados pelo subito ataque, e pelo aspecto re-

solutos dos homens que tão inesperadamente tinham vindo em soccorro das intrepidas amazonas, os *lazzaroni* fugiram em todas as direcções, e em poucos minutos a rua de Toledo estava deserta.

— Oh! meu salvador, disse Leonor Pimentel, dirigindo-se em italiano a D. Jayme, que lhe era completamente desconhecido, como lhe hei de eu agradecer tão generoso auxilio? Livrou-me de um terrível remorso, porque estas minhas amigas iam soffrer a morte, e soffrel-a por minha causa! Diga-me o seu nome, para que eu possa recordal-o sempre como o de um mensageiro da Providencia.

— O meu nome, minha senhora, respondeu D. Jayme em portuguez, é o nome de um seu compatriota. Chamo-me D. Jayme de Noronha, conde de Espozende. Sou official da esquadra portugueza, na qual são marinheiros estes homens que me acompanham. Já vê, minha senhora, que eu, protegendo a sua vida, não fazia senão cumprir o stricto dever que me era imposto pelo facto de sermos contrabandistas, não fazia senão obedecer ás ordens do meu commandante, que me enviou a terra para salvaguardar os nossos compatriotas.

— Portuguezes! exclamou Leonor com alvoroço, e na nossa lingua. Oh! como a minha felicidade redobra! como me sinto orgulhosa de que este feito fosse praticado pelos patricios de meu pae! Vêem, minhas senhoras? continuou ella em italiano voltan-

do-se para as suas companheiras, aqui têm um acto cavalheiresco bem digno dos descendentes do Magriço. O rei Fernando fugiu, fugiram com elle os inglezes, abandonando ao seu destino a desgraçada nação, que a sua alliança perderam. Ficaram os portuguezes para velar pelas vidas dos seus naturaes, não temendo arriscar-se para isso aos mais terriveis perigos! Ah! como eu me ufano de ser sua compatriota, senhor conde! Ha muito tempo que sigo com interesse os movimentos da esquadilha portugueza, desejava conhecer os seus officiaes, recebê-los em minha casa, mas as minhas opiniões bem conhecidas tornavam-me suspeita ao encarregado de negocios de Portugal, e obrigavam-me a uma reserva bem triste, mas indispensavel.

— Minha senhora, redarguiu D. Jayme, creia que me orgulhei sempre de que uma compatriota desempenhasse em Napoles papel tão digno e tão nobre, e que só muito contra minha vontade deixei de lhe ir apresentar ha muito as minhas homenagens. Encontrâmo-nos porém em circumstancias por tal fórma terriveis, que não posso deixar de lhe lembrar que nos rodeiam perigos por todos os lados, que esses miseraveis repellidos não tardarão a voltar em muito maior força, e que é necessario, antes de tudo, prover á sua segurança e á das suas amigas.

— Tem razão, redarguiu Leonor, mas que havemos de fazer?

— Minha senhora, tornou Jayme com fogo, se eu ousasse aconselhal-a . . .

A este tempo já haviam entrado no amplo vestibulo da casa da formosa portugueza, e enquanto os marinheiros, apinhados á porta, vigiavam a rua de Toledo, D. Jayme conferenciava com as senhoras junto da escada.

— Aconselhe, aconselhe, respondeu Leonor, espero com anciedade.

— Se eu ousasse aconselhal-a, tornou D. Jayme, dir-lhe-ia que abandonasse esta cidade que vae ser preza da anarchia, que se lembrasse da terra de seus paes, e que se acolhesse á sombra da bandeira portugueza.

— Ah! não! não! redarguiu Leonor, desempenhando a sua elegante estatura, portugueza sou, é certo, e d'isso me prezo, mas amo tanto Napoles como se aqui houvera nascido, e hei de partilhar os seus perigos, hei de contribuir, quanto poder, para a sua emancipação!

— Para a emancipação d'esses *lazzaroni*, que a iam despedaçar com a mesma furia com que eu vi a plebé de Paris despedaçar a princeza de Lamballe?

— Sim! para a emancipação d'esse povo, cruel porque é escravo, barbaro porque é ignorante! Para que elle deixe de o ser, é que eu quero derramar-lhe no seio torrentes de luz, para que elle seja um

aggregado de homens e não de feras é que eu quero os grandes ensinamentos, as austeras lições da liberdade.

— Bem! disse D. Jayme suspirando, o momento não é azado para discussões, e o tempo urge de tal fôrma que eu nem pretendo rebater as suas idéas. Já que persiste em ficar em Napoles, dir-lhe-hei que o unico lugar seguro em que pôde encontrar abrigo é o castello de Sant'Elmo, de que se assenhorearam alguns republicanos, e que o povo de certo nem sequer ousará atacar. Aproveitemos este momento, que eu escolto-as até lá, e poderei talvez livral-as de alguma nova tentativa dos *lazzaroni*.

— Acho acceitavel o alvitre, acudiu Leonor Pimentel, não lhes parece, minhas senhoras?

— De certo, de certo! bradaram todas. Aqui é impossivel ficar.

— Acceitâmos a sua generosa offerta, conde, tornou Leonor voltando-se para D. Jayme. Vamos para o castello de Sant'Elmo; d'ali poderemos seguir os acontecimentos, ali poderemos sacrificar a nossa vida, se isso for necessario e util, em vez de a perdermos estúpida e ingloriamente aqui, sem proveito para a patria, sem proveito para a liberdade.

E, dando resolutamente o braço a D. Jayme, saiu para a rua acompanhada pelas suas amigas.

D'ahi a um quarto de hora tinham chegado á porta do castello de Sant'Elmo, encontrando apenas

no caminho alguns grupos armados, que os viram passar com espanto, mas sem attitude aggressiva.

Á porta do castello, Jayme quiz despedir-se, mas Leonor insistiu tanto com elle para que a não deixasse, talvez para nunca mais a tornar a ver, que o conde de Espozende, a quem a sua formosa compatriota inspirára a mais viva sympathia, prometteu vir visital-a, depois de ter assistido ao embarque dos seus marinheiros, que já não tinham que fazer em terra, não só porque os *lazzaroni* deixavam em paz os inglezes, que se conservavam estranhos á politica, mas tambem porque a sua intervenção, em favor de Leonor Pimentel, designára-os á colera do povo, que elles de certo não poderiam sempre dominar.

Cumprindo portanto os seus deveres de commandante, Jayme desceu com os marinheiros ao caes, onde os esperavam os escaleres, e, recommendando que lhe mandassem de bordo uma embarcação que o viesse buscar, subiu a ladeira que ia ter ao castello, acompanhado unicamente pelo seu fiel e inseparavel Vasco Antonio.

Á porta da fortaleza veio recebê-lo o seu amigo Nicolino Caracciolo, moço sympathico e intelligente, sobrinho do almirante, que o acolheu de braços abertos, felicitando-o pela generosa acção que praticára.

Subiram as escadas da residencia particular do

antigo governador, e, finalmente, Nicolino, abrindo uma porta, fez signal a D. Jayme que entrasse.

Este obedeceu, e encontrou-se n'uma ampla sala, onde estavam reunidos, em torno de uma mesa coberta de livros e de papeis, homens e senhoras, que foram depois figuras principaes na ephemera republica parthenopéa.

CAPITULO XI

Os revolucionarios napolitanos

Rodeada de damas e de homens, que a escutavam attentamente, Leonor Pimentel fallava com animação. Apenas viu entrar D. Jayme, levantou-se; e, dirigindo-se aos homens, que a rodeiavam, disse-lhes :

— Cirillo, Coletta, Manthoné, meus amigos, meus irmãos, apresento-lhes o homem que nos salvou, o senhor conde de Espozende, meu compatriota, filho d'aquella nobre terra onde nasceram meus paes, da qual fui exilada antes do meu nascimento, e que apesar d'isso amo tanto.

Os tres homens a quem Leonor se dirigia apresentavam typos completamente diversos. Gabriel Manthoné, que depois foi ministro da guerra da republica parthenopéa, era um homem na força da vida, alto e robusto, indicando bem na sua construcção a raça de que descendia, raça dos montanhesez da Helvecia.

Domingos Cirillo tinha cincoenta para sessenta annos, physionomia doce e serena, o rosto pallido, moldurado por cabellos brancos de neve. Homem verdadeiramente erudito e de largas idéas liberaes, pertencia a essa escola philosophica do seculo XVIII, que procurou com enthusiasmo a verdade, apesar de desconhecer muito os processos por meio dos quaes ella pôde encontrar-se. Viára na Europa, estivera muito tempo em França e na Inglaterra, e ahí se relacionára intimamente com Buffon, d'Alembert, Nollet e Hunter. Estas más companhias não deviam pôl-o muito em cheiro de santidade no orthodoxo reino de Napoles. Por isso tambem era elle um dos homens, cujos passos a junta do estado seguia com mais estricta vigilancia, um d'aquelles que no momento da anarchia, os prégadores que excitavam o povo, logo designariam ás suas iras. Cirillo previu isso mesmo, e por isso, apenas lhe constou que Nicolino Caracciolo, com alguns amigos, tomára posse do castello de Sant'Elmo, corrêra logo a refugiar-se n'esse abrigo seguro.

Pedro Coletta era um rapaz elegante, de vinte e dois annos incompletos, que vestia com garbo e airosidade o uniforme de cadete do exercito napolitano. Acabára n'essa occasião de fazer a sua primeira campanha, campanha infeliz, pois que tivera por estreia a derrota de Civita-Castellana. Moço intelli-

gente e cheio de ardor, professava as idéas republicanas, e, forçado a abandonar as fileiras do exercito desorganizado pelo destroço, lançára-se com enthusiasmo no seio da revolução napolitana. Joven e poeta, duas musas o inspiravam: a liberdade e Leonor Pimentel, que parecia ser a viva imagem da deusa, em cujo altar, no seu ardor de revolucionario, queria render cultos. Ali começava a sua aprendizagem liberal, e colleccionava na memoria as imagens e os apontamentos, que depois lhe haviam de servir para escrever os mais brilhantes capitulos da sua *Historia do reino de Napoles desde Carlos VII até Fernando IV*.

Porque era este effectivamente o celebre Pietro Coletta, historiador liberal, que brilha com grande esplendor na moderna litteratura italiana, e, como naturalmente não teremos occasião de fazer entrar de novo em scena esta figura illustre, aqui diremos alguma cousa a respeito d'esse moço de olhar ardente, que aperta comtudo com certa frieza a mão a D. Jayme, mostrando que preferiria que Leonor Pimentel houvesse sido salva por menos gentil cavalheiro.

Pietro Coletta pagou generosamente á republica parthenopéa, que defendeu com enthusiasmo, o seu tributo de sangue. Quando rebentou a reacção em 1799, sempre combateu contra ella, e teve uns poucos de ferimentos em varios recontros dos soldados

republicanos com as bordas do cardeal Ruffo. Foi preso, mas não condemnado á morte. De 1800 a 1806 viveu afastado da vida publica, e todo entregue ao estudo das letras e das sciencias. Quando José Bonaparte subiu ao throno de Napoles, Coletta, que do seu antigo enthusiasmo republicano conservára quasi unicamente um grande amor pela França, acceitou sem difficuldade o novo regimen, e serviu debaixo das ordens de Masséna. Quando Napoleão ordenou uma transferencia de reis, como podia ordenar uma transferencia de marechaes, e nomeou Murat rei de Napoles, passando José Bonaparte para o throno de Hespanha, Coletta obteve a confiança do seu novo soberano, que o nomeou successivamente seu ajudante de ordens, director geral da engenharia civil, conselheiro d'estado, commandante supremo da engenharia militar, e finalmente major general.

Veiu a restauração, que, apesar das tradições revolucionarias e muratistas de Coletta, lhe confiou o commando da divisão militar de Salerno. Accusaram-n'o depois os seus inimigos de ter entregado a Fernando IV a cabeça do seu regio protector, Joaquim Murat, que, tentando uma sublevação, foi preso, condemnado á morte, e fuzilado summariamente nas praias do Pizzo. É certo contudo que elle tomou parte na revolução de 1820, e obteve a confiança dos homens do novo governo, que de cer-

to não poderiam ver com bons olhos um homem que tivesse sido tão servil com os Bourbons. Director da engenharia militar, encarregado de pacificar a Sicilia agitada pela revolução, Coletta foi finalmente chamado a tomar conta da pasta da guerra no ultimo ministerio revolucionario. Mas essa prematura tentativa liberal foi suffocada em Napoles pelos austriacos, da mesma fórma que em Hespanha pelos francezes. Punido primeiro com a prisão, depois com o exilio, Pietro Coletta aproveitou as horas da proscripção para se entregar aos notaveis trabalhos historicos que lhe grangearam o nome de Tacito italiano.

Tal era o homem que Leonor Pimentel apresentava ao seu esbelto compatriota. A respeito dos outros não poderíamos fallar tão largamente, porque em 1799 encarregou-se o cadafalso de lhes truncar o livro da vida. D'esses quatro personagens, que se agrupavam em torno de Jayme, só um tinha de sobreviver a essa epocha de tormentas, para narrar os feitos heroicos então praticados, as atrocidades commettidas, e para gravar na memoria da posteridade a imagem d'essas nobres e sympathicas figuras.

— Conde, disse então Nicolino Caracciolo, que acabava de entrar, puxando para si a porta da sala, tenho o mais vivo desejo de o reter prisioneiro de guerra, e de o obrigar a defender connosco a republica napolitana.

— Seria uma traição, respondeu Jayme sorrindo; não a temo contudo. Eu venho decidido a fazer propaganda, e a convencei-os, meus senhores, de que é uma loucura o que vão tentar.

— Ah! isso não admira, redarguiu Caracciolo, eu passo por doido!

— Mas não o é, tornou Jayme, é um homem cheio de intelligencia e de espirito, e que deve ver que o novo regimen, que querem fundar em Napoles, não tem os minimos elementos em que se baseie. Lembrem-se de que querem fundar um governo democratico, e que estão contudo aqui, fugidos á colera do povo.

— Pois o que nós queremos exactamente, acudiu Leonor Pimentel com a sua voz grave e musical, é dar a esse povo estúpido, com a luz da liberdade, a consciencia dos seus direitos e dos seus deveres. O chicote dos reis tem-n'o obrigado a arrastar-se no chão, como perro vil que ladra e morde indifferentemente a todos, menos ao dono, que lhe dá chicote e *macaroni*.

— E as republicas, tornou Jayme com fogo, substituem o chicote pelos *circenses*, quando não aproveitam ambas as cousas.

— Faziam-n'o assim as velhas republicas de escravos e de ilotas, não as republicas christãs, como eu as sonho, como eu as imagino, como o meu querido Cimarosa as concebeu tambem ao escrever a

sua *Marselheza napolitana*, tão perfumada de sentimentos doces e suaves, onde quasi não ha gritos de guerra, onde passa como que o sopro suave e puro da predica evangelica.

E, dizendo isto, voltava-se para um homem de quarenta e tantos annos, sentado a um canto de uma janella, e que se virou para Leonor, ao ouvi-la pronunciar o nome de Cimarosa.

Era effectivamente elle, o maestro sublime, o auctor do admiravel *Matrimonio segreto* e das *Astuzie femminili*, o homem, a quem Antony Deschamps ainda havia de vir a chamar um dia em versos que ficaram celebres :

*Le divin Cimarose,
Le gai napolitain, à la bouche de rose.*

Era elle. Tinha então quarenta e quatro annos, e a sua reputação já era universal. O filho do pobre pedreiro, que no meiado do seculo XVIII viera estabelecer-se em Napoles, fôra recebido com applauso e com enthusiasmo na côrte dos imperadores.

Como Mozart, Cimarosa revelára desde creança o seu grande talento musical. Seus paes moravam ao pé de um convento de franciscanos, e o padre Polcano, frade organista, podera observar no filhito do pedreiro notaveis disposições para a musica. Por isso, quando por um desastre, o pobre opera-

rio morreu, deixando orphão, na idade de sete annos, o pequeno Domingos, o padre Polcano pediu á mãe do futuro maestro que lhe deixasse dirigir a sua educação, e em cinco annos lhe ensinou tudo quanto sabia. Metteu-o depois no conservatorio de Santa Maria do Loreto. Saiu do conservatorio aos dezenove annos, e começou a percorrer a Italia, improvisando com pasmosa facilidade ligeiras e graciosas partituras, que lhe deram logo uma grande reputação, e fizeram com que todas as cidades da gentil península disputassem umas ás outras a honra de possuir o prodigioso adolescente.

A fama do talento do joven maestro ultrapassou as fronteiras da Italia, e chegou ás côrtes do norte, ávidas n'esse seculo XVIII, em que os paizes septentrionaes eram regidos por illustrados monarchas, de possuirem os thesouros e os primores de arte, que desabrochavam mais esplendidamente á luz do sol do meio-dia. Catharina da Russia fez a Cimarosa as mais seductoras propostas, que o decidiram a emprender a viagem de S. Petersburgo. N'essa viagem não fez mais que percorrer a estrada triumphal. Foi de côrte em côrte, applaudido e festejado, e o grão-duque da Toscana e o imperador José difficilmente se consolaram de não ter podido reter nem em Florença nem em Vienna o musico divino.

Em S. Petersburgo mostrou Cimarosa que o seu talento não era só esse talento facil de improvisa-

dor, que podia possuir como elle algum d'esses *lazzaroni* indolentes em cuja phantasia accende o sol napolitano a prompta inspiração, o subito enthusiasmo. Foi então que mostrou que era para mais o seu talento e, a primeira opera importante que fez representar, a *Vergine del sole*, obteve um successo de enthusiasmo.

Mas em Vienna, para onde partiu ao sair da Russia em 1792, a sua reputação chegou ao apogeu, quando se representou diante do imperador a celebre opera, que ainda hoje se canta com grande applauso em todos os theatros, o *Matrimonio segreto*. A ovação que esta peça obteve foi indescriptivel. Acabou de se representar, e o imperador pediu que se representasse de novo. Na mesma noite, depois de algum descanso para os artistas ceiaem, recommçou o spectaculo, facto unico seguramente, e que nunca mais se tornou a dar com peça alguma theatral. A Italia festejou depois com o mesmo calor as brilhantes produções do seu glorioso filho. Napoles sobretudo acolheu-o com enthusiasmo. Apesar porém de ter sido tão estimado por imperadores e reis, as suas idéas eram mais ou menos republicanas, e é esse o motivo por que viemos encontrar n'esta reunião politica o auctor do *Matrimonio segreto* e das *Astuzie femminili*, o maestro querido não só do povo napolitano, mas tambem da cõrte de Napoles.

Era esse o homem, que Leonor Pimentel inter-

pellára, e que, saindo do canto da janella onde se conservára, alheio á conversação, perguntou:

— O que é isso?

— Quero que me responda: não é verdade que o seu hymno, a *Marselheza napolitana*, não é um hymno de guerra, mas um hymno de paz, de fraternidade e de redempção? Não é verdade que todas as suas notas respiram o amor e o enthusiasmo, longe de respirarem o odio e a vingança? Ah! diga-o a este meu compatriota, que não quer comprehendel-o, diga-o a este meu generoso salvador, que tanto mais generoso foi quanto suppoz que salvará uma mulher sequiosa de sangue, e adoradora da guilhotina, uma *tricoteuse*, uma Théroigne de Méricourt, uma d'essas ignobeis megeras, que deshonraram a um tempo o sexo a que pertenciam, a liberdade de que se diziam sacerdotisas.

Jayme ía protestar com todo o calor, mas Cimarosa interrompeu-o, respondendo brandamente:

— Se a minha musica inspira esses sentimentos não sei, que eram elles os que actuavam na minha alma, posso indubitavelmente affirmal-o: mas, *mià cara Eleonora*, tem um meio muito facil de persuadir este cavalheiro. Está aqui um cravo, eu a acompaño. Cante-lhe a *Marselheza napolitana*, e convença-o de que a sua doce voz não poderia reproduzir nunca um ignobil *ça ira*.

Leonor não se fez rogada. Cimarosa abriu o cra-

vo (porque se estava nos aposentos particulares do governador do castello), e a formosa portugueza, approximando-se, desempenando a sua estatura elegantissima, levantando a fronte coroada pelos seus finos cabellos negros ondeados, esperou que Cimarosa acabasse de tocar o preludio do seu hymno.

Quando o maestro, passando os dedos ao de leve pelas teclas, principiou o acompanhamento, a voz pura e magnifica de Leonor Pimentel entoou com admiravel energia os dois primeiros versos :

Il tiranno é caduto ; sorgete,
Gente oppressa...

Correu um frémito pelo corpo de todos os ouvintes, e o proprio D. Jayme não se eximiu a uma certa commoção enthusiastica. Esse grito de liberdade, que irrompia, como um desabafo sublime, do coração d'essa mulher em que se concentravam n'esse momento as aspirações da alma de um povo, não podia deixar de despertar mil echos em todos os espiritos generosos. Aquelle grito, com que Cimarosa abria o seu hymno, era a saudação dos captivos ao sol, que vêem enfim por entre as grades arrombadas do carcere, grito de jubilo em que ia envolta uma maldição ás trevas. Mas depois o passado esquecia, e a luz da liberdade, banhando as almas, não lhes inspirava com os seus effluvios magicos senão pensamentos suaves e benignos. O hymno dei-

xava de ser bellicoso para deslizar brandamente pelas encostas do idyllio, para respirar todo elle clemencia e paz. Era effectivamente, como Leonor o dissera, não o hymno da vingança, mas o hymno redemptor. Emfim, ao terminar, erguia-se de novo n'um raptó sublime, n'um grito de enthusiastico triumpho, com que se fechava essa sublime composição.

As palmas brotaram unanimes e fervorosas, quando expiraram no ambiente da sala as ultimas notas da *Marselheza napolitana*. Cimarosa queria voltar modestamente para o seu vão de janella, mas os ardentes napolitanos, que o tinham ouvido, é que lh'o não consentiram, e o obrigaram a receber os cumprimentos' sinceros e enthusiasticos do conde de Espozende.

— Pouco me cabe n'este applauso com que coroaes a obra, dizia elle; a gloria compete principalmente ao auctor dos versos, o nosso grande tragico Monti, e á admiravel cantora, que soube dar tanto realce ás miúhas pobres melodias.

As melodias não eram pobres, mas o modo como tinham sido executadas, esse era realmente magistral. A voz de Leonor, um contralto cheio e sonoro, que se elevava sem difficuldade ás notas mais altas da sua escala, era sobretudo admiravel nas notas graves. A artista usava d'ella com uma habilidade suprema. Esse hymno cantára-o de mais a mais com

verdadeira inspiração. D. Jayme escutára-o n'um enlevo. Aquella belleza perfeitamente esculptural, aquelle porte de deusa, aquella gentil cabeça coroada pelos finos cabellos, que usava curtos e ondeados, davam realmente a idéa de uma d'essas musas viris, Clio ou Calliope, que a Grecia phantasiou, e que devem ser, com Urania, os contraltos no côro das nove irmãs, a que preside Apollo. Nos seus olhos brilhava a viva chamma da liberdade. Toda ella respirava a castidade e a pureza, e isso era ainda mais um encanto para a alma nobre e elevada de D. Jayme.

Por isso, quando ella acabou de cantar, D. Jayme ficou um momento oppresso e sem poder pronunciar uma palavra. O seu espirito agitava-se ao sopro de mal definidas impressões. Era amor, era entusiasmo, era respeito o que essa mulher lhe inspirava? Nem elle poderia dizel-o. Sabia apenas que estava prompto a dar por ella a sua vida, e que a magia d'essa voz feiticeira abalava no fundo da sua alma as idéas que julgava mais firmes.

Perturbado, attonito, entregue ao extasi quasi doloroso, que lhe produzira essa admiravel musica, tão admiravelmente cantada, D. Jayme hesitava se devia ficar ou fugir, quando Leonor Pimentel, dirigindo-se a elle com um meigo sorriso nos labios, lhe disse:

— O seu braço, meu caro compatriota! É preci-

so que se retire para bordo do seu navio, e antes d'isso quero dar-lhe duas palavras, enquanto estes senhores deliberam ácerca da attitude que devemos tomar em presença dos acontecimentos que se estão passando em Napoles!

E, abrindo uma das portas que deitavam para o interior dos aposentos de Roberto Brandi, que assim se chamava o governador do castello de Sant'-Elmo, que Nicolino Caracciolo apeiára descerem-niosamente das suas funcções, Leonor Pimentel, dando o braço a D. Jayme, saiu da sala onde estavam reunidos os futuros ministros, os futuros generaes, os futuros deputados da republica parthenopéa.

CAPITULO XII

Dialogo perigoso

— Senhor conde, disse Leonor Pimentel, apenas se acharam sós, no caminho da rua de Toledo para este castello de Sant'Elmo, os nossos dois creados reconheceram-se como compatriotas, e conversaram largamente. Isto basta para lhe explicar o motivo por que eu estou tanto ao facto da sua vida, como lhe vou mostrar. Para auctorisar os conselhos que passo a dar-lhe, serão sufficientes talvez o vivo e agradecido affecto que lhe consagro, e o character quasi maternal que a minha idade me dá em relação á sua. Não se sorria! Já lá vão para mim os trinta annos, limite fatal para nós outras mulheres, e do qual está ainda bem longe o meu joven compatriota.

— Minha querida senhora, respondeu D. Jayme rindo, para eu acccitar com reconhecimento e seguir á risca os seus conselhos, não precisa de invocar esse character maternal, que não estou de certo

disposto a reconhecer-lhe. Escusa de apresentar-me a sua certidão de baptismo, tem outra mais autentica no seu formoso rosto resplandecente de mocidade.

— Galanteios! respondeu Leonor sorrindo. Que mal cabidas flores! Desconheço-lhe os aromas, que pouco aprecio, eu que tenho tido sempre aspirações virís, que mal se coadunam com o papel de donzella requestada.

D. Jayme suspirou e calou-se.

— Bem! proseguiu Leonor, entremos no assumpto. Sei, conde, que deixou em Lisboa uma formosa menina de quem é noivo, e que o espera com anciedade, sei tambem que serve na esquadra do marquez de Niza como simples voluntario, e que nada o impede de partir. Pois bem, peço-lhe, rogo-lhe, como sua amiga, como sua compatriota, que se afaste d'este paiz, que deixe essa esquadra, onde póde ser obrigado a commetter actos que repugnam de certo á sua lealdade. Já teve hoje de ser cumplice do incendio da esquadra napolitana, ordenado pela tyrannica Inglaterra. Ah! se nós, que somos pequenos, Portugal e Napoles, em vez de nos unirmos e de nos auxiliarmos mutuamente, nos collocâmos ainda ao serviço das paixões, das ambições, da tyrannia da Inglaterra, se hoje o marquez de Niza, official portuguez, calca, a um signal de Nelson, a bandeira napolitana, e se amanhã talvez Caracciolo,

almirante napolitano, a um signal do mesmo Nelson, terá de rasgar a bandeira portugueza, como não havemos de ser sempre escravos e dependentes? Não! conde, vejo as cousas de mais alto, e, se não póde desviar o seu governo do nefasto e imprudente caminho, que até agora tem seguido, não lhe preste pelo menos o auxilio do seu nome, da sua espada e da sua dedicação.

— Minha senhora, tornou o conde de Espozende, desculpe-me se na minha resposta eu me vir obrigado a ferir um pouco as suas idéas, que infelizmente estou bem longe de partilhar. Não approvo, escuso de dizer-lh'o, o incendio da esquadra napolitana, mas nem por isso deixo de prestar com entusiasmo o auxilio da minha espada áquelles que combatem, não o reino de Napoles, mas a república de importação franceza, que dentro em breve, bem o sinto, em Napoles se ha de implantar. É contra a França republicana que eu aqui pelejo ainda, é contra a propaganda revolucionaria que eu aqui luto, como hei de lutar sempre e em toda a parte. Jurei-o, minha senhora, hei de cumprir o meu juramento.

Leonor sorriu-se tristemente, e calou-se.

— Bem, tornou ella depois de um momento de silencio, cumpra o seu juramento, e sejamos inimigos, já que o destino o ordena. Tenho comtudo ainda um conselho a dar-lhe — e a voz de Leonor tremia

ao proferir estas palavras, conselho, para o qual devo invocar de novo a auctoridade de mãe, que tão obstinadamente me recusa. Vive na intimidade da embaixatriz de Inglaterra, bem o sei; acautele-se! Julgo o seu coração bastante nobre para se não deixar captivar pelas seducções banaes d'essa sereia impudente. Mas ha surpresas de momento que o podem tomar de subito, e leval-o a desempenhar um papel, que repugnaria de certo á sua consciencia. Volte para junto da sua noiva, e deixe esta Aspasia ignobil vender os seus sorrisos ao heroe maritimo da Inglaterra, deixe essa Omphale diplomatica pôr a roca e o fuso nas mãos dos Hercules imbecis, que adoram aquella musa da sensualidade!

— Ah! esteja descansada, minha senhora, tornou Jayme com um supremo desdem, apesar de ter navegado muito nos mares que Ulysses percorreu, não preciso, como os companheiros do heroe grego, de tapar os ouvidos com cera para resistir ás seducções das sereias, e Emma Lyonna não conseguirá nunca ter-me rendido a seus pés.

Um relampago de alegria illuminou por um instante os formosos olhos de Leonor Pimentel.

— Tem essa confiança em si? perguntou ella sorrindo.

— Se tenho!

— Não ha perigo então que o seu coração fique preso na Italia?

Jayme não respondeu. Ergueu apenas os olhos, e cravou-os por um momento no rosto de Leonor.

Esta fez-se vermelha, como uma donzellinha que escuta uma primeira declaração.

—Vamos, disse ella erguendo-se, voltemos para a sala. Os meus conselhos estão dados, e, ao que parece, aproveitam.

E ía a saír.

—Leonor! murmurou D. Jayme como que involuntariamente.

Ella parou, mas nem se atreveu a responder. O coração palpitava-lhe com ancia, e no arfar oppresso fazia ondular brandamente o corpete do vestido.

—Leonor! tornou D. Jayme, perdôe-me, peço-lh'o, esta familiaridade de expressão, mas não a tornarei a ver talvez, e, se n'isto ha culpa, vou de certo expial-a com a separação eterna.

—Falle, murmurou Leonor, perturbada, balbuciante. O que tem a dizer-me?

—Tenho de lhe revelar o que se passa no meu coração, não quero que o fique ignorando. Desde que a vi pela primeira vez na estrada de Caserta, altiva, serena, formosa como uma d'essas deusas que outr'ora se adoravam aqui n'este solo abençoado da Grande Grecia, o meu coração voou para si, e a impressão que me deixou foi indelevel e profunda. Depois, quando pude apreciar a nobreza do seu espirito, e a elevação moral do seu character,

quando a vi afrontar a morte com tão serena impassibilidade, senti que a amava déveras, profundamente, com um enthusiasmo ardentissimo. Ainda agora, quando a sua voz vibrante e melodiosa acordou os echos da sala com a musica sublime de Cimarosa, abalaram-se no fundo do meu espirito todas as minhas convicções, e a minha alma voou para os seus labios, prompta a seguir as suas inspirações, embora me conduzissem á perdição. Não se irrite commigo, peço-lh'o, é a ultima vez que lhe fallo. Manda-nos o dever que sigamos dois caminhos completamente diversos. Parto, vou deixal-a, mas levo no fundo do coração a sua imagem, como do ideal supremo que eu entrevi um instante na terra, para logo em seguida o perder para sempre! para sempre!

— Conde! que está dizendo? que loucuras são essas? Felizmente não posso acreditar-o... Falla-me no seu coração!... O seu coração pertence á gentil menina que o espera em Lisboa com ansiedade... Deve pertencer-lhe, sem duvida alguma... Está zombando de mim... É uma vingancasinha de realista... Quer ver se consegue, com duas palavras melodiosas, fazer palpitar o coração da republicana.

E, dizendo estas palavras, Leonor procurava sorrir, mas o tremor da voz, a indecisão do olhar bem denunciavam a sua perturbação profundissima.

— Oh! bem sabe que não minto! respondeu elle exaltado; lê-o nos meus olhos, sente-o na minha voz. Amo-a, juro-lhe, amo-a com todo o ardor da minha alma... e detesto e abomino estas fataes dissensões que nos arrastam para campos tão oppostos... Oh! revolução maldita, que até vieste murchar com o teu sopro devastador estas florinhas que desabrocham nos nossos corações ao calor de um doce e luminoso olhar!

— Não! não! tornou ella. Não amaldiçõe as preocupações elevadas que não deixam logar no nosso espirito para esses jogos crueis e futeis do amor... Conde, não ceda assim á influencia de um momento de desvario! Lembre-se de que a vida de um homem não deve ser toda de amores, que a reclamam tambem estas paixões nobres, por causa das quaes se digladiam os povos, o amor da liberdade ou o culto da realleza, o enthusiasmo pelo verbo do futuro, ou o culto pelas tradições do passado.

— Leonor, tornou D. Jayme, obedeço-lhe, vou partir. Não a importunarei mais com os testemunhos do meu affecto, mas creia que levo no coração profundamente gravada a sua imagem. Creia que daria muito para poder partilhar os seus principios, para poder morrer por essa republica que ama, não por ella, mas para alcançar no meu ultimo instante um seu sorriso compassivo. Não posso, e vou deixal-a, e vou perdê-la para sempre. Oh! peço-lhe!

que eu leve ao menos, como consolação suprema, a certeza de que não serei esquecido, a certeza de que algumas vezes se lembrará do pobre portuguez que entreviu um momento o seu vulto gentil, e que nunca mais, que nunca mais pôde esquecer-o.

— Não diga loucuras, conde, esquece-me com a mesma facilidade com que se apaixonou ou disse apaixonar-se por mim. Ah! corações impressionáveis, corações de poetas, sois crueis para vós mesmos, e sois crueis sobretudo para os outros. Sois como as aguas de um rio, não ha imagem que n'ellas se não reflita, não ha flor desprendida da hastea que não lhe faça tremer o puro e fugitivo crystal. E passam sempre, e caminham, e correm, e a flor ou fica a chorar, nas perolas do orvalho, as saudades das aguas que passaram já, ou, se vae arrastada pela corrente, é mais infeliz ainda, porque não tarda a sumir-se no oceano, no esquecimento. E vós tambem sois desgraçados, porque nunca encontraes o repouso, porque nunca encontraes a felicidade, porque largaes, como o animal do fabulista, a preza pela sombra, porque vos attrahem, borboletas doidas, todas as scintillações, e nunca vos ficaes a contemplar a luz serena e pura, que só arde por vós, que não aspira senão a banhar a vossa vida com o esplendor da ventura. Loucos, mil vezes loucos! Desgraçadas organizações! que têm por destino fatal padecer ou fazer padecer os outros!

— Ah! exclamou Jayme com fogo, ah! pois bem, se é assim, está nas suas mãos fixar para sempre o meu coração ancioso de ventura, e que talvez nem saiba conquistá-la! Vá! diga-me: que lhe importa a república? que lhe importa Napoles? que lhe importa a guerra? Não lhe parece que é um pouco estranha essa missão ao destino da mulher? Não escondeu a sua intelligencia debaixo do alqueire, como a luz da parábola evangelica! Semeou a sua doutrina, soltou ao vento as suas idéas, foi a propagandista, foi a apostola da liberdade! Agora a acção, a luta pertence aos homens! Deixe-os combater, e abra emfim o coração aos doces affectos, aos meigos sentimentos. Seja mulher emfim! Ame e deixe-se amar! Consinta que eu passe a existencia a seus pés, e este coração inconstante, juro-lhe que se fixará para sempre, e que não palpitará senão de amor por si!

E, n'um impeto de paixão, Jayme caiu aos pés de Leonor, e cobriu-lhe de beijos a mão branca e palpitante.

— Cale-se, peço-lhe, murmurou Leonor, é uma insania o que está dizendo, é peor ainda, é uma traição, é uma barbaridade para com a doce menina, que tão vivo affecto lhe consagra.

— Ah! exclamou Jayme exaltadissimo, eu não vejo senão o seu amor, e sinto que o possúo, sinto que o seu coração está prompto a voar para mim.

Se é uma illusão, não m'a roube, peço-lh'o, suplico-lh'o!

— Oh! exclamou Leonor com desespero, não sabe que eu não nasci para amar? não sabe que me são defezas essas suaves paixões, que são o encanto da existencia das outras?

— Não diga semelhante blasphemia! Se a não destinou para o amor a Providencia, porque lhe deu essa formosura esplendida, esse olhar cheio de fogo? Foi para o amor que Deus, Phidias sublime, cinzelou esses hombros esculpturaes, essa fina e adoravel cabeça, foi para o amor que elle lhe deu essa alma de poeta, foi para o amor que lhe poz nos labios essa voz fascinadora.

— Não! não posso! não devo! exclamou Leonor com subita energia, levantando-se, e fugindo com a mão aos labios ardentes de D. Jayme. Não seja creança, conde! Eu pelo menos é que não devo sel-o. Não! não! Longe de mim o amor e as suas enervadoras fraquezas! Tenho uma familia só — a patria! Tenho uma só paixão — a liberdade! Ah! mas se o seu amor proprio se satisfaz com a idéa de ter feito uma conquista bem pouco gloriosa, parta com a certeza de que me agitou profundamente o coração! Saiba que houve um instante na minha vida em que eu, ouvindo as suas palavras, senti invadir-me uma tristeza amarga, e entrevi por um instante o rapido e fugitivo sonho de felicidades des-

conhecidas! Saiba que lamentei que a Providencia me houvesse destinado um papel, em que tenho de caminhar isolada e pensativa, arrojando ao povo a palavra da vida, guiando-o nos asperos caminhos da luta, e esquecendo-me de que sou mulher, para só me lembrar de que sou republicana! Parta e leve a convicção de que as ultimas lagrimas que chorei, arrancou-m'as a saudade que eu de si conservo, e de que... de que o amei, conde, já que tenho de proferir esta palavra que me queima os labios.

E, dizendo isto, Leonor arrancou-se das mãos de Jayme, que procurava retel-a, e saiu para a outra sala, murmurando com desespero, e com os soluços mal reprimidos a entrecortarem-lhe a voz:

— Adeus! adeus para sempre!

D. Jayme ficou um instante silencioso e immovel, depois sacudiu a cabeça com profunda amargura, e, saindo, desceu ao caes da Mergellina, onde o esperava um escaler, que o levou a bordo da esquadra do Marquez de Niza.

Ainda os francezes não tinham começado a luta com os *lazzaroni*, quando os navios portuguezes, cumprida a missão que os demorava em Napoles, abriam as vélas ao vento, e partiam na direcção da Sicilia.

Em pé, na pôpa de um dos navios, um homem, moço ainda, contemplava com tristeza profunda o panorama da risonha cidade, que a pouco e pouco

se ia afundando nas aguas, e esfumando nas sombras do horisonte. Um ponto sobretudo lhe attrahia a attenção; era a bandeira tricolor que fluctuava ás auras da tarde, e que os republicanos de Napoles tinham desfraldado nas ameias do castello de Sant'Elmo. Quando esse ponto se sumiu tambem ao longe, o nosso mudo contemplador, que não era outro senão D. Jayme, soltou um suspiro, e desceu para o seu camarote, murmurando:

— Nem pensa em mim talvez! N'aquella bandeira tricolor se resumem todos os seus affectos, todas as suas aspirações! A politica esterilizou para sempre aquelle nobre e gentilissimo espirito! Mas quem me diria a mim que eu ainda havia de arrojar o coração dilacerado aos pés de uma Roland napolitana!

CAPITULO XIII

A restauração dos Bourbons

Pouco depois da partida da esquadilha portugueza, chegavam os francezes ás portas de Napoles, e Championnet dispunha-se tomar posse da cidade. Não havia tropas organisadas que lhe resistissem; mas os *lazzaroni* armados fizeram uma defesa á hespanhola, e transformaram as ruas de Napoles em outras tantas ruas de Saragoça. A luta foi desesperada, terrivel, sanguinolenta. Championnet teve de tomar palmo a palmo o terreno que ia occupando, teve de desalojar a tiro, á bayoneta, com o incendio inclusivamente, os *lazzaroni* furiosos de todas as casas, onde se íam entrincheirando. Mas enfim a disciplina, a perseverança, a intrepidez dos soldados republicanos poderam mais do que a cega e doida colera dos *lazzaroni*. A resistencia foi a pouco e pouco afrouxando, as diversas columnas do pequeno exercito de Championnet, convergindo para um mesmo ponto, metteram de subito entre uns

poucos de fogos os troços de *lazzaroni* que ainda pelejavam. Então a derrota foi completa, e a rapidez com que os grupos armados se dissolveram correspondeu exactamente ao ardor com que se tinham formado, e com que tinham disputado durante uns poucos de dias, com louca intrepidez, aos francezes hereticos a cidade de San-Gennaro.

Restabelecida a ordem em Napoles, Championnet, que era um homem illustrado e intelligente, não abusou da sua conquista, e procurou antes congregar os elementos republicanos que existiam na cidade, a fim de fundar no sul da Italia uma republica, que fosse feita á imagem e semelhança da republica franceza. Fundou-se effectivamente, e, seguindo as tendencias classicas da epocha, deu-se-lhe o nome não de republica napolitana, mas de republica parthenopéa.

A nova instituição não tinha comtudo raizes algumas no solo napolitano. Repelliam-n'a a aristocracia e o clero, classes poderosissimas n'essas provincias meridionaes da Italia, principalmente a ultima, o povo odiava-a, o povo ignorante e supersticioso, aferrado ás suas tradições e ás suas crenças, detestando as innovações sem prestigio, não podia ver senão com maus olhos essa republica que lhe offereciam, e que elle começava por não comprehender. A isso acrescía que a nova fórma de governo vinha nas pontas das bayonetas estrangeiras, e não

ha origem mais funesta para uma instituição, principalmente aos olhos do povo. D'este modo a classe unica, que acceitou com certo enthusiasmo a republica, foi a burguezia illustrada, e ainda assim só em parte. Os litteratos, os philosophos, os que tinham seguido, mais ou menos de longe, no fundo dos seus gabinetes de estudiosos, as idéas do seculo XVIII, eram os que saudavam com grande calor o advento da liberdade e da fórma republicana, ideal dos seus sonhos politicos. A republica parthenopéa foi portanto verdadeiramente uma republica classica, transportada das paginas de Tito Livio para a realidade, uma republica á romana, uma republica, emfim, que tinha por director do *Monitor parthenopéo*, do jornal official da republica, uma mulher, uma poetisa, Leonor da Fonseca Pimentel !

Foi uma republica de collegio, uma republica dos livros, bondosa e pueril, que não derramou sangue, que não teve algozes, que não teve senão martyres, que pediu uma constituição á França, que lhe mandou um homem encarregado de a organizar á franceza, um Beresford politico, M. Abrial, que arranjou em Napoles uma redução em gesso do Directorio, e do Conselho dos Quinhentos, e do Conselho dos Anciãos, corpos electivos que não eram tambem já para a Convenção e para a Junta de salvação publica, senão o que o *carton-pierre* é para o marmore, e para o bronze o barro bronzeado.

De todos os que tomaram parte na fundação d'essas instituições ephemeras, o unico que tinha algum juizo era Championnet. Apaixonado tambem por estas recordações politicas da latinidade classica, procurava ao menos accommodal-as á realidade, tornal-as praticase possiveis. Assim, em vez de affrontar, rosto a rosto, os preconceitos e as superstições do povo de Napoles, procurou exploral-os em proveito da causa que defendia. Em vez de se mostrar livre pensador, procurou pelo contrario conciliar os padres e lisonjear as crenças populares. Em vez de se rir do milagre de San-Gennaro, milagre que se realisava annualmente, e que era uma das grandes glorias de Napoles, exerceu secretamente pressão sobre os conegos para que o tal milagre não deixasse de se fazer. A realisação do milagre em presença das tropas francezas, presença que todos julgavam que obrigaria San-Gennaro a abster-se, excitou o espanto e o entusiasmo dos *lazzaroni*. Devemos dizer comtudo que San-Gennaro ficou d'ahi em diante um pouquinho desacreditado, e que nunca se pôde lavar completamente do labeu de ter transigido com os jacobinos.

Mas Championnet foi demittido pelo seu governo, que o achava brando de mais com os vencidos, e que, n'uma pendencia que se levantou entre o general em chefe do exercito de Napoles e Faypoult, agente financeiro do Directorio, deu rasão a este ul-

timo. O successor de Championnet, Macdonald, restringiu-se muito mais ao seu papel de commandante em chefe das tropas francezas, e deixou a republica parthenopéa seguir o seu destino. A final o rompimento da guerra entre a França e a Austria, os desastres que assignalaram no norte da Italia o começo da campanha, e que pozeram a republica franceza a dois passos do abysmo, obrigaram o Directorio a concentrar todas as suas forças no theatro das operações, e a ordenar a Macdonald que abandonasse Napoles.

Desde então, entregue ás suas proprias forças, sem raizes no paiz, sem tino pratico na sua direcção, a republica parthenopéa caminhou a passos rapidos para o seu occaso, que tinha de ser sangui-nolento. Os seus chefes eram poetas e philosophos, que decretavam festas symbolicas, promulgavam leis humanitarias, escreviam no *Monitor parthenopéo* artigos lyricos, faziam cantar em côro pelo povo o hymno de Cimarosa, plantavam arvores da liberdade, ordenavam ágapes fraternaes, vestiam as virgens de tunicas de linho, lançavam á Europa manifestos philosophicos, fallavam em Catão e em Bruto, ameaçavam de longe Cesar, que era o cardeal Ruffo, Labienus, que era o corso de Csare, com uns punhaes declamatorios de papelão, mas nem sabiam imprimir um impulso energico á politica da republica, nem sabiam organizar exercitos que a defendessem.

Ora, entretanto o rei Fernando, ou antes Maria Carolina, não dormia. A reacção preparava-se; o cardeal Ruffo, padre militante, que nascêra mais para chefe de guerrilhas, do que para vestir a purpura romana, partia da Sicilia com um punhado de homens, desembarcava no continente, aggregava em torno de si todos os elementos reaccionarios, e marchava á sua frente sobre Napoles, declarando que vinha restabelecer o throno e o altar, prometendo aos seus soldados o saque das cidades e as indulgencias do papa, dupla promessa que era indispensavel para attrahir ás suas fileiras esses religiosissimos bandidos da Calabria, que adoram com igual fervor uma ladroeira proveitosa e a Santa Virgem Maria.

Não faltaram estes recrutas, que vieram dar ao exercito do cardeal Ruffo, que se intitulava exercito da Santa Fé, um aspecto bastante estranho! Compunham-n'o effectivamente elementos muito heterogeneos. Agrupavam-se, em torno da bandeira sanfedista, os realistas sinceros que pugnavam pelo restabelecimento do throno, os fanaticos verdadeiros que vinham defender o altar, os bandidos de Fra-Diavolo, que estava ainda então bem longe de suppôr que fariam d'elle um heroe de opera comica, os salteadores de Gaetano Mannone, que era um moleiro selvagem, um assassino por temperamento, que bebia sangue com delicias, como o pro-

prio Han de Islandia em pessoa, e os acolytos do abbade Pronio, o qual tinha por breviario uma clavicina, e que traduzia o *Dominus vobiscum* e o *Et cum spiritu tuo* em descargas nos republicanos. Alem d'isso o rei Fernando, que era pouco escrupuloso na escolha dos seus instrumentos, teve a amabilidade e a feliz lembrança de enviar ao seu logar-tenente, para o ajudar na santa obra da reconquista do reino de Napoles, um troço de forçados das galés, commandados por um tal Panedigrano, que traziam ainda o seu uniforme vermelho, e o seu barrete verde, o que dava a essa companhia um aspecto pittoresco, augmentado ainda por uma peculiaridade original que distinguia esses soldados de nova especie; coxeavam todos de uma perna. Era o signal da grilheta.

Já vêem pois os leitores que os homens de Carthagera, que armaram os presidiados, podiam invocar, em abono dos seus actos, este valioso precedente monarchico.

Houve ainda uma circumstancia, que não contribuiu pouco para tornar mais confusa a estranha miscellanea que constituia o famigerado exercito da Santa Fé. Nelson não ficára inactivo, e, enquanto Ruffo sublevava as provincias da republica parthenopéa, enviava elle uma esquadilha, commandada pelo commodoro Troubridge, bloquear a capital. Os navios inglezes e portuguezes toma-

ram com bastante facilidade as ilhas da bahia napolitana, e prepararam-se assim para estender a mão, n'um momento dado, ao exercito do cardeal Ruffo, quando este chegasse a atacar Napoles pelo lado de terra. Mas Nelson fez mais ainda, mandou desembarcar quatrocentos homens debaixo das ordens de um official inglez Foote, que foram postos á disposição do cardeal Ruffo. Esses quatrocentos homens não eram todos inglezes, iam entre elles sessenta soldados da marinha portugueza, commandados pelo major Moreira Pinto. A essa força portugueza juntou-se, com licença do marquez de Niza, e na qualidade de voluntario, o conde de Espozende, que desejava approximar-se de Napoles, presentindo que poderia ser util de alguma fórma a Leonorda Fonseca Pimentel, que estava já devotada á vingança dos realistas, pelo papel importante que assumira na republica parthenopéa.

Assim o cardeal Ruffo tinha debaixo das suas ordens soldados sicilianos, soldados inglezes, soldados portuguezes, voluntarios napolitanos, bandidos, e até corsos. Pois não parou ainda em tão bom caminho. A Russia declarára guerra á republica franceza, o imperador Paulo I proclamára-se protector da ordem de Malta, e enviára uma esquadra ao Mediterraneo. O commandante d'essa esquadra entendeu que devia tambem auxiliar as operações contra a republica napolitana protegida e defendida pelos

francezes, e desembarcou quatrocentos e oitenta homens, commandados por um official irlandez, ao serviço da Russia, Baillie, que vieram juntar-se ao exercito da Santa Fé. Debaixo do ponto de vista da unidade religiosa estava já um tanto complicado esse exercito, que d'essa fórma se compunha de catholicos, de scismaticos e de protestantes. Mas o que veio transtornar completamente as idéas que podia suscitar o titulo religioso, que o cardeal déra ás suas tropas, e o alto posto ecclesiastico do general em chefe, foi o desembarque de um corpo auxiliar de turcos. Effectivamente o sultão de Constantinopla, irritado com a conquista do Egypto por Bonaparte, e com a invasão da Syria que este intentára logo depois, declarou guerra sem treguas á republica franceza. Uma esquadra mahometana, commandada por Kafi-Bey, veio fundear em Corfu, e o seu almirante, constando-lhe que o cardeal Ruffo comprehendêra operações militares contra a republica napolitana alliada da republica franceza, determinou auxiliá-lo tambem, e enviou um corpo expedicionario, commandado por Achmet-Bey, que veio igualmente juntar-se ás tropas de Fabricio Ruffo.

Era pois um espectáculo comico ver desfilarem nas campinas napolitanas esse exercito multicolor, a cuja frente ia um novo Pedro Eremita, com a sua purpura cardinalicia. Seguiam-se depois os grilhetas de

Panedigrano, verdes e vermelhos, as fardas escarlates dos inglezes, os uniformes verde-escuros dos russos, as fardas azues ferretes dos portuguezes, os turbantes multicolores dos turcos, as fardas brancas dos sicilianos, os chapéus bicudos dos bandidos, e todo este caleidoscopio chamava-se o exercito da Santa Fé!

Emquanto as tropas francezas occuparam o territorio da republica napolitana, o exercito da Santa Fé, sem deixar de ir engrossando sempre e sempre avançando, não fez comtudo muito rapidos progressos. Mas, apenas os acontecimentos da guerra no norte da Italia obrigaram Macdonald a abandonar Napoles, deixando apenas nos castellos da cidade pequenissimas guarnições, a contra-revolução transformou-se n'uma torrente, que em breve inundou tudo e veio bater ás portas de Napoles.

As atrocidades, que então se commetteram, são inauditas. O exercito de Ruffó compunha-se de um pequeno numero de soldados disciplinados, e de hordas selvagens de bandidos, que não tinham mudado de vida, e que apenas saqueavam e assassiavam agora á sombra da bandeira monarchica, e debaixo da protecção e da responsabilidade de um cardeal.

Por isso tambem não houve combate que não fosse uma carnificina, não houve tomada de cidade que não fosse um saque em regra. O exercito da

Santa Fé levava comsigo a todos os pontos por onde passava a devastação e a ruina.

Por outro lado as tropas republicanas, compostas de soldados sem convicção, commandados por chefes intrepidos mas inexperientes, não offereciam senão fraquissima resistencia, e retiravam sobre Napolles com uma precipitação aterradora. Na capital reinava a maior desordem. Já se descobrira uma conspiração realista, urdida pelo banqueiro Backer, que fôra denunciada por uma mulher, que no cadafalso expiou depois amargamente essas culpas, Luiza Molina San-Felice. O povo era evidentemente anti-republicano, os navios inglezes, fundeados defronte da cidade, ameaçavam-n'a constantemente com a bôca dos seus canhões.

O governo, composto de homens de nobilissimo character, mas de pouca energia, e de pouquissima pratica dos negócios, via o poder esvaír-se-lhe nas mãos, sentia a desabar moribunda a republica ephemera, que fundára, e não sabia que resoluções havia de tomar, nem o modo como poderia evitar a quéda:

Ainda houve uns momentos de enthusiasmo, uns relampagos de esperança, Leonor Pimentel descen uma vez ao theatro a cantar a *Marselheza napolitana*, e foi acolhida por uma ovação estrepitosa. Mas eram os ultimos clarões da luz que vae expirar, era a ultima gota de seiva, que por um mo-

mento reverdecia as folhas da arvore liberal. No dia seguinte voltou a tristissima realidade, escureceram-se de novo os horisontes; e, quando expiraram os ultimos echos dos applausos com que foi acolhido o hymno patriotico, poderam ouvir-se os passos do exercito da Santa Fé que se approximava, assolador e terrivel, trazendo comsigo a ruina e a vingança.

No meiado de junho o cardeal estava ás portas de Napoles, rompia o ataque, e em breve os republicanos viram que não podiam esperar salvar-se senão capitulando. Foi o que tentaram fazer, e encontraram Ruffo bem disposto para isso. No dia 21 de junho effectivamente assignou-se a capitulação, que foi firmada pelos nomes do cardeal Ruffo, general em chefe do exercito da Santa Fé, pelo cavaheiro Micheroux, diplomata napolitano, por Baillie, commandante das tropas russas, por Achmet, commandante dos turcos, e por Foote, commandante dos soldados inglezes. Moreira Pinto, que commandava os portuguezes, não assignou a capitulação, porque o seu pequeno contingente estava incluído no corpo britannico e obedecia ás ordens supremas de Foote. Livrou-se por isso de ter o seu nome compromettido n'aquella infamia.

A capitulação garantia a todas as pessoas que existiam dentro dos fortes de Napoles a vida e a liberdade, podendo ser enviados para Toulon em navios destinados a esse fim. Era a salvação para

os individuos implicados nos ultimos acontecimentos politicos.

Mas a capitulação ia ser apresentada a el-rei, e o rei estava furioso contra todos os revolucionarios, e a rainha não respirava senão desejos de vingança!

Faltava-lhe porém, é certo, a força necessaria para realisar os seus projectos de repressão violenta. O exereito, que tinham em armas, obedecia principalmente ao cardeal Ruffo. Mas isso seria bom, se não existisse Emma Lyonna, se esta não exercesse uma influencia onnipotente no espirito de lord Nelson, e se o almirante não fosse homem, que nunca se embarçava muito com escrupulos de consciencia.

Apesar de tudo isso o cardeal Ruffo tinha esperanza de levar a cabo a sua missão conciliadora, e tratava de reunir os navios necessarios para o transporte de tanta gente para Toulon, e esperava a cada instante a ratificação de el-rei, quando uma bella manhã os republicanos, que estavam reunidos nos castellos, viram umas poucas de vélas demandar a bahia.

Era a esquadra ingleza, commandada por lord Nelson em pessoa.

A entrada d'esses navios vinha mudar completamente a face dos acontecimentos.

O conde de Espozende, acompanhado pelo seu fiel escudeiro, Vasco Antonio, seguíra o exercito do

cardeal Ruffo, combatendo como um leão, sempre que para isso se offerecia ensejo, mas não pensando senão em Napoles e principalmente na formosa senhora que habitava dentro dos seus muros, e que tão vivamente lhe perturbára o coração impressionavel.

Quando se assignou a capitulação e se concluiu o armisticio, D. Jayme tratou immediatamente de procurar Leonor Pimentel para lhe aconselhar que escolhesse um abrigo a bordo de algum navio portuguez, embora fosse para isso obrigada a não seguir para Toulon. Soube que estava no castello Novo, e achou meio de lá se introduzir, na qualidade de plenipotenciario.

Leonor, assim que o viu, soltou um grito de alegria.

— Oh! meu caro conde, disse ella, é este o primeiro momento de jubilo que eu tenho desde que principiou este precipitado desabar da republica parthenopéa! Ah! meu amigo, foi propheta, realisaram-se todas as suas previsões, contra o que nós esperámos, contra o que suppozemos! Decididamente o que eu sou, já vejo, é uma incorrigivel utopista. Está tudo perdido, tudo! Mas felizmente, conde, torno a vel-o, vivo, salvo e... combatendo ao lado dos nossos inimigos! Paciencia! Por muito que seja o mal que me tenha feito, nunca terei força para o odeiar.

— Oh! obrigado, Leonor, obrigado; mas não percamos tempo em vãs palavras. A capitulação não me parece que lhe dê excessivas garantias. Duvido que ella se cumpra, e só acreditarei na lealdade do compromisso quando vir a caminho de Toulon os navios que devem transportar os exilados.

— O que! pois uma capitulação firmada e assignada pelos principaes chefes do exercito da Santa Fé póde por acaso violar-se!

— Parece-me tambem impossivel! Mas ha tudo a temer. Nelson acaba de entrar no porto. O cardeal anda preocupado e inquieto. Leonor, não espere os acontecimentos, venha commigo, venha para bordo dos nossos navios.

Leonor Pimentel hesitou um instante, um instante só; logo respondeu com energia:

— Não! Não devo, não quero separar a minha sorte da dos meus companheiros, da dos meus correligionarios. Com elles hei de morrer ou salvar-me.

Esta conversação realisava-se na plataforma de uma das torres do Castello Novo, onde os republicanos esperavam que se reunisse a flotilha de pequenos navios, que, segundo os termos da capitulação, os devia levar a Toulon.

D. Jayme, ouvindo a resposta de Leonor, curvou a cabeça com um suspiro, mas n'este momento entrára na plataforma da torre o general Massa com

um papel na mão. Era o governador republicano do castello. Jayme, para ter occasião de se approximar de Leonor Pimentel, acceitára a incumbencia de trazer uma carta do cardeal Ruffo, e, enquanto esperava a resposta, é que podéra fallar á sua compatriota.

— Aqui está a minha resposta, senhor official, disse Massa com um sorriso de desdem nos labios, e póde dizer verbalmente ao cardeal que eu, por mim, tenho plena confiança nos inglezes. São militares, e um militar não falta á sua palavra.

— General, respondeu D. Jayme, ninguem deseja mais sinceramente do que eu que se não engane.

E, dizendo isto, complimentou Massa, deu a Leonor um ultimo aperto de mão e partiu.

D'ahi a um quarto de hora estava em presença do cardeal Ruffo. O illustre prelado passeiava com agitação n'uma das salas da casa, que lhe servia de quartel general, e dictava a Domingos Sachinelli, seu secretario, que depois foi tambem seu historiador.

Quando soube que o procurava o emissario que enviára a Napoles, mandou-o immediatamente entrar, e, tirando das mãos do conde de Espozende a carta que trazia, sem nem sequer olhar para elle, percorreu-a rapidamente com a vista.

— Imbecis! murmurou apenas acabou de ler.

E rasgou a carta com desespero.

Levantando porém os olhos para D. Jayme, franziu as sobrancelhas, e exclamou com espanto:

— Quem é o senhor? Eu enviei outro mensageiro.

— E verdade! respondeu Jayme. Mas, como a missão de que vossa eminencia incumbira o tenente Strazzi, se limitava a entregar uma carta fechada; esse official não teve duvida em me conceder que o substituisse, porque sabia o empenho que eu tinha em fallar a uma senhora minha compatriota, que está no Castello Novo. Eu sou o conde de Espozende, official portuguez.

— Ah! respondeu Ruffo com boa sombra, conheço-o muito de nome, senhor conde, e sei que, apesar de servir debaixo das ordens de Foote, não tem grande enthusiasmo por esses inglezes, altivos protectores e tyrannos da sua patria e da minha. Folgo de conhecê-lo pessoalmente, conde!

D. Jayme inclinou-se.

— Se soubesse que queria ter a bondade de se encarregar d'esta incumbencia, continuou o cardeal, pedir-lhe-ia que instasse com esses doidos para seguirem o meu conselho. Sabe o que eu lhes dizia na minha carta?

— Não, meu senhor.

— Aconselhava-lhes que saíssem de Napoles por terra, e que desistissem de ser transportados por

mar para Toulon, porque via duvidas na execução do tratado, e receiava que lord Nelson não accettasse as condições estipuladas. Sabe o que me respondeu o general Oronzo Massa?

— Sei apenas o que elle me disse, acudiu Jayme. Ao entregar-me a carta, exclamou com certo desdem: Affirme ao cardeal que tenho plena confiança nos inglezes; são militares, e um militar não falta á sua palavra.

— Ah! tranquillisa-o a assignatura de Foote na capitulação! Pois veja, senhor conde, continuou Ruffo exaltado, pegando n'um papel e estendendo-o a D. Jayme, veja n'este officio a assignatura de sir William Hamilton, quer dizer a propria assignatura da Inglaterra. Veja a assignatura, e leia o que me diz o senhor embaixador.

Jayme pegou na carta e leu o seguinte:

«A bordo do *Fulminante*, ás tres horas da tarde, na bahia de Napoles.

«Eminentissimo:

«Milord Nelson pede-me que informe vossa eminencia que recebeu do capitão Foote, commandante da fragata *Sea-Horse*, uma copia da capitulação que vossa eminencia entendeu que devia concluir com os commandantes do castello de Sant'Elmo, do castello do Ovo, e do Castello Novo; que desapprova inteiramente essas capitulações, e que está resolvendo a não ficar neutro com as forças imponentes que

tem a honra de commandar. Em consequencia d'isso expediu á vossa eminencia os capitães Troubridge e Ball, commandantes dos navios de sua magestade o *Culloden* e o *Alexandre*. Estes dois capitães estão perfeitamente informados dos sentimentos de lord Nelson, e terão a honra de os fazer conhecer a vossa eminencia. Milord espera que vossa eminencia será da mesma opinião que elle, e que amanhã, ao romper do dia, poderá proceder de accordo com vossa eminencia.

«Os fins que um e outro têm em vista não podem deixar de ser os mesmos, quer dizer, debellar o inimigo commum e submetter os subditos rebeldes á clemencia de sua magestade siciliana.

«Tenho a honra de ser — De vossa eminencia, muito humilde e muito obediente servo, *W. Hamilton*, enviado extraordinario de sua magestade britannica junto de sua magestade siciliana.»

Ao acabar de ler esta carta, que é perfeitamente authentica, D. Jayme não pôde conter um grito de indignação.

— O que! exclamou elle, pois querem violar os tratados! Isto é uma infamia!

— De que eu protesto não ser cúmplice, respondeu Ruffo com energia. Veja, senhor conde, levei a bom termo esta empreza com bandidos, com forçados das galés, com a escoria de Napoles. Não pude sempre manter a disciplina. Essas hordas, que

me acompanhavam, commetteram em muitas partes excessos que eu lamento, que hão de ser o meu eterno remorso. Mas, apesar de tudo, sempre continuei fazer respeitar a fé jurada. É que os homens mais selvagens e mais rudes têm um respeito instinctivo pelas promessas que fazem, e julgam indigno, julgam cobarde enganar o inimigo para lhe arrancar as armas, e assassinal-o sem receio. Vem lord Nelson, um filho da livre Inglaterra, um heroe, o representante de um paiz, que pretende dar ao mundo lições de moralidade e de civilisação, e pratica um acto d'esta ordem !

— E que respondeu vossa eminencia a tão inaudita communicacão? perguntou Jayme com o olhar inflammiado de colera.

— O que respondi? Leia, Sachinelli, continuou elle voltando-se para o seu secretario, leia o que acabei de lhe dictar.

Sachinelli pegou no papel que tinha diante de si, e leu o seguinte :

«O tratado da capitulação dos castellos de Naples é util, necessario e honroso para as armas do rei das Duas Sicilias e dos seus poderosos alliados, o rei da Gran-Bretanha, o imperador de todas as Russias, e o sultão da Sublime Porta Ottomana, visto que, sem mais effusão de sangue, terminou por este tratado a guerra civil e mortifera que se elevára entre os subditos de sua magestade, e que

d'este tratado resulta a expulsão do inimigo commum.

«Alem d'isso, tendo sido este tratado solemne-mente concluido entre os commandantes dos castellos e os representantes das ditas potencias, seria commetter um abominavel attentado contra a fê publica violal-o ou não o seguir exactamente. Supplicando a lord Nelson que o reconheça, os representantes das ditas potencias declaram estar irrevogavelmente decididos a executal-o pontualmente, e tornam responsavel pela sua violação perante Deus e perante os homens quem se oppozer á sua execução.»

— Este protesto, disse o cardeal Ruffo, quando Sachinelli acabou a leitura, espero que será assignado tambem por Micheroux, por Baillie, e por Achmet-Bey. Elles estavam tão indignados, como eu, com o procedimento de lord Nelson, de sir William Hamilton e do rei, ou antes da rainha, que é quem o incita a isto.

— Senhor cardeal, disse o conde de Espozende, não ha victorias, por mais brilhantes que sejam, que aos olhos da historia imparcial não sejam escurecidas por um procedimento como o que lord Nelson está tendo, assim como não ha erros que esse leal protesto, firmado por vossa eminencia, não resgate.

— Cumpro o meu dever, senhor conde.

D. Jayme inclinou-se.

— Espero ainda que Nelson cumprirá o seu, tornou Jayme. É impossível que esse papel, que vossa eminencia lhe envia, o não obrigue a reconsiderar.

— Deus o queira!

— Se vossa eminencia o deseja, tornou Jayme, terei muita honra em ser portador d'essa mensagem. Poderei expor ao almirante o estado dos espiritos em Napoles, e a confiança illimitada que elles depositam na honra militar ingleza.

— Não me atrevia a pedir-lhe esse grande obsequio, mas, visto que se offerece, aproveito-o desde já.

— Estou ás suas ordens, senhor cardeal, redarguiu D. Jayme.

— Queira esperar um instante, senhor conde. Vou solicitar para este protesto as assignaturas dos meus collegas, que tambem commigo firmaram a capitulação.

E, dizendo isto, o cardeal saiu.

D'ahi a instantes voltou com o protesto assignado por Micheroux, Baillie e Achmet-Bey.

— Está dependente do resultado d'esta mensagem, exclamou o cardeal, a minha honra e a honra de Napoles.

O conde de Espozende saiu, e, saltando para um bote, foi logo direito ao *Fulminante*, onde Nelson estabelecêra a capitania da frota.

Ao entrar no navio encontrou logo Nelson e a formosa Emma Lyonna que passeiavam na tolda.

— Oh! meu caro salvador, exclamou assim que o viu a formosa embaixatriz ingleza, estendendo as mãos a D. Jayme. Vamos, diga, poder-lhe-hei eu ser util agora em alguma cousa? Precisa de mim?

— Talvez, minha senhora. N'estes tempós revoltos, quem poderá dizer que não precisará da protecção tão efficaz, como é a de vossa graça? Agora porém venho trazer simplesmente, da parte do cardeal Ruffo, uma mensagem a lord Nelson.

— Dê cá, disse bruscamente o almirante.

Jayme estendeu-lhe o papel, que o heroe de Aboukir desdobrou rapidamente e leu.

Assim que o percorreu todo, a colera que rugia no seu peito estourou, e o rosto fez-se-lhe vermelho, como lhe succedia sempre que a indignação o dominava.

— Diga ao senhor cardeal Ruffo que não entre em luta commigo! Que se lembre que posso esmagal-o! Que se lembre que eu trago plenos poderes d'el-rei Fernando, e que posso declarar sua eminen-cia traidor e rebelde por ter com rebeldes capitulado, excedendo assim as suas instrucções.

— O cardeal Ruffo responderá a vossa graça, mylord, respondeu friamente D. Jayme.

E cortejou para se retirar.

— Conde, espere! disse a voz melodiosa de Emma Lyonna.

E, arrastando Nelson, disse-lhe algumas palavras em voz baixa, a que o almirante respondeu com um abaixar de cabeça affirmativo, acompanhado por um sorriso, que só a presença de D. Jayme impediu que se transformasse em gargalhada.

Voltando-se então para o mensageiro do cardeal Ruffo, Nelson disse-lhe:

— Não quero que parta, conde, sem que leve ao cardeal Ruffo um testemunho da alta consideração que tenho pelos seus talentos e pelos seus serviços. Diga-lhe que, se a capitulação que assignou com os republicanos, o obriga a dar aos rebeldes navios de transporte, eu não me opponho de modo algum a esse acto, e não faço a minima opposição ao embarque dos republicanos, reservando-me o direito de apreciar, como entender, a desgraçada convenção feita com os rebeldes pelo commandante em chefe do exercito da Santa Fé.

Um relampago de alegria illuminou o olhar de D. Jayme. Leonor estava salva.

— Esse acto, disse elle, permitta-me vossa excellencia que lhe diga que é de todo o ponto digno do nobre character do heroe que o pratica.

Nelson fez-se ligeiramente corado, Emma Lyonna sorriu-se.

Sem esperar mais, Jayme saltou para um escaler, e d'ahi a instantes estava junto do cardeal Ruffo.

Este ficou por tal fôrma satisfeito, que deliberou cantar um *Te-Deum* em acção de graças por se terem conciliado as cousas de maneira que elle podia cumprir a sua palavra solemnemente empenhada.

N'essa mesma noite começou o embarque dos republicanos. O general Massa estava triumphante. Os acontecimentos justificavam a confiança que elle tinha na lealdade militar ingleza.

D. Jayme assistia, com o coração palpitante de jubilo, a esse embarque. Era uma noite sem lua, mas as estrellas espelhavam nas aguas puras da bahia a sua candida luz. O joven fidalgo portuguez espreitava com anciedade os grupos que desciam para o caes escoltados pelos soldados napolitanos, quando sentiu de repente que lhe pegavam na mão e lh'a apertavam docemente, e logo uma mulher velada, inclinando-se para elle, lhe murmurou ao ouvido com uma voz tão doce como o gemer das vagas n'essa noite estrellada de junho:

— Adeus! Lembre-se algumas vezes da pobre e louca republicana, que leva no coração a sua imagem.

— Leonor! exclamou elle com alegria.

— Adeus! adeus para sempre! murmurou ella, tentando escapar-lhe.

— Leonor, peço-lhe, exclamou D. Jayme segurando-a com apaixonada energia, se na realidade me tem algum affecto, venha fazer a felicidade da

minha vida. Fuja! Assaltam-me ainda, apesar de todos os actos e de todas as promessas de Nelson, uns vagos e tristes presentimentos. Vê? A república, que tanto amou, está perdida. O que vai fazer para França? Quem sabe se lá chegará! Ah! volte commigo para a terra de seus paes! N'um momento se pôde esquivar á sorte incerta que a espera. Ninguem repara em nós. Fugamos!

— Não! não! disse ella, o meu logar é ao lado d'aquelles que sempre segui, que sempre me acompanharam nos triumphos e nos perigos. Adeus! Apesar de todos os seus protestos, a minha imagem não será para o seu coração de vinte e cinco annos senão a imagem de um sonho que se esvaia! para mim será como que a eterna recordação, a perpetua saudade da juventude e d'esses mundos luminosos dos santos affectos, que eu não quiz ou não pude conhecer. Adeus!

— Vá! embarcar! embarcar! bradou a voz rude de um official napolitano que presidia á operação.

Leonor soltou-se dos braços de D. Jayme e fugiu, enviando-lhe com voz dilacerante um ultimo adeus; depois o escalor, para onde ella saltára, partiu, e Jayme, attonito, com os olhos cheios de lagrimas, mal pôde divisar por entre as sombras da noite um vulto branco de mulher, que de bordo da embarcação lhe fazia ainda um ultimo gesto de despedida.

O resto da noite passou-o D. Jayme, vagueando á toa pelas ruas de Napoles. Ao romper da manhã foi procurar o cardeal Ruffo. Não era só a dor que lhe causava o ter-se visto obrigado a separar-se da mulher que amava que o trazia sobressaltado, era também, era principalmente uma inquietação vaga que o pungia, receiando que as promessas de Nelson não fossem cumpridas á risca.

O cardeal estava já a pé. As mesmas duvidas lhe assaltavam o espirito. Estranhava a subitaneidade com que Nelson passára das suas primeiras ameaças a uma prompta condescendencia. Passeiava no seu quarto, para onde mandára entrar o conde de Espozende, quando de subito lhe bateram á porta, e um creado entregou-lhe uma carta urgentissima que se acabava de receber.

Ruffo abriu-a, cada vez mais inquieto, e leu o seguinte:

«Toda a parte da guarnição, que, nos termos dos tratados, foi embarcada para Toulon, acha-se a estas horas na maior consternação. Na sua boa fé, esperava a execução do tratado, ainda que talvez, na sua precipitação em sair do castello, não fossem estricktamente observadas as clausulas d'esta capitulação.»

A carta, que era assignada por um dos generaes republicanos, Albanese, informava o cardeal de que os homens mais notaveis entre os emigrados tinham

sido conduzidos para bordo do navio de lord Nelson, e que lá tinham ficado como prisioneiros.

«A guarnição espera, dizia Albanese concluindo, da vossa lealdade a explicação d'este facto e o cumprimento leal do tratado.»

O cardeal deixou cair a carta no chão, exclamando:

— Por mais de uma vez se comparou a Inglaterra com Carthago; a sua indole mercantil, as suas conquistas longinquas, até as suas navegações audaciosas, tudo na patria de Nelson faz lembrar a patria de Annibal! Pois bem! de hoje em diante mais um ponto de contacto se poderá dizer que existe entre Carthago e a Inglaterra! Se na antiguidade passou como proverbio a deslealdade carthaginez, e se fé punica foi synonymo de fé mentida, agora a deslealdade ingleza ficará sendo tambem proverbial na Europa.

— Ah! exclamou D. Jayme, é necessario, senhor cardeal, que salvemos estes homens, que confiaram não na palavra de Nelson, mas na palavra de vossa eminencia.

— Salval-os, como? exclamou Ruffo com desespero. Se Nelson procedesse como almirante inglez, en affrontaria a sua insolencia, e, embarcando na frota que devia conduzir a Toulon os republicanos, iria passar debaixo dos canhões da esquadra britanica, para que me mettessem no fundo se quizes-

sem. Mas Nelson tem plenos poderes de el-rei Fernando. As nossas tropas, os nossos marinheiros já me não obedecem a mim, obedecem-lhe a elle; a unica satisfação, que eu posso dar áquelles que confiaram na minha palavra, o unico desforço que posso tirar é este.

E, eserevendo rapidamente algumas linhas n'um papel, mostrou-o a Jayme.

Era a sua demissão de general em chefe do exercito da Santa Fé e de logar tenente e vigario de el-rei Fernando no reino de Napoles.

Jayme curvou-se em silencio, e, beijando a mão que o cardeal Ruffo lhe estendia, saiu preeipitadamente.

Não desesperára ainda; jurára a si mesmo que havia de salvar Leonor Pimentel, e queria cumprir o juramento.

Havia grande agitação nas ruas de Napoles; não que se notassem symptomas de revolta, pelo contrario, os *lazzaroni* applaudiam com jubilo feroz a noticia de terem sido presos os chefes da revolução napolitana.

Não podia Jayme duvidar de que Leonor Pimentel houvesse sido presa juntamente com os seus collegas, quiz todavia ter a absoluta certeza, e dirigiu-se primeiro que tudo a bordo de um dos navios da flotilha que devia conduzir a Toulon os republicanos.

O commandante era um official de marinha napolitano, com quem elle travára relações.

Os escaleres inglezes andavam n'uma faina, conduzindo de bordo dos navios de transporte para bordo das fragatas britannicas os infelizes republicanos.

A pessoa a quem elle se dirigiu deu-lhe logo as mais completas informações. Leonor Pimentel fôra presa na mesma noite em que chegára a bordo, e conduzida com Cirillo, Manthoné, Schipani, Heitor Caraffa, etc., para os navios inglezes.

Dizia-se alem d'isso que o rei Fernando a designára mais especialmente ás iras da junta que nomeára em Palermo para julgar os rebeldes.

Entendia o soberano que o sangue de duas mulheres, o de Leonor da Fonseca Pimentel, e o de Luiza Molina San-Felice, obscura senhora que concorrêra comtudo para que se mallograsse, no tempo da republica, uma conspiração realista, entendia que o sangue d'essas duas senhoras era indispensavel á consolidação do throno bourbonico.

Não havia duvida! Leonor estava perdida.

Jayme deixou cair os braços com desalento, mas de subito ergueu a cabeça soltando um grito de alegria. Acabava de lhe luzir um raio de esperança. Não era Nelson omnipotente, e não tinha Emma Lyonna o mais absoluto imperio na alma do almirante?

E elle, Jayme, não salvára a vida da embaixatriz ingleza, e não merecia que, em paga, se lhe concedesse tambem a vida de uma mulher?

Não havia duvida; Leonor Pimentel podia salvar-se ainda.

O conde de Espozende saltou para o bote que o trouxera, e d'ahi a poucos minutos estava a bordo do *Fulminante*.

Nelson e sir William Hamilton conferenciavam com o cardeal Ruffo, que viera naturalmente fazer uma ultima tentativa para conseguir que se executasse a capitulação. Emma Lyonna estava sósinha no seu camarote.

Uma gentil creadinha ingleza apressou-se a ir annunciar a lady Hamilton que o conde de Espozende a procurava.

— Que entre! que entre! disse logo em alta voz, que foi ouvida cá fóra, Emma Lyonna.

Correu-se um reposteiro e o conde de Espozende entrou.

Emma estava voluptuosamente recostada n'um sophá. O seu vestuario ligeiro desenhava admiravelmente a riqueza das suas fórmas. O largo decote que se usava então, e que se tornava mais pronunciado no fato ligeirissimo que Emma revestira para poder affrontar os calores d'esse dia ardente de junho, deixava entrever um seio esplendido que arfava languidamente. Ovidio julgaria ver ali re-

surgida a sua gentil Corinna, aquella voluptuosa romana que n'um dia de verão o foi procurar, como elle diz nos *Amores* — *em tunica resolta, envolta e nada mais.*

Mas o conde de Espozende estava bem longe de apreciar a felicidade de encontrar Emma Lyonna em tão provocadora attitude. Os nobres intuitos, que ali o levavam, não o deixavam pensar nem por um instante em vulgares sensualidades.

— Conde, disse-lhe Emma Lyonna, assim que o viu entrar, quanto folgo de o ver! Julguei que me tinha esquecido! Pois eu é que nunca me esqueço do meu salvador. Tenho presente sempre a sua audaciosa intrepidez. Vamos, diga, posso em alguma cousa ser-lhe util?

E o olhar ardente da fascinadora ingleza cravou-se, carregado de magneticos effluvios, nos olhos negros de D. Jayme.

— Sim, minha senhora, respondeu o conde, ousou invocar a recordação d'essa noite, em que tive a suprema ventura de lhe poder prestar um serviço, para lhe pedir um alto favor, tamanho que posso apenas dizer-lhe que, se eu deixasse que me esquartejassem aqui a seus pés, não para lhe salvar a vida, mas para satisfazer um simples capricho seu, não pagaria ainda assim sufficientemente o favor que vossa graça me póde fazer.

— Bem! bem! disse Emma Lyonna rindo. Creia

que eu nunca terei caprichos tão selvagens que, para os satisfazer, seja necessario esquartejar tão gentil fidalgo. Quero que viva, para que eu possa contar sempre com a sua affeição, que possuo, não é verdade?

— De certo, minha senhora.

— Profunda? tornou Emma Lyonna coqueteando.

— Sem duvida, minha senhora.

— Ardente? continuou ella.

— Nós os meridionaes, redarguiu Jayme um pouco espantado da insistencia de Emma, não sabemos ter frios affectos.

— Oh! mas costumam tambem disseminal-os de um modo espantoso. São ardentes talvez, mas são ephemeras as suas affeições. Não pôde confiar uma mulher nos protestos, que facilmente lhe irrompem dos labios, mas que tambem facilmente são esquecidos.

— Os protestos que faço, minha senhora, nunca os esqueço, respondeu D. Jayme, que, impaciente de entrar no assumpto, julgou ter achado assim uma transição habil, e a prova d'isso é o passo que dou n'este momento.

— Sim? disse Emma com um sorriso que indicava que se ia preparar para receber uma declaração. Vamos, temos tempo de sobejo, sente-se aqui ao meu lado e explique-me isso.

— Não, minha senhora, disse D. Jayme, é de

joelhos que eu devo dirigir-lhe a minha supplica, é de joelhos que nós pedimos a Deus a vida d'aquelles que nos são caros, e vossa graça representa para mim o papel da Providencia.

— Tendo por altar um divan, não é verdade? Pois bem! ajoelhe, já que não quer afastar-se das velhas tradições.

E estendendo um pouco as amplas saias do seu vestido de gaze para que D. Jayme não ajoelhasse no tapete, estendeu-lhe rindo a mão, que D. Jayme beijou ao dobrar o joelho diante de Emma.

— Vamos, falle, exclamou a gentil embaixatriz, qual é esse alto favor que de mim pretende obter?

— A vida de uma pessoa que me é cara.

— Ah! disse Emma, franzindo ligeiramente o sobr'olho.

Mas logo acrescentou com melhor sombra:

— Nada posso recusar ao meu salvador. Se estiver na minha mão poder dar a vida ao seu amigo, conte que o farei.

— Oh! está de certo. Minha senhora, eu não pretendo de modo algum censurar a politica napolitana. Sou estrangeiro, e nada tenho que ver com o procedimento dos soberanos d'este paiz, mas deve confessar, minha senhora, que é cruel para homens que se renderam, fiando-se na palavra dos seus inimigos, o verem a sua capitulação rasgada arbitrariamente. São arrastados cobardemente ao cadafal-

so, elles que podiam morrer no campo de batalha! Este procedimento...

—Note, conde, disse Emma com certa frieza, que está fazendo exactamente aquillo de que dizia que tencionava abster-se, note que, apesar de ser estrangeiro, está entrando na apreciação dos actos do governo napolitano. Eu sou estrangeira tambem, e declaro que acato e respeito decretos que el-rei de Napoles promulgou no pleno e legitimo uso da sua soberania.

—Ah! minha senhora, peço-lhe, supplico-lhe... Não percamos o tempo em vãs palavras... Todos sabem que hoje o rei de Napoles é lord Nelson, e que o heroe de Aboukir nada sabe recusar a Emma Lyonna. Se Nelson quizesse, o rei de Napoles teria de ratificar a capitulação, assignada em seu nome pelo cardeal Ruffo. Se Nelson o desejar, saberá furtar ao cadafalso as cabeças mais altas da revolução, e Nelson ordena o que lady Hamilton pede. Oh! minha senhora, interceda pela pessoa que lhe recomendo, e terá feito ao mesmo tempo um acto de justiça e um acto de clemencia, terá salvado uma vida e terá impedido um crime.

Jayme estava, ao proferir estas palavras, bello de juvenil enthusiasmo. Levantára-se, e atirando para trás com um gesto cheio de elegancia os seus negros e abundantes cabellos, descobrira a fronte pallida dourada por um raio de sol de junho, que

se insinuava pela portinhola do camarote. Emma olhou para elle sorrindo, e disse-lhe:

— Julga então que tenho grande influencia em lord Nelson?... Emfim! dê-me o nome do seu protegido, e eu procurarei conseguir que elle lhe alcance o perdão, ou antes, o que lhe será mais facil, que o deixe escapar agora, enquanto se estão operando as prisões. Como se chama o homem?

— Não é um homem, minha senhora, é... uma dama.

— Uma dama! exclamou Emma Lyonna, fazendo-se ligeiramente pallida. O seu nome?

— É uma compatriota minha, uma senhora que nem é napolitana, e que se achou envolta pela fatalidade n'estes tristes acontecimentos, nos quaes fez, com grande pezar o confesso, uma importante figura. Chama-se...

— Diga!

— Leonor da Fonseca Pimentel!

— Elconora! exclamou Emma levantando-se com um relampago de colera, e ousa vir-me pedir o perdão d'essa mulher, que no seu infame jornal, n'esse *Monitor parthenopéo*, tantas vezes me insultou vilmente, a mim e á rainha! Ah! senhor, confiou demasiadamente no meu reconhecimento, se suppoz que eu me empenharia para salvar a vida d'essa mulher tão odiosa, que el-rei Fernando, apesar da sua natural clemencia, a designou especial-

mente ao tribunal que vae julgar os revoltosos! Leonor! a insultadora desbragada dos soberanos de Napoles! Leonor! a afrancezada que molhava em fel a penna com que escrevia o meu nome! Ah! trinta vidas que ella tivesse, com jubilo lh'as arrancaria todas!

A formosissima embaixatriz ingleza estava n'esse momento verdadeiramente hedionda. Chispava-lhe nos olhos um fogo sinistro, a espuma humedecia-lhe os labios, uma pallidez livida lhe tingia as feições demudadas. Era uma hyena, uma furia, essa mulher de voz rouca e sibillante, que fazia estremecer todas as fibras do coração de D. Jayme.

— Ah! minha senhora, bradou elle, se se quer vingar de Leonor, vingue-se perdoando-lhe! Que mais sublime vingança do que essa de responder ao insulto com o perdão, de a esmagar com o peso da sua clemencia? Obrigue-a a ser-lhe grata, e verá se tem a vingança que ambiciona prazeres semelhantes a este que eu lhe proponho; perdoe, e Deus, que a fez semelhante a um anjo na formosura do rosto, reconhecel-a-ha tambem como um dos seus seraphins pela formosura da alma.

— Dispenso-lhe os sermões, senhor conde, redarguiu Emma sentando-se com um sorriso de profundo e ironico desdem nos labios, não sou mulher que accite essas evangelicas theorias. Perde commigo o seu tempo, nada luera nem com as suas homilias, nem com as suas lisonjas. Permitta-me tambem que

lhe diga que acho que deu provas de bastante e bem singular audacia, dirigindo-se a mim para salvar a sua amante.

— A minha amante! exclamou D. Jayme.

— A sua amante, sim! Cuida que não sabemos o que são estas virtuosas damas, que se dedicam á litteratura e á politica, e que vivem familiarmente com os homens, recebendo-os pela manhã no seu escriptorio, á noite na sua alcova? Cuida que não conhecemos madame Roland, a amante dos giron-dinos? A orgia em Napoles não foi inferior á orgia de Paris, mas, segundo vejo, Leonor Pimentel foi ainda alem de madame Roland, porque, não se contentando com os amantes republicanos, quiz tambem ter um amante realista! Pois bem! Diga-lhe que o unico meio que lhe resta para se salvar, é escolher tambem para amante o carrasco.

D. Jayme ouvira-a estupefacto de tanto cynismo. A estas ultimas palavras porém, não pôde conter-se, e, dando um passo á retaguarda, exclamou com impeto cego, e com um sarcasmo selvagem:

— Está o lugar tomado. O carrasco é lord Nelson, e a amante do carrasco é a mulher impudente que prostitue ao almirante as suas venaes caricias, é a Herodiades lasciva que pede por cada beijo a cabeça de um martyr.

— Insolente! bradou Emma levantando-se n'um impeto de raiva.

— Ah! que me importa? Hei de dizer-lhe tudo o que tenho no coração. Hei de dizer-lhe que me envergonho de ter humilhado aos seus pés, não a minha dignidade, que não devia contudo enxovalhar-se assim, mas a dignidade de uma senhora, que está tanto acima dos seus insultos como o céu puro e limpido de Napoles acima dos tremedades da terra. Ah! calumniou agora, senhora, quantas nobres almas têm votado á liberdade um culto austero e santo! Podem ter errado, mas são dignas e puras, mas não são as Phrynés mercenarias, que põem ao serviço da realza o seu corpo e os seus encantos, e que são, vestidas de oiro e seda, nos palacios faustuosos das embaixadas, as mesmas que eram á noite nas ruas de Londres. Louco fui eu, infame fui eu tambem não comprehendendo que valia mais mil vezes para Leonor Pimentel morrer no cadafalso, do que obter a esmola da vida por tão vergonhosa intercessão! Mas abriu-me os olhos a tempo, e quasi que lhe agradeço o ter repellido o pedido que lhe eu fazia. Poujou-me uma torpeza! Morrendo no patibulo, Leonor Pimentel soltará n'um vôo para o céu a sua alma pura e sem mancha; vivendo, conservaria eternamente na fronte limpida o estygma indelevel do seu perdão. Era isto o que lhe eu queria dizer. Adeus, minha senhora!

E, abrindo a porta do camarote, D. Jayme saíu precipitadamente.

Emma ficára tão attonita com a vehemente objurgatoria do conde de Espozende, que nem tivera forças para lhe responder. Ainda esteve instantes depois da saída d'elle, pallida e immovel, como que perguntando a si mesma se não fôra um sonho tudo o que acabava de ouvir. Mas de subito a colera fez explosão; soltou um grito agudo e selvagem, e chorando de raiva, caiu de bruços no divan, mordendo as almofadas, e exclamando n'um paroxismo insensato de furia:

— Elle! insultar-me assim! Ah! malditos! quero a sua cabeça! quero vel-a estorcer-se a ella nas convulsões da agonia! Sangue! sangue! sangue!

E entretanto D. Jayme, ao saltar para o escaler, bradava com desespero:

— Perdida! perdida! e fui eu que a perdi, desgraçado!

CAPITULO XV

A magnolia vermelha

Assim era. Leonor Pimentel estava irremissivelmente perdida. Não fôra a imprudencia de Jayme que a desgraçára. Condemnada de antemão pelo rei, e principalmente pela rainha, só a fuga a poderia salvar.

Entretanto lord Nelson continuava a prender arbitrariamente não só os republicanos, que faziam parte da guarnição dos castellos, mas tambem todas as pessoas que tinham figurado mais ou menos na republica parthenopéa. Foi assim que elle prendeu o almirante Caracciolo, que já conseguíra fugir de Napoles, e que, atraído por um homem que lhe dera primeiro asylo e hospedagem, foi entregue nas mãos do almirante inglez. Não contaremos nós a sorte de Caracciolo. Receiâmos que accussem a nossa penna de romancista de dramatisar os factos e de carregar as cores. Pediremos á historia o seu buril severo e exacto, e iremos buscar á biographia de Nel-

son, escripta por Lamartine, essa pagina vergonhosa para a memoria do almirante, e para a dignidade da côrte napolitana.

«Nelson, diz Lamartine, não preservou os seus navios das nodoas do sangue d'esse regio Terror. O almirante napolitano Caracciolo, outr'ora seu companheiro de armas nas campanhas navaes, em que a frota napolitana e a frota ingleza navegavam de conserva, fizera cortejo fiel ao rei com o seu navio até á Sicilia, quando os francezes se approximavam. Chamado a Napoles, depois de consummada a revolução, sob pena de ver os seus bens confiscados, voltára, com auctorisação do principe, para a sua patria.

«Levantado contra sua vontade pelo governo republicano ao commando geral da frota, posto para o qual o designava a eminencia da sua fama e dos seus talentos, commettêra o crime de servir a sua patria durante o interregno. Os seus numerosos amigos, presentindo a vingança da rainha, tinham-n'o feito evadir dos fortes durante a negociação, disfarçado em camponez da Calabria. Preso, interrogado, reconhecido e reconduzido a Napoles com as mãos atadas atrás das costas, tinham-n'o mandado, por ordem de Nelson, para a esquadra ingleza. Ninguém duvidava de que essa prisão apparente fosse para o desgraçado Caracciolo uma hospitalidade disfarçada, porque o supplicio não ousaria reclamar

um hospede da Gran-Bretanha. Mas lady Hamilton resolvêra fazer de um navio inglez o cadafalso do mais illustre dos napolitanos. Nelson recebeu Caracciolo no *Fulminante*, habitado ainda por elle e pela sua favorita; para ali convocou um tribunal marcial de officiaes sicilianos, presidido pelo conde de Thurn. Caracciolo compareceu diante dos seus juizes. Pediu para congregar documentos justificativos da sua innocencia, e testemunhas do seu procedimento durante o interregno do seu soberano. Achando os juizes esse pedido justo e communicando-o a Nelson, disse-lhes este que pronunciassem sem demora a sentença; os juizes obedeceram, e condemnaram Caracciolo a exilio perpetuo. Nelson, ao receber communicação d'esta sentença, mandou substituir imperiosamente n'esse papel a palavra «exilio» pela palavra «morte». Uma hora depois, o condemnado, amarrado para o supplicio, foi transportado do *Fulminante* para uma chalupa, e conduzido ao seu proprio navio almirante, a *Minerva*, para soffrer ahi o supplicio infamante dos malfeitores. Lady Hamilton, encerrada com Horacio Nelson na camara do *Fulminante*, recusára ver e ouvir todos aquelles, que, contando com a intercessão de uma mulher, tinham implorado a sua compaixão. O proprio Nelson não dera ouvidos ás insinuações dos seus officiaes. A côrte queria este sangue, e o amor pagava o crime.

«Chegado á tolda da *Minerva*, fundeada ao lado do *Fulminante*, Caracciolo acceitou a morte sem empallidecer, e murmurou apenas contra a ignominia da forca.

«Sou velho, disse elle ao official que commandava a escolta, os meus cabellos brancos me avisam de que a morte bem poucos dias vae cortar á minha existencia; não deixo na terra nem viuva nem orphãos para me chorarem; não disputo á morte a minha existencia; mas, depois de setenta e dois annos de uma vida honrada, é cruel deixar presa á minha memoria a ignobil imagem da forca. Só peço ao almirante inglez, outr'ora meu companheiro de armas e meu amigo, que me troque o infame supplicio da corda pelo fuzilamento, que é a morte do soldado.»

«O official inglez, que recebeu estas nobres supplicas, mandou suspender a execução, e correu a leval-as a Nelson, que se conservava invisivel a bordo do seu navio.

«Faça o seu dever», respondeu duramente o almirante inglez, desviando-se para evitar qualquer insistencia.

«Caracciolo, enforcado nas vergas da *Minerva*, soffreu a morte dos scelerados, entre os applausos de uns e a piedade de outros, para vergonha de todos, e sobretudo de Nelson. Conta-se que lady Hamilton subiu ao tombadilho do *Fulminante* para contemplar o cadaver da victima da rainha, pendu-

rado até á noite n'uma forca fluctuante. Quando as trevas cobriram as ondas ataram-se duas balas aos pés do cadaver, e atiraram-no ao mar. . . »

Notaveis similhanças ha entre a historia de Napoles no principio d'este seculo e a historia de Portugal no mesmo periodo. A acção da politica ingleza foi a mesma nos dois paizes. Esta morte de Caracciolo, almirante napolitano, condemnado na sua patria por um almirante inglez, e a quem recusam a morte pelo fuzilamento, para a substituirem pela morte aviltante na forca, não nos lembra a nós todos o supplicio infamante infligido a um general portuguez em Portugal por ordem de um general britannico? Parece que se mudaram apenas os nomes, mas que é a mesma tragedia que se representa na tolda da *Minerva* e na platafórma da torre de S. Julião da Barra. Aqui é o general Beresford que representa o papel de lord Nelson: Caracciolo é Gomes Freire, o tribunal dos officiaes sicilianos corresponde ao tribunal portuguez, que julgou, obedecendo ás inspirações de Beresford, os conspiradores verdadeiros ou supostos de 1817. Mas estes actos arbitrarios e despoticos deixavam no espirito dos povos profundos resentimentos, e por isso tambem a Inglaterra, que protegeu a liberdade da Europa contra as invasões da França, semeou nos paizes que favoreceu tantos odios como os conquistadores. Foi para todos os povos mais pesado o jugo

d'esses tyrannicos alliados do que o jugo dos inimigos. E hoje a Inglaterra expia amargamente, no declinar cada vez mais visivel da sua influencia, a altivez com que tratou a Europa. Teve alliados, mas não teve amigos; semeou beneficios, mas com mão tão desdenhosa e ao mesmo tempo tão oppressora, que nunca pôde colher o agradecimento.

.....

O terror reinava em Napoles. A junta nomeada pelo rei Fernando amiudava as condemnações á morte. Como nos dias mais nefastos da revolução franceza, estava, não a guilhotina mas a forca, em permanencia nas praças da risonha cidade, que se espreguiça nas faldas do Vesuvio, recostada em leito de flores. Ouçamos ainda Lamartine traçar-nos o quadro das regias vinganças, que não ficaram a dever cousa alguma aos morticínios ordenados pela Convenção ou pela junta de salvação publica, esse terrivel e despotico delegado da assembléa revolucionaria.

«As execuções e os morticínios ensanguentaram, durante um *Terror* a sangue frio, nas ilhas e na frota, o mar de Napoles. Aquelles, que a forca poupára, eram mortos á facada e atirados ás vagas do mar. Sicarios e delatores, resuscitados do tempo de Tiberio, davam as fórmulas da justiça a esses assassínios. Quarenta mil cidadãos caíam fulminados pelas leis de morte que abriam em sangue o caminho

de Napoles ao rei e a sua implacavel esposa. Tribunaes ambulantes percorriam as provincias com os carrascos. Homens vivos, agarrados pelos *lazzaroni*, eram atirados para fogueiras accesas na praça do palacio, debaixo dos canhões da frota que trazia a familia real. A rainha enviava de Palermo listas de proscripção, em que os nomes das victimas eram inscriptos pela vingança. Trinta mil captivos atulhavam as prisões de Napoles; a tortura arrancava-lhes a confissão dos crimes ou das cumplicidades politicas. As juntas d'estado enviavam todos os dias o seu contingente de victimas ao cadafalso. Os homens mais illustres pelo nome, pelos serviços, ou pelo genio, taes como Cirillo, Manthoné, Conforti, Fiano, Albancese, Fiorentino, Pagano, o bispo Sarno, o prelado Natale, a San-Felice, a poetisa Eleonora Pimentel, e trezentas victimas, a flor da cidade, foram enforcadas, e atiradas ás ondas, unica sepultura que se lhes deu depois do supplicio; os príncipes Torello e Riario, o barão Poerio, orador illustre e moderado, o marquez Carleto, o cavalleiro Abamonti, exilados por misericordia para a ilha deserta de Farignani, ao pé dos escolhos de Sicilia, foram encerrados n'uma caverna submarina, que servira outr'ora de tumulo antecipado aos exules de Roma. Riario e Serra, filhos das mais nobres familias, caíram debaixo do cutello antes de haver chegado á idade do crime. A cabeça de uma

creança de dezeseis annos, filho unico do marquez Genzano, cuja innocencia e cuja belleza eram a admiração e a piedade da cidade, caíu tambem debaixo do cutello do algoz. Seu pae, Brutus da cobardia, para dissimular a sua dor, reclamou uma cumplicidade infame com os profanadores do seu proprio sangue, e offereceu, alguns dias depois do supplicio, um festim de congratulação aos juizes. Uma joven senhora de alta nobreza, condemnada ao cadafalso, por ter, por amor a um dos chefes republicanos, cuja vida estava ameaçada, revelado uma conspiração contra a republica, declarou-se grávida, na vespera do supplicio; a côrte, ultrajando o seu pudor, mandou-a conduzir ao palacio para entregar o seu corpo ao exame dos medicos do rei. Declarada grávida, suspendeu-se a sua execução até á hora do seu bom successo; atirada para um navio, e encerrada nos carcereiros de Palermo, o dia em que deu a vida a seu filho foi o ultimo dia para ella. As proscricções de Mario, de Sylla, de Tiberio e da convenção eram igualadas pelo odio de uma côrte italiana, servida por um populacho fanatico, e protegido por um heroe inglez escravizado a uma corteza.»

Tal era o quadro sinistro que apresentava Napoles, e que Jayme presencava com horror. As suas idéas politicas soffriam com este espectaculo um novo e estranho abalo. O que! pois elle que abdicára as suas idéas republicanas, no momento em

que víra os crimes que em seu nome se praticavam, entregava a sua espada á realleza, como á causa santa da innocencia e do martyrio, e a realleza respondia-lhe arregaçando as mangas da purpura, e empunhando tambem o cutello dos algozes! O que devia elle pensar? O seu espirito vacillava e o horror que sentia turvava-lhe o pensamento, e já lhe não deixava ver, nem o que era bem, nem o que era mal, nem onde estavam os martyres, nem onde estavam os algozes.

Tudo quanto era humanamente possivel fazer-se para salvar Eleonora Pimentel, tudo D. Jayme empregou. Auxiliado pelo fiel Vasco Antonio, que o seguia sempre, pasmado mas obediente, e que tambem já não sabia se devia gritar: viva o rei, se viva a republica, Jayme procurou corromper os guardas da prisão, mas nada conseguiu, não porque elles fossem incorruptiveis, mas porque a junta procedia com tal rapidez, e as execuções seguiam tão de perto as sentenças, que não havia meio de levar a effeito qualquer plano de evasão.

A attitudo de Leonor Pimentel perante o tribunal foi sempre digna e firme. Insultada pelo juiz que presidia á chamada junta do estado, Vicente Speciale, repelliu com desdem tranquillo as injurias do energumeno, e soube conciliar os respeitos de um auditorio hostile pela sua grave compostura e serenidade de animo.

Jayne lá estava no tribunal, assistindo com o coração confrangido ás peripecias do julgamento. Quando se pronunciou a sentença de morte, que todos os condemnados ouviram de cabeça erguida e com um frio sorriso nos labios, soltou involuntariamente um grito abafado de horror, e talvez manifestasse com mais energia os seus sentimentos, se o fiel Vasco Antonio, que o não largava, não lhe deitasse a mão, exclamando com um desespero, que seria extremamente comico, se não fosse a gravidade do caso:

— Adeus! que lá se vae a capa!

Vasco Antonio não esquecêra a scena da assembléa legislativa de Paris, e temia que seu amo lhe fizesse agora segunda edição. O queixume do esculdeiro chamou comtudo D. Jayne á realidade dos factos, e, comprehendendo que seria inutil o seu protesto, sentou-se comprimindo um soluço.

Saiu o cortejo do tribunal, e encaminhou-se de novo para o carcere, acompanhado por innumero povo, que não soltava comtudo nem um murmurio insultador, porque a attitudo dos condemnados infundia-lhe respeito. Entre o povo ia D. Jayne, devorando com a vista o vulto gentil de Leonor Pimentel, que, de olhos no céu, caminhava serena, o pensando talvez no homem, que nas ultimas horas da sua vida lhe fizera pulsar o coração com um sentimento que ella até então desconhecêra.

Passavam os condemnados junto de uma casa, que tinha jardim para a rua, jardim por entre cujas grades se balouçavam as folhas verdes, e as candidas e opulentas flores da magnolia. Por um movimento instinctivo, Jayme arrancou uma d'essas flores que rescendiam na sua urna de prata deliciosos aromas, e, rompendo por entre o povo, approximou-se de Leonor Pimentel, que soltou um grito ao reconhecê-lo. Offerecendo-lhe então a flor, Jayme disse-lhe, descobrindo-se:

— É branca, pura e perfumada como a alma da martyr.

— Jayme! bradou ella, beijando a flor que o conde lhe offerecêra.

O fidalgo portuguez desapparecêra como por encanto. Os soldados da escolta haviam-se precipitado para o prender, mas o povo com o seu prompto enthusiasmo napolitano, que facilmente se inflamma com qualquer acção generosa, applaudiu o acto de D. Jayme, deu prompta fuga ao audacioso mancebo, e cerrou as suas fileiras, depois de elle ter passado, de fórma que os soldados nada poderam fazer. E entretanto Leonor, profundamente commovida, com o seio palpitante, com os olhos brilhantes de jubilo, entrelaçava nos seus cabellos negros como o ebano a alva e fragrante flor.

Vasco Antonio acompanhava seu amo protestando e resmungando:

— E esta! Princezas ou republicanas, tudo lhe serve, e mette-me tambem a mim n'estes assados! Vae-se collocar sempre do lado da ponta do chicote! Em alguma mulher indo para o cadafalso, está elle pelo beigo! Parece-me que a menina Ignez não consegue captivar este meu amo, enquanto se não resolver a enforcar-se! Ai! enforcados somos nós se isto assim continúa! Nós não podemos sempre escapar d'estas aventuras!

D'essa contudo ainda elle escapou, graças á tática cumplicidade do povo, que, como dissemos, oppoz uma resistencia de inercia á perseguição dos soldados, e deu tempo aos dois portuguezes para fugirem. Isso porém animou D. Jayme, que se resolveu a fazer uma ultima tentativa para livrar da forza a sua compatriota.

Era no dia seguinte a execução, que se devia realisar na praça do Mercado. D. Jayme dirigiu-se ao marquez de Niza, contou-lhe francamente o que se tinha passado, e pediu-lhe instantemente que o auxiliasse no empenho de salvar do infamante supplicio uma filha de Portugal, tão illustre como era Leonor da Fonseca Pimentel. O marquez ralhou paternalmente com D. Jayme, dizendo-lhe que elle podia pôr em grave risco a bandeira portugueza. Lembrou-lhe que estavam ali servindo debaixo das ordens de lord Nelson, que este favorecia abertamente a causa da realeza, que era talvez o culpado

de todos os excessos que se commettiam, e que assim um official que interviesse a favor das victimas não podia contar com a protecção do seu almirante.

— Bem sei, marquez, respondeu D. Jayme, e, se receber contra mim algumas queixas, sou eu o primeiro a pedir-lhe que me mande fuzilar, ou enforcar, se o almirante Nelson quizer seguir o precedente da execução de Caracciolo, e applicar a todos os fidalgos e militares o supplicio da forca. O que eu, lhe peço agora, marquez, é que me consinta que eu, com alguns marinheiros, tente ámanhã arrancar Leonor Pimentel aos seus algozes.

— Está doido, conde! exclamou o marquez de Niza levantando-se.

— Não, marquez, não estou doido, e note que, se lhe eu digo isto, é apenas por extrema lealdade. Officialmente o que lhe eu peço é que dê ámanhã licença para irem a terra aos marinheiros que eu designar. O resto é commigo. Se a farda portugueza se achar compromettida, fuzile-nos a todos sem piedade. Se conseguirmos levar a cabo a empresa, sem que se desconfie de cousa alguma, o meu amigo dá-me em segredo um abraço, e os marinheiros nem por instantes suspeitam que vossa excellencia teve conhecimento da sua generosa acção.

O marquez de Niza conservou-se um instante pensativo e silencioso, depois, estendendo a mão ao seu amigo e subalterno, exclamou:

— Bem! o commandante da esquadra portugueza não ouviu uma só palavra do que o conde de Espozende acaba de lhe dizer; os marinheiros, que me recommendar, terão licença para ir a terra, e Deus o proteja, que vae defender uma causa bem justa e bem santa. Adeus! e seja prudente.

D. Jayme abraçou com enthusiasmo o seu benevolo chefe e saíu.

D'ahi a duas horas estava em terra, confundido na multidão do povo, que esperava que passasse o lugubre prestito dos condemnados. A pouca distancia d'elle, mas sem estarem agrupados, viam-se uns dez ou doze pescadores da Mergellina, que se conservavam notavelmente silenciosos. E' que receiavam que os seus vizinhos estranhassem que pescadores de Napoles não comprehendessem o italiano e só fallassem portuguez.

D. Jayme, para a audaciosa tentativa que ía emprender, contava bastante com o braço robusto e a provada coragem dos seus marinheiros, mas contava ainda mais com a tacita cumplicidade do povo, cumplicidade de que tivera provas na vespera, quando, depois de offerecer a magnolia a Leonor Pimentel, conseguira escapar á perseguição dos soldados da escolta.

Esperava com anciedade que apparecessem os condemnados, e a sua mão apertava convulsamente a coronha de uma pistola que trazia escondida de-

baixo do fato. De subito começou a ouvir ao longe um rumor de vozes que entoavam cantos. Estranho acompanhamento musical para um prestito que se dirige para a força! E contudo eram os condemnados que se approximavam. Indicava-o bem claramente o movimento da turba que ondulava ao impulso da curiosidade.

Os cantos approximavam-se, e Jayme, ancioso e inquieto, não tardou a ver apparecer a escolta de cavallaria que precedia o carro dos condemnados. Estes seguiam-se logo, e entre as physionomias energicas e varonis de alguns dos principaes vultos da republica parthenopéa, que iam expiar no cadafalso o seu prematuro amor pela liberdade, pôde D. Jayme distinguir o meigo e formoso rosto de Leonor da Fonseca Pimentel. Nos negros cabellos brilhava a branca magnolia que elle na vespera lhe offerecêra, e nos seus labios purpureos fluctuava um sorriso desdenhoso e amargo.

É que em torno do carro, apertando-o estreitamente, caminhava, não a turba indifferente ou *sympathica* da vespera, mas uma multidão ignobil de *lazzaroni*, que entoavam com voz rouquenha e avinhada cantos insultuosos que procuravam ferir principalmente a musa republicana. Era contra a *signora Dianora*, como elles diziam no seu dialecto napolitano, que o improvisador sinistro, que compozera as estrophes, principalmente afiava os rudes

epigrammas. Lembravam-lhe, com motejos insolentes, a noite em que ella cantára no theatro de Napoles a *Marselheza napolitana* de Monti e Cimarossa; imitando, sem o saberem, a formiga da fábula de La Fontaine, diziam-lhe que, se cantára então, agora em paga ía dansar na forea. E os executores da lei, aquelles que tinham obrigação de proteger as victimas que iam morrer no cadafalso contra a tortura dos insultos a que não tinham sido condemnadas, deixavam comtudo que os *lazzaroni* as apupassem livremente!

D. Jayme soltou então a um tempo um grito de indignação e de raiva, de indignação por ver o modo como o populacho tratava essa mulher pela qual elle professava um culto, de raiva porque a accumulção dos *lazzaroni* em torno do sinistro carro tornava impossivel o seu projecto de salvação. Ainda o tentou comtudo; fazendo signal aos seus homens, procurou approximar-se dos condemnados, rompendo por entre os *lazzaroni*. Mas a turba ía por tal fórma apinhada que, por mais violentos esforços que os marinheiros portuguezes fizessem, pouco logravam avançar. Já até mesmo alguns *lazzaroni*, molestados pelos hombros robustos dos nossos compatriotas, começavam a soltar gritos de colera e a interpellar com rudeza os invasores, que lhes não respondiam por motivos que facilmente se percebem. E eram exactamente esses motivos que ain-

da mais contribuíam para se mallograr o plano de D. Jayme. Se fossem italianos, podiam entrar no côro, cantar com mais intimativa do que os outros, mostrar-se energúmenos mais furiosos ainda, e assim conseguiriam que, por interesse da assuada, os deixassem passar. Mas esse grupo silencioso, que procurava romper a todo o custo, incitára primeiro a colera, e começava a incitar a desconfiança. Era indispensavel ser prudente, caminhar a pouco e pouco, e d'esse modo era tão difficil a marcha que chegou o prestito á praça do Mercado, subiram os condemnados ao cadafalso, sem que D. Jayme e os seus marinheiros tivessem conseguido chegar junto do carro que os conduzia.

D. Jayme quasi chorava de desespero. Nem ao menos podéra fazer uma tentativa louca, e não conseguira ser testemunha inerte da morte de Leonor. Viu-a descer do carro, subir serenamente a escada do cadafalso, e caminhar para o triangulo sinistro, onde o algoz devia dar-lhe a laçada e o impulso que a um tempo arrojaria o seu corpo ao espaço, e a sua alma á eternidade. Parou comtudo um instante, e relanceou os olhos para a multidão, como se quizesse dirigir-lhe algumas palavras supremas. Foi n'esse momento que viu D. Jayme. Os olhos ardentes do joven fidalgo portuguez cravavam-se com uma expressão de horror profundo, e de profundo desespero no vulto gentil da martyr. Leonor fez-se

extremamente pallida, mas ao mesmo tempo nos seus olhos negros brillhou um relampago de alegria. Nem todos a abandonavam. Na hora terrivel que ia passar tinha ali um coração que palpitava com as suas angustias, uns labios que murmuravam palavras de consolação que ella não podia ouvir, mas que adivinhava, que lia no rosto de D. Jayme.

Tirando dos cabellos a magnolia que o conde de Espozende lhe dera, Leonor Pimentel levou-a aos labios e beijou-a com uma expressão de ardente enthusiasmo. Depois, conservando-a sempre na mão, ergueu os olhos ao céu, tornou a baixal-os para D. Jayme, e, encaminhando-se para a forcea, soltou em voz alta e em portuguez este unico dito:

— Lembra-te!

Foi a sua ultima palavra. O algoz passára-lhe ao pescoço a laçada, e arrojára ao espaço o seu corpo esbelto. Por um sentimento instinctivo de pudor a formosa republicana atára o vestido á roda dos pés, para que o vento a não descompozesse n'esse tragico instante.

Ergueu-se um murmurio de commiserção entre os espectadores, murmurio que foi dominado por um grito de dilacerante desespero. Fôra D. Jayme que o soltára. Precipitou-se para junto do cadafalso. Uma flor, caída das mãos do cadaver, rolando pela plataforma ensanguentada por outras execuções que tinham sido feitas com o cutello quando eram fidal-

gos os condemnados, veio rolar aos pés de D. Jayme. Este apanhou-a convulsamente.

Era a sua magnolia, magnolia vermelha agora, vermelha com o sangue das victimas da realeza, como a rosa branca da princeza de Lamballe lhe viera cair nas mãos, vermelha com o sangue das victimas da republica.

De um lado e de outro houvera sangue e cada-falsos e algozes. De que lado estava a verdade, de que lado estava a justiça?

Estava do lado onde resplandecia a luz serena da liberdade.

CAPITULO XV

A volta do filho prodigo

Por muito tempo continuaram os algozes do rei Fernando a ensanguentar a terra napolitana. D. Jayme é que não quiz demorar-se nem mais um momento n'esse solo amaldiçoado. Pediu licença ao marquez de Niza para regressar a Portugal. Tomou passagem a bordo de um navio mercante que se dirigia para Cadiz, e, ao chegar á cidade hespanhola, tratou immediatamente de fretar um barco que o levasse a Lisboa.

Vasco Antonio acompanhava-o como sempre. Foi o escudeiro do conde de Espozende o encarregado de tratar do negocio da passagem, o que fez com uma presteza immensa. É que lhe constára que estava para haver em Cadiz uma execução, e Vasco Antonio receiou que seu amo quizesse tirar tambem ahi o condemnado das mãos dos aguazis hespanhoes.

Os costumes de seu amo infundiam ao fiel es-

cudeiro os mais serios e os mais justificados terrores. Tinha o mais profundo receio de não chegar á sua patria com as costellas inteiras.

Estava no seu palacio de S. José de Ribamar o marquez de Espozende, quando seu filho chegou do modo mais inesperado. O primeiro movimento do pae de Jayme foi levantar-se e correr a abraçar seu filho, que o abraçara tambem chorando de contentamento.

— Filho, filho! dizia elle. Torno-te a ver! Como estás homem! Queimou-te o sol do Oriente e a viração do mar! Estás bello assim, Jayme! Oh! mas não tornes a desamparar teu velho pae, que está já com os pés para a cova, e que deseja que tu ao menos lhe cerres os olhos!

— Nunca, meu pae, respondeu o conde de Espozende, nunca mais! Volto para não tornar a sair da sua companhia! Meu tio, Ignez, como estão?

— Ignez! exclamou o pae de D. Jayme, desentelando-se dos braços de seu filho, recuando um passo e mostrando de subito severa catadura. Perguntas-me por Ignez? E não te diz a tua consciencia que essa pergunta é um ultraje para a memoria d'aquella pobre menina?

— Para a memoria!... soluçou D. Jayme com um grito de desespero. O que! Ignez morreu?

— Morreu, ou vae morrer para o mundo, redarguiu o marquez sempre severo. A tua ingratiidão

vibrou-lhe o ultimo golpe. Soube-se cá tudo o que fazias em Napoles, Jayme! Que leviana cabeça a tua! que leviano coração! O que! pois o homem, que partiu de Portugal com o firme proposito de vingar a realleza ultrajada, de vingar as nobres dammas assassinadas pelo cutello da republica, transforma-se de subito no defensor da mulher que partilha as idéas e portanto a responsabilidade nos crimes d'esses energumenos, que são a deshonra da humanidade!

— Meu pae! exclamou D. Jayme com energia, a dama que eu defendi era tambem uma fraca mulher assassinada por algozes, que, por trajarem a libré da realleza, não eram menos vis do que os que vestem a *carmagnola* das secções de París.

— Dize antes que protegeste, com risco de vida, uma sereia que te fascinou, e te soube prender o coração voluvel. As imprudencias que commettes-te, as loucuras que praticaste não as communicou para Lisboa o teu chefe, o marquez de Niza, que naturalmente alguma responsabilidade tem nos teus actos; soube-as porém o governo por intermedio do nosso ministro em Napoles, a quem sir William Hamilton communicou o pedido que tu dirigiste a sua mulher.

— O que! pois ella ousou!...

— As mulheres ousam tudo, quando o ciuime as incita, e eu conheço bastante o nome e a chronica

da Dalila, que tem preso nos laços dos seus cabelos o Sansão britannico, para comprehender que Emma Lyonna tambem soube prender-te... De fórma, Jayme, que nas tuas viagens a França aprendeste apenas a seguir os torpes exemplos dos Lauzun e dos Richelieu. Foram esses os modelos que escolheste na brilhante aristocracia franceza.

— Oh! meu pae, juro-lhe...

— Guarda os teus juramentos para as mulheres, cujo nome desejares acrescentar á lista das tuas conquistas. Eu sou teu pae, detesto a mentira, bem o sabes, e sou um homem, que enfim conheço bastante as fraquezas da mocidade para que não te seja licito occultar-me as tuas.

— Meu pae, disse D. Jayme com respeitosa firmeza, permitta-me que lhe diga que nunca lhe deirasão para suppor que eu faltaria á verdade. Tenho culpas... tenho culpas para com Ignez sobretudo. Este meu coração! Mas essas culpas nem são as que suppõe, nem me inibem de offerecer a minha prima o meu nome e a minha mão de esposo.

— O que! pois negarás que protegeste com risco da tua vida uma senhora implicada no movimento revolucionario de Napoles, que a amaste, que foste pedir a lady Hamilton que se empenhasse para obter o seu perdão?

— Não, meu pae, não o nego, e acrescento uma cousa que de certo não sabe, é que tive tudo pre-

parado para arrancar essa senhora á escolta que a conduzia ao cadafalso, e que só acontecimentos extraordinarias poderam mallogar a minha tentativa.

— Mas então...

— Então é verdade que a belleza, a intelligencia e sobretudo os infortunios de Leonor Pimentel me commoveram e impressionaram a ponto de me inspirar um sentimento mais ardente do que talvez conviria ao noivo de Ignez, mas é verdade tambem que nunca troquei com Leonor Pimentel senão umas fallas curtas e interrompidas pelas peripecias d'aquella dolorosa tragedia de Napoles, e que, se Leonor sentiu por mim uma tal ou qual predilecção, eu só o pude entre-adivinhar n'um suspiro, n'uma palavra abafada, n'um olhar furtivo, mas que ella ostensivamente nunca teve por mim senão a amizade pura e sincera de uma compatriota sympathica e reconhecida. É esta a verdade, senhor marquez.

— E Emma Lyonna?

— Oh! não me falle n'essa mulher. Era necessario que julgassem que eu descêra muito baixo, para me suporem capaz de ceder aos attractivos sensuaes d'essa mulher venal.

— Será possível?

— É a verdade, meu pae! Mas Ignez, morreu para o mundo, disse-me? Professou a minha pobre, a minha estremecida prima?

O marquez levantou-se precipitadamente, e, abrindo a porta, exclamou:

— Pobre menina! Vae, Jayme, corre, que é talvez tempo ainda! A pobre creança soube que andavas apaixonado em Napoles por uma mulher, deixou de receber cartas tuas, devorou em silencio as suas lagrimas, porém nunca mais quiz desistir da sua idéa de professar n'um convento. Pedimos-lhe que te esperasse, que esperasse ao menos resposta ás cartas que te escrevemos...

— Mas eu não recebi cartas.

— Nem podias recebê-las! Se nós mandámol-as para Palermo, quando tu estavas com o Moreira Pinto, em campanha, no exercito do cardeal Ruffo. Nada a convenceu. Entrou no convento da Estrella, e hoje, hoje mesmo deve professar.

— Hoje! oh! meu Deus! exclamou Jayme, e meu pae aqui!

— Pois querias que eu assistisse a essa lugubre cerimonia? Querias que eu fosse assistir ao enterro em vida d'essa adorada creança que eu já considerava como filha? Não, não pude. O pae lá está, coitado, amaldiçoando-te talvez, e ella, a pobre pomba sem mancha, aos pés do altar, pensa de certo ainda em ti. Vae! arrebenta um dos meus melhores cavallos, mas vê se chegas a tempo. Apparelhem o *Eolo* depressa, bradou o marquez chegando-se á janella, e dirigindo-se aos creados que estavam no pateo.

— Eu mesmo o vou apparellhar, meu pae. Oh ! pobre prima ! pobre prima !

E, descendo as escadas a quatro e quatro, D. Jayme arrancou das mãos dos creados o cavallo que elles começavam a apparellhar, acabou de o arrannjar com a presteza do soldado, e saltando para a sella n'um abrir e fechar de olhos, desapareceu n'uma nuvem de poeira pelo caminho de Lisboa.

D'ahi a pouquissimo tempo apeiava-se D. Jayme junto da escadaria da igreja da Estrella, e, ouvindo lá dentro gemer o órgão, corria apressado para o vasto templo que fôra erigido pela piedade da rainha D. Maria I.

A igreja estava cheia de gente, e viam-se entre os assistentes os primeiros fidalgos de Lisboa. Officiava o deão da sé patriarchal. A cerimonia começára havia pouco tempo, e D. Jayme, que rompêra por entre a multidão, ao chegar ao centro da nave, deu com os olhos no meigo vulto de Ignez, vestindo o habito das noviças, e ajoelhada defronte do altar mór.

Convulso, attonito, não descobrindo meio de poder impedir essa especie de suicidio da sua gentil e affectuosa prima, D. Jayme procurava ainda assim entrar na capella mór, quando, ao tentar subir os degraus, tropeçou n'um homem ajoelhado, que se ia a voltar com indignação, quando, ao dar com os olhos no intruso, soltou uma exclamação de espanto.

— Tu aqui, Jayme! disse elle.

O interpellante, que era nem mais nem menos que o senhor D. Thomás de Noronha, não dissera estas palavras em voz baixa. O som do orgão, o canto das freiras attenuaram um pouco o estrondo do vozeirão, mas ainda assim não tanto que se não ouvisse na capella mór, e não fizesse voltar a cabeça a todos os circumstantes. As palavras, que D. Thomaz proferira, parece que chegaram mais ou menos vagamente ao ouvido de D. Ignez, que se voltou de repellão, e dando com os olhos em D. Jayme, que a luz, caíndo verticalmente do zimbório sobre a sua cabeça, illuminava em cheio, soltou um grande grito, e caiu desmaiada no lagedo do templo.

Houve, como era natural, grande borborinho; interrompeu-se a cerimonia, e as freiras correram a acudir á sua joven companheira, esperando que tornasse a si de prompto. Ignez porém recobrou os sentidos sim, mas para proferir palavras desconexas, que indicavam que entrára em delirio. Um medico, chamado á pressa, declarou que Ignez tinha um febre intensissima, e que era indispensavel que se mettesse immediatamente na cama e que entrasse em tratamento regular.

Dispersou-se a multidão, perturbada e curiosa, sem poder atinar com o motivo de tão subito e inesperado incidente, foi o deão despir as vestes sagradas,

e as freiras retiraram-se para os corredores do convento, onde estiveram horas e horas, commentando o caso, explicando-o a seu sabor, sem saberem ao certo o que succedêra, mas adivinhando, com o seu instincto infallivel de mulheres e de freiras, que andára n'aquillo caso de amores, e que a volta repentina de algum gentil mancebo não fôra de todo o ponto estranha ao deliquio e ao delirio.

Entretanto D. Thomás de Noronha, depois de ter acompanhado a filha até ao seu quarto na enfermaria, e de a ter deixado entregue aos cuidados de um medico e de una irmã enfermeira, saía do convento, a cuja porta o esperava D. Jayne ancioso e inquieto.

— Como está Ignez? perguntou o joven fidalgo, apenas seu tio saíu.

— Que te importa, grande tratante! respondeu D. Thomás sacudindo phreneticamente o braço do sobrinho. Se morrer é por tua causa! Por tua causa se metteu freira, por tua causa caíu agora doente, e póde-me ir para o outro mundo! Então é sina tua seres a desgraça d'aquella pequena, ou com a tua ausencia ou com a tua presenca! Era melhor quo m'a tivesses deixado socegada, e nunca houvessees pensado em casar com ella! Tolo fui eu em tratar este negocio com teu pae, tolo fui eu em lançar as minhas vistas a um meliante como tu, que nunca pararas no teu paiz, e que andas lá por fôra atrás de

quantas raparigas te apparecem! Pobre filha! Que situação a minha! Se morre, perco-a para sempre! Se vive, ahí a tenho freira professa, e perco-a do mesmo modo. Minha querida Ignez!

— Meu tio, são poucos ainda todos os insultos que me dirigir, respondeu D. Jayme. Nem lhe quero dizer que é injusto em algumas das suas accusações. Curvo-me em silencio diante da sua ira. Mas ouça-me um instante, meu tio! Não está tudo perdido. Esperemos que esta doença de Ignez, devida unicamente a uma commoção subitanea, não tenha gravidade. Sendo assim, a interrupção da cerimonia foi uma ventura. Ignez não é freira ainda, não fez votos, póde sair do convento, póde voltar para o seculo. E eu, meu tio, tenho a honra desde já de lhe pedir a mão de sua filha, se ella me não achar completamente indigno d'essa felicidade a que aspiro. E juro-lhe que, no dia seguinte áquelle em que Ignez sair do convento, celebrar-se-ha a cerimonia nupcial, e eu procurarei resgatar com todo o meu affeto e com toda a minha dedicação os desgostos que tenho causado á minha angelica prima.

— Promettes, dizes tu? exclamou D. Thomás. Ora Deus queira! Deus queira! Eu cá por mim perdôo tudo, porque só quero ver a minha Ignez feliz, e ella embirrou em gostar de ti, que o não mereces, e parecc-me que só contigo poderá ser venturosa. Mas olha lá, se tu, depois de casado, lhe dás o mais

leve desgosto, juro á fé de quem sou, que pego n'um pau e que te desanco, depois de pedir a competente auctorisação a teu pae, por ser teu pae e por ser chefe da nossa casa. Amen!

Riu-se D. Jayme da justiça expeditiva de seu tio, e prometeu não merecer nunca a dóse do vingador marmelleiro, com que seu tio o ameaçava. Riu-se D. Thomás tambem, porque no fundo era amicissimo do sobrinho, e D. Jayme, tendo mandado embora o cavallo, metteu-se na carruagem de D. Thomás para irem ambos levar ao marquez de Espozende a nova, a um tempo jubilosa e triste, de que Ignez não chegára a professar, mas que adoccêra de febre intensissima, de pura commoção por ver seu primo subitamente na igreja.

Como D. Jayme previra, a doença de Ignez não foi nem grave nem longa. Em pouco tempo recobrou a saude a gentil menina, que viu no locutorio do convento a seus pés o primo que ella amava, jurando-lhe que em todas as aventuras, a que o destino o arrojára, nunca deixára de se lembrar com affecto e com saudade da doce estrella que lhe indicava o porto. E entretanto o marquez de Espozende empenhava toda a sua influencia e a dos seus amigos para conseguir rapidamente as licenças necessarias para que Ignez saísse do claustro e não fosse professor.

Ignez, aos protestos de seu primo, respondia com

um triste sorriso de incredulidade; mas via-o ao mesmo tempo tão triste, via a sua alma tão ulcerada pelos desgostos, que, esquecendo-se completamente do seu amor proprio, esquecendo-se de si, enfim, com a mais completa abnegação, entendia que ella tinha o dever de suavisar com a sua mão-sinha delicada e affectuosa aquellas feridas que ainda vertiam sangue; de ser, como esposa, a irmã da caridade que conduzisse até á convalescença a alma enferma de D. Jayme.

Celebrou-se o casamento, como o conde de Espozende jurára a seu tio, no dia seguinte ao da saída de Ignez do mosteiro. Não diremos que D. Jayme cumpriu com enthusiasmo a sua promessa; estava ainda muito recente no seu coração a lembrança de Leonor da Fonseca Pimentel, para que pudesse deixar de sentir uma certa tristeza ao lembrar-se do fatal destino d'essa gentil mulher, que tanta impressão lhe causára.

Celebrou-se porém o matrimonio e á noite Ignez e Jayme, desviando-se dos rumores da festa, dirigiram-se cada um pela sua banda para um terraço que deitava para o Tejo, a fim de respirarem livremente o ar embalsamado da noite. No céu de um azul purissimo resplandeciam myriades de estrellas, e as aguas do Tejo quebravam aos pés do palacio com um queixume doce. Ignez encostou á balaustrada o braço, firmando ao mesmo tempo na mão o

rosto encantador, cujo fino oval ficava d'esse modo suavemente recortado. Jayme esteve um instante a contemplal-a, e a doçura da noite, a transparencia do céu, a placidez do rio, e a meiga tranquillidade do vulto de sua esposa, produziram no seu espirito tão viva impressão, que, approximando-se de Ignez, e tirando do seio duas flores, estendeu-as para ella em silencio.

— O que é isto? disse ella surprehendida.

— São as minhas recordações, Ignez. Uma rosa branca e uma magnolia, transformadas ambas em flores vermelhas pelo sangue de duas infelizes.

— Ah! disse Ignez com alegre sobresalto... e dá-m'as!

— Dou! respondeu Jayme, como testemunho de que para sempre esqueço os desatinos do meu coração, e de que nunca mais procurarei a felicidade senão no sitio onde ella devéras se encontra, no seio do lar, no coração de uma mulher doce, innocente e pura. O destino deu-me duas lições severas, e encarregou-se de cohibir os exageros da minha indole. No meu coração a piedade pelo infortunio e a admiração pelo talento transformaram-se logo em sentimentos apaixonados, e julguei por duas vezes que era amor e amor ardentissimo o que eu senti pela princeza de Lamballe, o que senti por Leonor Pimentel. Deixando-me arrastar pela exaltação das minhas paixões, duas vezes a maguei profundamen-

te, prima, e ia causando a sua morte, o seu eterno apartamento do mundo, que seria para mim tambem a eterna desgraça. Porque eu sinto agora que o amor verdadeiro, o que vive no fundo da alma, é este que tu me inspiras, Ignez, que sempre me illuminou com a sua luz suave, e não as chammas que brotavam um momento no meu coração, e que me abraçavam e devastavam o espirito.

— Oh! primo, se eu pudesse confiar!... Mas não é só dos seus amores que eu tremo, tremo tambem das suas idéas. A republica, a realeza inflammaram-n'o successivamente...

— Porque levava para a politica a mesma exaltação injusta, interrompeu D. Jayme vivamente. Hoje creia, prima, que saberei avaliar as idéas pelo que valem em si, e não pelos excessos de que são pretexto. Odiei a republica, porque erigia em systema o terror e a guilhotina, porque assassinava as mulheres, porque praticava crimes inauditos, e a final fui vel-os excedidos ainda pela realeza! Se a republica assassinou a princeza de Lamballe, assassinou a realeza Leonor Pimentel, a Jourdan Coupe-têtes respondeu Gaetano Mammone, á praça da Revolução de París a praça do Mercado de Napolles, a Fouquier-Tinville Vicente Speciale, ao Terror vermelho o Terror branco, e não sei qual d'elles seria peor, porque se a republica teve successivamente a convenção, que foi a crueldade, e o di-

rectorio, que foi a orgia, teve a realeza ao mesmo tempo a orgia e a crueldade. Não ha causas que sejam exclusivamente a do martyrio e a da innocencia, porque a final da luta que entre si travaram a republica e a realeza e em que eu tomei parte, restam-me como symbolo essas duas alvas flores, que ambas avermelharam, essa rosa e essa magnolia, que os algozes dos dois partidos transformaram em *duas flores de sangue*.

E, cingindo com o braço a cintura de Ignez, e pousando-lhe um beijo na fronte enrubescida, o conde de Espozende entrou com a sua noiva na sala, onde D. Thomás os acolheu com a sua franca chalaça, o marquez com um sorriso de ineffavel contentamento, ambos com o jubilo infinito de quem vê realisados enfim os sonhos de ventura que sonharam para seus filhos.

FIM



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
P54D8

Pinheiro Chagas, Manuel
As duas flores de sangue

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 01 009 6